



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

JANAÍNA ILARA

O MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO: O LUGAR DE
MEMÓRIA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

Salvador

2022

JANAÍNA ILARA

**O MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO: O LUGAR DE
MEMÓRIA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira

Salvador

2022

Folha catalográfica

127d Ilara, Janaína.

O Memorial Arlindo Coelho Fragoso: o lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia/ Janaína Ilara – Salvador, 2022.

130 f.: il.

Dissertação do Programa de Ciência da Informação – Universidade Federal da Bahia – Instituto de Ciência da Informação.

Orientador: José Cláudio Alves de Oliveira. Memorial Arlindo Coelho Fragoso. 2.Memória. 3. Lugar de Memória 4 Escola Politécnica da UFBA

CDU 930.25

JANAÍNA ILARA

**O MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO: O LUGAR DE
MEMÓRIA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Aprovada em 29 de Novembro de 2022.

Examinadores:

Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira (**Orientador**) _____

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Museologia

Graduado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dra. Luciana Ferreira Costa (**membro externo titular**) _____

Universidade Federal da Paraíba

Departamento da Ciência da Informação

Prof. Dra. Lídia Maria Batista Brandão Toutain (membro interno titular) _____

Universidade Federal da Bahia

PPGCI

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos que me ajudaram a construí-lo, foram muitos e de diversas formas: os que me ouviam falar direto da pesquisa, os que leram e opinaram, os que emanaram vibrações positivas e palavras de incentivo. Vocês facilitaram o meu trabalho e por isso dedico a vocês.

Agradecimentos

Finalmente o embrião que surgiu em 2018 tomou forma e resultou nesse trabalho que tenho a alegria de apresentar. Foi uma trajetória bonita, cansativa, tortuosa, mas que no final me deixou mais forte e me deu mais certeza de que esse é o caminho que quero seguir. O caminho de pesquisar sobre a memória e suas nuances, narrativas, campo de disputas, noção de pertencimento, identidade e tantas outras correlações que podemos fazer sobre a memória. Mas nada disso seria possível se eu não tivesse tido uma rede de apoio ao longo do processo e são a essas pessoas que eu gostaria de agradecer, são muitas e pra evitar um esquecimento injusto, não irei citar nominalmente todas, mas tem algumas pessoas que não posso deixar de agradecer e nominar nesse trabalho.

Louise Amaral, arquivista e coordenadora do Memorial, que mesmo afastada do trabalho para o doutorado me deu todo apoio para fazer a pesquisa e acesso a algumas informações, certamente esse trabalho não teria saído sem o apoio dela.

Jéssica Chuab e Alexandre de Souza, que leram, opinaram e principalmente me incentivaram sempre que precisei e recorri a eles. Esse trabalho não seria o mesmo sem vocês.

Tatielly Mayara, companheira das alegrias e angustias de escrever uma dissertação. Conseguimos!

Leyde Klebia, que lá em 2018 me iniciou na caminhada de trabalhar com memória sendo minha orientadora na graduação e agora pode acompanhar a conclusão dessa etapa, muito obrigada.

Aos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos sobre Cibermuseus (GREC) e Grupo de Pesquisa Saberes e Fazeres em Gestão da Informação (Geinfo), que possibilitaram trocas e aprendizados, que impactaram de forma positiva essa dissertação.

Ao programa de Pós - graduação em Ciência da Informação da UFBA, pela acolhida e acompanhamento ao longo do meu período com discente, em especial a Marilene Luzia e ao meu orientador pelo apoio.

E por fim, agradecer a minha família por todo apoio e incentivo, não fosse vocês na minha retaguarda eu não teria conseguido.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Epígrafe

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos

Pierre Nora

Resumo

O presente trabalho visa fazer uma análise do conceito de lugar de memória, cunhada pelo francês Pierre Nora, e entender o memorial como um espaço de memória, em especial o Memorial Arlindo Coelho (MACF), que atualmente figura como o espaço de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e apresentar a trajetória do MACF no processo para ser um lugar de memória. A dissertação é composta por cinco seções. A primeira é a introdução que vai abordar os aspectos iniciais da dissertação. A segunda seção apresenta o conceito de memória e introduz três teóricos que a discute. A terceira seção apresenta o conceito de lugar de memória, cunhado por Pierre Nora e avaliado sob o aspecto da contemporaneidade. A quarta seção vai desenvolver a trajetória do Memorial Arlindo Coelho Frágoso. Por fim a quinta e última seção discorre sobre as considerações finais. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa documental e bibliográfica sobre o tema, utilizando questionários como instrumento de pesquisa.

Palavra – chaves: Memorial; Escola Politécnica da UFBA; Lugar de Memória.

Abstract

The present work aims to analyze the concept of place of memory, coined by the French Pierre Nora, and to understand the memorial as a memory space, especially the Memorial Arlindo Coelho (MACF), which currently appears as the memory space of the School Polytechnic of the Universidade Federal da Bahia and present the trajectory of MACF in the process to be a place of memory.

The dissertation consists of five sections. The first is the introduction that will address the initial aspects of the dissertation. The second section presents the concept of memory and introduces three theorists who discuss it. The third section presents the concept of place of memory, coined by Pierre Nora and evaluated from the point of view of contemporaneity. The fourth section will develop the trajectory of the Memorial Arlindo Coelho Fragoso.

The adopted methodology consisted of a documental and bibliographical research on the subject, using questionnaires as a research instrument.

Key word: Memorial, UFBA Polytechnic School, Place of Memory

Lista de Imagens

Imagem 1	Convite para a inauguração da EPUFBA	66
Imagem 2	Primeira sede da EPB	67
Imagem 3	Sede da EPB localizada na Piedade	69
Imagem 4	Palacete Salvador, Relógio de São Pedro n° 57	70
Imagem 5	Flâmulas em homenagem a EPUFBA	73
Imagem 6	Fachada EPUFBA	74
Imagem 7	Anexo e acervo do MACF	82
Imagem 8	Processo de identificação	85
Imagem 9	Novo anexo	85
Imagem 10	Detalhe do novo anexo	86
Imagem 11	Premiações e homenagens	90
Imagem 12	Premiações e Homenagens (premiação acadêmica)	91
Imagem 13	Premiações e Homenagens (premiação esportiva)	91
Imagem 14	Premiações e Homenagens (Homenagens)	92
Imagem 15	Instrumentos (instrumento Científico)	92
Imagem 16	Instrumentos (instrumento pedagógicos)	93
Imagem 17	Pinacoteca	94
Imagem 18	Pinacoteca	94
Imagem 19	Bustos	95
Imagem20	Outros	96

Lista de quadros

Quadro 1	Comparativo	34
Quadro 2	Temática memória na produção científica na CI	34
Quadro 3	Prefeitos de Salvador ligados ao IPB	71
Quadro 4	Identificação das subcoleções	89
Quadro 5	Projetos do MACF	101

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Trabalhos de memória de 2006 a 2010	34
-----------	-------------------------------------	----

Lista de Organogramas

Organograma 1	Estrutura dos sistemas de memória	29
Organograma 2	EPUFBA	75

Lista de Ilustração

Ilustração 1	Perspectivas Institucionais	64
Ilustração 2	Linha do tempo	75

Lista de Siglas

ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

CI - Ciência da Informação

ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa e Pós – Graduação

EPUFBA - Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

GT - Grupo de Trabalho

IPB - Instituto Politécnico da Bahia

MACF - Memorial Arlindo Coelho Fragoso

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Sumário

1	INTRODUÇÃO	18
	1.2 Percurso metodológico	21
	1.2.1 Percurso da pesquisa: caminho se conhece percorrendo	22
2	MEMÓRIA.....	23
	2.1 Memória na Ciência da Informação.....	31
	2.2 Memória na Antiguidade e Idade Média	35
	2.3 Bergson, Halbwachs e Pollak.	41
	2.4 Memória Institucional	44
	2.5 Instituição e Memória.....	45
	2.6 Memória Institucional ou Organizacional.	48
3	LUGARES DE MEMÓRIA.....	50
4	O MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO.	65
	4.1 O início: do Instituto Politécnico da Bahia a Escola Politécnica da UFBA.....	65
	4.2 Trajetória histórica do MACF.....	76
	4.3 O Arquivo Histórico da EPUFBA	78
	4.4 De espólio a coleção.	86
	4.5 O processo de musealização e documentação do MACF.....	87
	4.6 A atuação do MACF	98
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DE 2018.....	111
	APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREVISTA DE 2018.	112
	APÊNDICE C TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1 DE 2018.	113
	APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2 DE 2018.	115
	APÊNDICE E QUESTIONÁRIO DE 2022.	119

APÊNDICE F RESPOSTA DO PROFESSOR DR. CAIUBY ALVES TEXEIRA.....	120
APÊNDICE G RESPOSTA DO PROFESSOR DOUTOR LUÍS EDMUNDO.	121
APÊNDICE H QUESTIONÁRIO PARA LOUISE AMARAL.	122
APÊNDICE I REPOSTA DE LOUISE AMARAL.	124
APÊNDICE J TERMO DE CONSENTIMENTO QUESTIONÁRIO DE 2022.	129
ANEXO A ORGANOGAMA DA UFBA.....	130

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu a partir do desejo de fazer uma análise do Memorial Arlindo Coelho Fragoso (MACF) como um lugar de memória e espaço fazedor da memória institucional da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA), da qual o MACF integra.

A pesquisa voltou-se para o Memorial como lugar de memória, que gerencia, custodia e preserva, dissemina documentos e dá acesso a eles para que dessa forma não apenas a comunidade da EPUFBA pudesse usufruir das informações disponíveis, mas pesquisadores interessados, na história da engenharia baiana, na formação e ampliação da EPUFBA, da relação dela com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a memória contada por ela.

O interesse pelo tema, surge ainda na graduação de arquivologia, iniciada após já ter concluído o curso de museologia e ter especial interesse em entender as proximidades conceituais e técnicas de trabalho da arquivologia e museologia e para satisfazer o interesse acadêmico, realizei o trabalho de conclusão de curso (TCC) de arquivologia, relacionando o Memorial Arlindo Coelho Fragoso e a relação entre a museologia e a arquivologia. O trabalho foi possível, pois o MACF é considerado um memorial híbrido, já que possui funções arquivísticas, pois nasce do arquivo histórico da EPUFBA. Veremos de forma mais detalhada o processo, ao longo do trabalho.

O Memorial tem como missão “Promover a salvaguarda, valorização e o acesso ao patrimônio arquivístico e museológico da EPUFBA para a comunidade universitária e sociedade em geral” (UFBA, 2018, online). A missão baseia-se na ideia de que um memorial:

Passa a ser compreendido como um espaço de memória que enfatiza algo ou alguém e que conserva um patrimônio relacionado a homenagem. O memorial passa a fazer parte da construção de conhecimentos sobre a temática a que se insere, e se faz reflexo da identidade cultural, pois nele se infere nas trocas de experiências entre profissionais, pessoas e a instituição. Além de espaço de homenagear, um memorial pode integrar outros espaços, como um centro cultural, podendo agregar museu, exposição, teatro, centro de convenção, biblioteca, arquivo, entre outros (COSTA, 2015, p. 31).

Como dito anteriormente, o MACF é oriundo do arquivo permanente da Escola politécnica da UFBA, e ainda atua como um, ou seja, os documentos que possuem valores secundários são recolhidos para o Memorial e os documentos referentes a fase corrente e intermediária ficam nos departamentos de cada curso que integram a EPUFBA.

Simultaneamente desenvolve a função memorialista e de disseminar a história da escola, daqueles e daquelas que contribuíram para o nascimento, manutenção e melhorias da EPUFBA.

Como essa relação pode potencializar o papel informacional do memorial é uma das forças motriz para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Contudo ter o MACF como objeto de pesquisa do TCC não foi o suficiente e ao invés de sanar a curiosidade, fez surgir novas questões e reflexões o que resultou em ampliar a pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA, mas agora o interesse é a memória, e nesse caso a construção da memória institucional da EPUFBA e o papel do MACF nesse processo. E assim uma nova fase da pesquisa foi iniciada, pois percebi, ao finalizar o TCC, que tinha respondido a uma questão, porém o processo de análise aponta lacunas e gera novas questões e reflexões, portanto, assim como foi na graduação, o que se encerra nessa pesquisa é uma etapa, de uma caminhada acadêmica e de um assunto vasto que aponta para diversas direções.

Uma das direções escolhidas, foi realizar a pesquisa no programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, pois tendo a memória como fio condutor, a pesquisa e o projeto poderiam ter sido desenvolvidos no programa de Pós-graduação em Museologia ou áreas afins, mas ao optar pela área da Ciência da Informação (CI) foi para ampliar as pesquisas que envolve memórias CI, tema que vem crescendo dentro da área como veremos mais à frente. Um outro fator, foi entender que a museologia, mesmo possuindo metodologia própria, faz parte das múltiplas disciplinas e ciências que a Ciência da Informação dialoga. E como dito antes, a ideia de trabalhar as possibilidades e proximidades da arquivologia e da museologia, são uma fonte de interesse, e a CI permite estabelecer essa relação.

Por trabalhar a ideia de *lugar de memória clássico*, ou seja, com Arquivo, Biblioteca e Museu, para depois apresentar o conceito de memorial, e por fim no Memorial Arlindo Coelho Fragoso, partimos da premissa de que, durante a Antiguidade, o Arquivo, a Biblioteca e o Museu podiam ser uma única instituição como o *Mouseion* ou a Biblioteca de Alexandria, onde em um mesmo espaço era possível ter documentos para serem guardados, além dos livros e obras de arte. A Idade contemporânea trouxe as especificidades e cada área passou a ter desenvolvimento próprio. A criação dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia na *École des Chartes* e do curso de Museologia na *École du Louvre* na segunda metade do século XIX acentuou o caráter individual de cada área (TANUS; ARAÚJO, 2012, p. 30).

Devido as ampliações nos conceitos de memória, informação e documento as *Três Marias*¹ estão cada vez mais próximas. Além de ser cada vez mais comuns instituições com acervo misto, como é o caso do MACF.

Alguns trabalhos já foram desenvolvidos na área da Ciência da Informação abordando a relação das *Três Marias*, nome dado a Arquivologia, Biblioteconomia e a Museologia devido a sua proximidade. No Brasil desde os anos 1990 essa aproximação vem sendo trabalhada, chegando a pensar em um tronco comum as três ciências, tendo a informação como um elo.

Todavia, relação da Museologia com a Ciência da Informação ainda é muito tímida, segundo Tanus e Araújo (2012, p. 28), é uma condição ímpar, e é possível devido a “vínculos institucionais, políticas públicas, ações acadêmicas e estudos interdisciplinares”.

Consideramos que esse trabalho pode ajudar a fortalecer a relação da museologia com a Ciência da Informação, ampliando a conexão entre elas, e estabelecer um diálogo entre a arquivologia e a museologia, e principalmente analisar o MACF como o lugar de memória da Escola Politécnica e como o MACF trabalha com as disputas que o campo da memória possibilita.

Logo, o objetivo Geral desta pesquisa se configurou em: **Investigar o Memorial Arlindo Coelho Fragoso como espaço de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia**

Especificamente pretendeu-se:

- a) Apresentar o conceito de memória institucional;
- b) Discutir o conceito de lugar de memória;
- c) Narrar a trajetória e as atividades do Memorial Arlindo Coelho Fragoso.

Para atingir o objetivo geral proposto foi preciso entender o conceito de memória, nesse sentido foi feita uma revisão bibliográfica acerca do tema com o objetivo de apresentar o conceito de memória institucional. Também foi uma opção nossa na segunda seção relacionar o conceito de memória com a Ciência da Informação por compreendermos que esta é uma temática que tem crescido na área, que até resultou no Grupo de Trabalho (GT) Informação e Memória, criado em 2010, no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós – Graduação (ENANCIB), evento organizado pela Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB).

¹ Para Smith (1999) a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia lidam com a informação registrada, gestão da memória e mediação da informação formam uma mesma família.

A terceira seção visa compreender o que é *lugar de memória*, termo cunhado por Pierre Nora (1931), para se referir a espaços que preservam a memória, uma vez que a sociedade está perdendo a capacidade de guardar de maneira natural a memória social. O teórico apresenta o arquivo, biblioteca e museu como *lugares clássicos*. Então, além de discutirmos sobre lugar de memória, vamos abordar sobre a história e funções das referidas instituições, e por fim apresentarmos o conceito de memorial, que também se enquadra no conceito do supracitado historiador francês.

E por fim, a quarta seção vai abordar o MACF, seu histórico e as atividades desempenhadas no âmbito das instituições e entender o lugar dele como *locou* da construção e disseminação do memorial institucional da EPUFBA e também como espaço de preservação dos documentos arquivísticos e museológicos que auxiliam na construção dessa memória.

1.2 Percurso metodológico

A Ciência da Informação está ligada ao campo das ciências sociais aplicadas, assim como a Museologia, geralmente a abordagem escolhida para realizar pesquisa nesse campo do conhecimento é a abordagem qualitativa, pois, para alguns teóricos, seguir o modelo utilizado nas ciências naturais e exatas não engloba a complexidade das relações sociais e “simplificam a vida social limitando-a aos fenômenos que podem ser enumerados” (GOLDENBRG 1997, p. 61), o método qualitativo por outro lado permite um foco no processo é:

Fonte direta de dados no ambiente de dados no ambiente natural, constituindo-se o pesquisador no instrumento principal; é uma pesquisa descritiva, em que os investigadores, interessando-se mais pelo processo do que pelos resultados, examinam os dados de maneira indutiva e privilegiam o significado (SANTOS, 2004, p 56).

Nessa pesquisa optamos por fazer uma combinação dos métodos, pois assim como Max Webber (1864-1920), também defendemos que o método quantitativo pode auxiliar na compreensão de determinado problema e auxiliar a melhor forma de resolução do problema proposto.

A pesquisa buscou analisar o diálogo interdisciplinar entre duas áreas afins por meio de um estudo, sendo assim os procedimentos que sustentaram a pesquisa são: o documental, o bibliográfico e o descritivo.

O documental consiste em utilizar os documentos existentes no MACF e os documentos gerados no processo do tratamento documental do acervo. No procedimento bibliográfico, a

fonte de pesquisa será a partir dos livros, artigos, periódicos que abordem a temática pesquisada. Por fim, o procedimento descritivo, que vai resultar em pormenorizar a pesquisa.

O ambiente de pesquisa deste trabalho foi o MAFC, situado na EPUFBA. Formado por um acervo de diversas espécies, tais como: atas, correspondências, relatórios, regimentos, balancetes, plantas, ofícios, circulares, pareceres, cadernetas. E ainda exerce a função de arquivo permanente, pois recolhe documentos dos arquivos correntes que compõem a EPUFBA. Acrescida a função memorialística com o acervo museológico.

Os dados coletados no MACF são oriundos de pesquisa em periódicos, palestras, entrevistas, questionários, relatórios técnicos. Em relação à entrevista, é preciso destacar que, para analisar as mudanças que ocorreram no MACF, foi aproveitada uma entrevista realizada em 2018, e um novo questionário foi realizado em 2022. Por conta da pandemia, a entrevista de 2022 foi feita por meio de questionário. Tanto a entrevista de 2018, quanto o questionário realizado em 2022 estão disponíveis nos Apêndices A a D. a ideia do questionário seguia as mesmas linhas das entrevistas de 2018 que visavam indagar os profissionais que estavam próximos ao processo. Foi solicitada entrevista com o professor Dr., Luís Edmundo, que era diretor da EPUFBA, quando o projeto começou a ser executado, e para a professora Dra. Tatiana Dummente, diretora à época quando o MACF ficou pronto e passou a funcionar, e quando foi inaugurado oficialmente. E para a arquivista Louise Amaral, coordenadora do memorial e que acompanhou o processo.

Em 2022 foi realizado o questionário com o professor Dr. Caiby Teixeira Alves, diretor que antecedeu o professor Dr. Luís Edmundo, e é durante a sua gestão que surge a preocupação com a documentação histórica da EPUFBA. Dessa vez um questionário foi enviado para o MACF, pois a arquivista Louise estava afastada da coordenação em virtude de licença para o doutorado, mas a compreendemos como peça chave para entender o memorial.

Os instrumentos de pesquisas gerados, foram tabelas, fotos e os roteiros das entrevistas semiestruturadas (Apêndice E a I). Para a análise dos dados foi utilizado o método de análise interpretativa, vertente da abordagem qualitativa.

1.2.1 Percurso da pesquisa: caminho se conhece percorrendo

Quando iniciamos a jornada no Programa de Pós-Graduação de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, a ideia inicial foi trabalhar como a relação da arquivologia e da museologia e o processo informacional no MACF, tendo como ponto de partida o

documento, que é o objeto de trabalho das duas áreas que versam este memorial, que são a arquivologia e a museologia, uma vez que o memorial foi formado a partir do arquivo histórico da Escola de Engenharia da UFBA e por ser um espaço museal essas duas áreas estão, ou ao menos deveriam estar em diálogo. Seria trabalhar as lacunas deixadas pelo TCC da graduação em Arquivologia, desenvolvido pela autora.

Com o decorrer das aulas, as trocas com colegas e professores e orientações, a ideia do que seria de fato a pesquisa começou a tomar forma. Saiu a ideia de trabalhar de modo individual com os documentos arquivísticos e museológicos, mas de compreendê-los como ferramentas, como uma ancoragem da memória da EPUFBA, daí veio o questionamento: de que memória estamos tratando? E chegamos ao entendimento de que o MACF atua como centro produtor e disseminador da memória institucional da EPUFBA, tendo o MACF e a memória institucional como motes da pesquisa, então era preciso pensar como desenvolver essa relação. O primeiro passo foi entender o que é um memorial, nesse sentido compreendemos o MACF como um *lugar de memória* e que tem a sua missão bem estabelecida, mas por já ter realizado pesquisa anterior envolvendo memorial, tínhamos a hipótese de que o MACF tem sim o papel de preservar a memória institucional da EPUFBA. Mesmo o memorial sendo denominado de uma maneira personalista, Arlindo Coelho foi um dos engenheiros que viabilizou a fundação do Instituto Politécnico, que deu origem a EPUFBA. As atividades e projetos realizados pelo memorial visavam que outras vozes fossem escutadas, por meio dos documentos, dos dossiês, das atas, dos troféus, homenagens, flâmulas, pois por meio deles, aliado com uma pesquisa, é possível extrair informações que farão ponte com as memórias da EPUFBA.

Com a pesquisa em andamento, já próximo de começar a fase de visitas ao MACF, para novas fotos, em busca de novos dados e realizar as entrevistas, veio a pandemia, a escola e conseqüentemente o memorial fecharam o acesso ao público, sendo assim, era preciso repensar a pesquisa, até porque a pandemia não afetou somente as questões práticas e burocráticas de uma pesquisa, mas também o emocional, e tivemos que aprender a lidar com a pandemia e adaptar processos.

2. MEMÓRIA

O conceito de memória tem sido fonte de pesquisa e estudo em diversas áreas do conhecimento, pode-se dizer que houve um alargamento no seu significado: tem sido bastante trabalhado na Biologia, ao abordar a genética para entender a relação entre memória e hereditariedade; com a Psicologia e Psicanálise, seja para entender os sonhos, seja para entender

como a memória está relacionada ao aprendizado, à identidade do indivíduo; assim como nas Artes, com o Surrealismo, que explorou os sonhos em suas telas e estava acompanhando os progressos da Psicanálise, ou como alguns artistas contemporâneos que trabalham a memória ancestral em seus trabalhos, como Ayrson Heráclito e Thiago Santana², que, através da arte, questionam e buscam a memória daqueles que participaram da diáspora africana e ainda sentem os seus efeitos.

De modo geral, o assunto memória não permeia apenas uma área do conhecimento, e tem sido muito discutido nas Ciências Humanas, nas Ciências Sociais e nas Ciências Sociais Aplicadas, em especial na Museologia e na Ciência da Informação, discutidas em relação a identidade, poder, esquecimento e informação.

A proposta dessa seção é apresentar alguns conceitos sobre memória,, pensando a partir de seu funcionamento, função e discussão ao longo da história com ênfase na memória social que acreditamos ser o fio condutor do trabalho que aqui pretendemos.

De modo geral, é atrelada à memória a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações, contudo, para compreender como se dá o processo de receber uma informação, armazená-la ou não, e a possibilidade de evocá-la no mesmo instante ou anos depois recuperando a informação, é preciso que ocorra uma série de reações e encadeamentos nervosos que permitam que impulsos neurais sejam transmitidos, traduzidos em informação, sendo armazenados e possibilitando a rememoração.

Esta pesquisa não tem a intenção de ser um tratado acerca do funcionamento do cérebro no que tange à memória, mas iremos apresentar alguns pontos que possam auxiliar a entender o mecanismo que permite compreender como as memórias de longa duração, sensorial e de trabalho, são formadas, armazenadas e evocadas. Os estudos para compreender de forma mais específica como funciona o armazenamento e suas relações (por exemplo como acessar a lembrança específica e resultados interacionais) ainda estão sendo executados e são um trabalho constante que permeia a biologia, a psicologia e outros campos que se relacionam com o funcionamento da máquina que é o cérebro humano.

A função da memória vai além da capacidade de recordar fatos, lembranças,

²Ayrson Heráclito é artista visual e curador, doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. Professor do curso de Artes Visuais do Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Suas obras transitam pela instalação, performance, fotografia e audiovisual, lidam com frequência com elementos da cultura afro-brasileira e já foram vistas em individuais na Bahia, mostras, festivais e Bienais internacionais.

Tiago Sant'Ana é artista visual, curador e doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Seus trabalhos imergem nas tensões e representações das identidades afro-brasileiras, entendendo as dinâmicas que envolvem a produção da história e da memória.

informações, isto porque é a partir da memória que é formada a nossa identidade pessoal, que auxilia no aprendizado, e nas funções mais simples como a nossa capacidade de dirigir um automóvel ou tocar um instrumento ou como iremos reagir durante uma situação de perigo. Mais à frente abordaremos essa questão com mais ênfase apresentando o teórico Bergson, que trabalhou a ideia de memória como um reflexo de ação.

Segundo Carlos Alberto Mourão Júnior e Nicole Costa Faria (2015), no artigo intitulado “Memória”, o que se pode afirmar em termos do nosso conhecimento sobre o funcionamento do armazenamento da memória é que:

O que se sabe, atualmente, é que as informações que chegam ao nosso cérebro formam um circuito neural, ou seja, a informação recebida ativa uma rede de neurônios, que, caso seja reforçada, resultará na retenção dessa informação (por informação, entendemos qualquer evento passível de ser processado pelo sistema nervoso: um fato, um objeto, uma experiência pessoal, um sentimento ou uma emoção). Por isso considera-se que a repetição seja uma estratégia necessária para a memória (MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015, p. 2)

A partir do conhecimento de como a informação ativa uma rede neural que vai permitir que três outros subprocessos de armazenamento ocorram. Por uma questão de didática os três subprocessos de armazenamento serão apresentados neste trabalho de forma separada, mas eles ocorrem de forma paralela, mas elas geralmente ocorrem de maneira simultânea.

O primeiro subprocesso de armazenamento é a aquisição, que também pode ser denominada de aprendizagem, que consiste em receber a informação no nosso sistema nervoso central (o termo informação refere-se ao entendimento de Mourão Junior e Faria³ (2015).

O segundo momento é a consolidação, que consiste em armazenar a informação. Esse processo pode ser executado de duas formas: através de alterações bioquímicas ou através de fenômenos eletrofisiológicos. As duas formas têm relação com a maneira como os neurônios irão estabelecer os vínculos, e ambas as formas são processos dinâmicos que terão como corolário as informações que ficam em regiões distintas do cérebro. Por fim, a evocação, que é a possibilidade de recuperar a informação que foi armazenada.

Mendonça [s.d.], indica que já foram listados 134 tipos de memórias e que vários modelos têm sido construídos para explicá-las. Uma das formas de tipificá-las é em relação à duração. Desse modo, é comum encontrarmos os conceitos de memórias de longa e de curta duração ou de memórias imediata e tardia.

³ Apenas nessa seção iremos abordar o conceito de informação da psicologia, por tratar de um ponto onde abordamos um pouco do funcionamento biológico.

As fases ou estágios da memória foram associados classicamente ao modelo modal de memória (Atkinson e Shiffrin, 1968). Esse modelo comportou a ideia de que a informação passava por um armazenador temporário sensorial, seguindo após para um de curta duração e finalmente um depósito de longa duração com capacidade ilimitada. Esse modelo foi testado exaustivamente e alguns de seus pressupostos refutados. Primeiramente verificou-se que a informação não precisa necessariamente passar por uma via linear, mas poderia seguir “em paralelo”. Além disso o sistema de curto prazo não é único, mas subdividido em subsistemas específicos, como a alça fonológica e a alça espacial do modelo de memória operacional. Sistemas que funcionam de forma paralela e distribuída. (MENDONÇA, [s.d.], n.p.)

Nesta pesquisa escolhemos abordar a partir da forma como se apresentam em suas funcionalidades, sendo assim, temos a memória sensorial e a memória de trabalho, pois tem uma maior proximidade com o tema que queremos discutir

A memória sensorial, como o próprio nome já indica, está ligada às memórias armazenadas a partir do estímulo dos sentidos, sejam eles o visual, o olfativo, o tátil ou o gustativo. Tem como uma das suas características a velocidade, e em seguida o desaparecimento da informação caso não seja recuperada. Isso ocorre pois:

a memória sensorial se caracteriza biologicamente por ser um fenômeno de natureza elétrica. Isso quer dizer que essas informações não produzem alterações morfológicas e nem funcionais nos neurônios envolvidos neste processo. A informação está disponível apenas enquanto os neurônios disparam potenciais elétricos. Com o fim desses disparos, perde-se a informação. (MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015, p. 4).

Em virtude de não causar alterações morfológicas, a memória sensorial não é capaz de provocar a mudança de forma no circuito neural e de forçar uma conexão entre as sinapses⁴, como acontece nas memórias de longa duração, que possuem uma capacidade de armazenamento mais longo.

A memória de trabalho começou a ser pesquisada nos anos 1960 e, para os autores Mourão Junior e Faria (2015), por conta disso, ainda figura como algo novo e, por isso, motivo de divergência entre autores em relação ao conceito.

Seguindo o proposto pelos autores, a memória de trabalho, assim como a memória sensorial, também é rápida, e o armazenamento é feito enquanto fazemos uso da informação; mas há potencial para outras lembranças dependendo da nossa motivação. Por exemplo, se for algo que cause uma forte emoção, essa informação, que inicialmente era para um uso imediato, pode vir a ser armazenada na área referente à memória de longa duração.

Um destaque que deve ser feito em relação à memória de trabalho é que, por meio dela,

⁴ Sinapses são zonas ativas de contato entre uma terminação nervosa e outros neurônios, células musculares ou células glandulares. Do ponto de vista anatômico e funcional, uma sinapse...pt.wikipedia.org. Acesso em 12 de junho de 2022. Texto sob licença de CC-BY-SA

é possível uma articulação entre a memória de curta duração e a memória de longa duração, fazendo as conexões.

Mourão Junior e Faria (2015) fazem uma analogia da memória de trabalho com um carrinho de supermercado, e a memória de longa duração com um grande depósito cheio de caixas que seriam retiradas do armazém por meio dos carrinhos, que fariam o transporte.

A memória de trabalho gerencia as informações contidas em nossa memória de longo prazo, trazendo à consciência as informações de maneira sequencial e ordenada, criando um fluxo de pensamento coeso e coerente, permitindo que, assim, possamos produzir nossas ideias em consonância com o que a realidade nos apresenta (Goldberg, 2009). (MOURÃO JÚNIOR; FARIA. 2015 p.5).

A memória de trabalho é um meio de interligação entre o que está armazenado na memória de longa duração, e a informação que está sendo utilizada no momento.

Já a memória de longa duração recebe este nome por ter a capacidade de armazenar informações durante muito tempo, também pode ser denominada de memória remota. Está dividida em memória declarativa ou explícita e memória não declarativa ou implícita.

A memória declarativa é aquela que podemos recuperar de maneira consciente por meio de palavras. É aqui que estão armazenadas as memórias mais remotas, lembranças da infância por exemplo. Pode ser classificada em memória episódica, que guarda informações relacionadas a um determinado momento no tempo, sendo, portanto, responsável pela nossa autobiografia. As autoras Fabiana Michelsen de Andrade, Vanessa Kappel da Silva e Jaqueline Bohrer Schuch, no artigo intitulado “A influência genética na memória humana: uma revisão”, em 2011, acrescenta a memória episódica subdividindo-a em: a) *visual*, que está envolvida diretamente na percepção do ambiente, estando relacionada à capacidade de recordar imagens, como símbolos, desenhos, fotos ou outros recursos gráficos, e b) *verbal*, que está relacionada à nossa capacidade de reter os fatos em uma ordem cronológica. Já na memória semântica não há uma linearidade de tempo e espaço específicos, mas o aprendizado em si, o aprendizado de um idioma.

Diferente da *memória sensorial* e de *trabalho*, a memória de *longa duração* produz mudanças estruturais neurais. Quanto maior a informação a ser guardada, maiores serão as sinapses modificadas. Dessa forma, o cérebro vai se adaptando para manter o armazenamento.

É preciso salientar que, mesmo tendo estrutura para armazenar uma quantidade substancial de informação, e durante um longo período não guardamos a informação exatamente como ocorreu, há perdas durante o processo de consolidação que se apresentará no momento de evocação da memória. Ou seja, o fato de existir uma área reservada no cérebro para armazenar as memórias de longa duração não significa que vamos recuperar essa memória

exatamente como o fato ocorreu. Nas palavras de Mourão Junior e Faria (2015, p1)

De fato, a evocação nada mais é do que um processo de edição de fragmentos de memória, os quais são organizados pela memória de trabalho e pelas funções executivas visando formar um todo mais ou menos coerente. Por isso cada um lembra de um determinado fato à sua maneira. A evocação está, portanto, longe de ser uma reprodução fiel das informações que foram arquivadas. Trata-se, em verdade, mais de um processo criativo do que reprodutivo.

Pollak (1992), quando aborda a oralidade enquanto fonte, e sobre como proceder em entrevistas, já conta com esse processo editorial da memória, de possuir uma característica flutuante e mutável, mas indica que há pontos invariantes e imutáveis que irão surgir durante as entrevistas e que validarão a oralidade como fonte histórica.

É no campo da memória declarativa que, ao estabelecer as conexões, o conhecimento adquirido nos auxilia na tomada de decisões e, principalmente, nos ajuda a reagir em situações de perigo, uma alusão ao nosso processo adaptativo, que foi apontado por Bergson (1992), como veremos mais adiante; a memória foi a responsável pela nossa sobrevivência.

Ao abordar as perdas durante a evocação, Mourão Junior e Faria (2015, p. 4) narram a importância do esquecimento neste processo, que para eles está relacionado a otimizar e economizar as sinopses, resultando em mais espaço para armazenamento.

Tão importante quanto conseguir memorizar é conseguir esquecer. O esquecimento acontece porque somos bombardeados com incontáveis estímulos o tempo inteiro, muitos dos quais são totalmente irrelevantes. Por isso, selecionamos as informações mais importantes para serem arquivadas (MOURÃO JUNIOR; ABRAMOV, 2015, P.7)

Segundo consta no artigo “Influência da genética humana: uma revisão” (MISELCHEN DE ANDRADE; KAPEL DA SILVA; BOREH SUCH, 2011), foi em 1986 que um estudo realizado pelo National Institute of Mental Health indicou que a perda da memória associada ao envelhecimento não é mais considerada uma patologia, mas um processo natural do corpo humano. Já a perda da memória em outras circunstâncias continua sendo fonte de estudos.

Podemos perceber a importância do esquecimento. O esquecimento faz parte do processo biológico e da vida. Não é em vão que lembrar e esquecer estão sempre conectados; e os espaços de memória: arquivos, bibliotecas e museus, são espaços de disputa de poder, porque é por meio deles que institucionalmente será escolhido o que será lembrado e o que será esquecido. Por isso é importante que saibamos que não são espaços neutros, e que são espaços de narrativas e que os profissionais que atuam nesses campos devem estar atentos e desenvolver o protagonismo social. Esse assunto será retomado no capítulo seguinte.

Já a memória não declarativa está relacionada ao nosso inconsciente, ou seja, não dependem de processos intelectuais. No estudo de Mourão Junior e Faria (2015) são apresentadas três subdivisões:

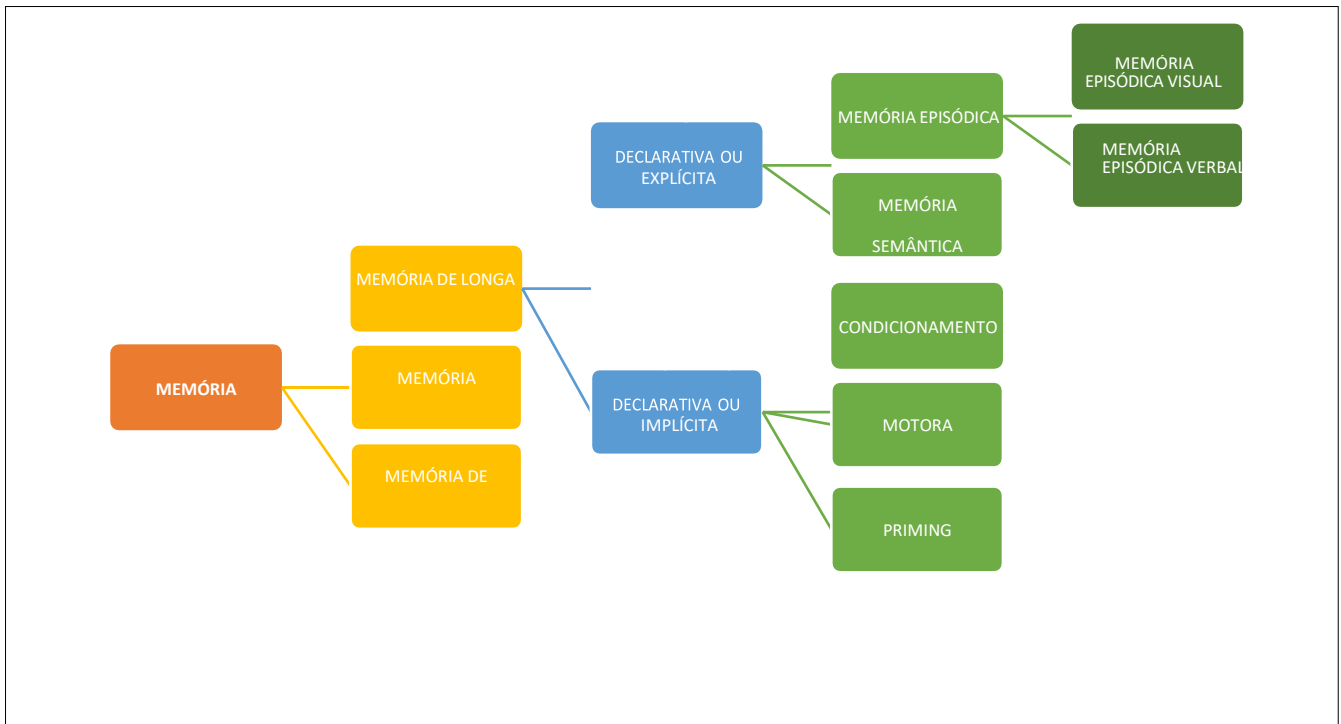
a) os *condicionamentos*, que são associações relacionadas aos estímulos eles estão ligados aos processos de aprendizagem;

b) a *memória motora*, responsável pelos procedimentos e habilidades motoras, apresentando resultados após uma longa sequência de repetição; e

c) o *priming*, que é a capacidade de evocar a memória a partir de pistas. Acontece quando se está a tentar lembrar de algo, uma música, por exemplo, e então alguém diz uma palavra e prontamente você recorda a letra.

De uma forma resumida, apresentamos nesta seção um pouco sobre o funcionamento da memória. Lembrando que são variados os estudos na área e que os teóricos divergem quanto algumas nomenclaturas e, como foi dito anteriormente, já foram identificados mais de cem tipos de memórias. Aqui apresentamos o que consideramos básico, e da área da Ciência da Informação, para compreender o processo de aquisição, armazenamento e evocação da memória. Abaixo um organograma sobre o modelo adotado nesta pesquisa sobre memória.

Organograma 1: Estrutura dos sistemas de memória



Fonte: Mendonça ([s.d.])

É a partir da compreensão do funcionamento da memória que estudos de diversas áreas do conhecimento procuram entendê-la. Os sonhos, que durante muito tempo foram objeto de estudos dos psicanalistas, são vistos como um momento em queo aprendizado está sendo consolidado. A memória e o aprendizado também caminham juntos, tanto que a etapa de aquisição da memória também é apresentada como aprendizado.

Como dito anteriormente o estudo da memória também é área de interesse da História, Arquitetura, Museologia, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, pois vai trabalhar o conceito de memória social aliado aos conceitos de esquecimento, identidade, patrimônio cultural, preservação, cultura.

É consenso entre os autores de trabalhos relativos à memória atribuírem ao teórico Maurice Halbwachs (1877-1945) apontar o caráter social e coletivo da memória, como abordaremos mais à frente.

Meneses (1999) define memória no sentido de construção social, sendo elemento de formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. A memória, permite que a sociedade e os indivíduos que a compõem, reconheçam o patrimônio material e imaterial como elementos de significado para si. (SCHAFER; FLORES, 2013)

Por essa razão, e aqui reportando às áreas das Humanidades e Ciências Sociais, há diversas definições de memória nesta pesquisa. Escolhemos a definição apresentada por Jaques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas. (LE GOFF, 19 p. 224).

A escolha dessa definição não se deu apenas pelo fato de Le Goff ser considerado uma referência clássica sobre memória histórica, sendo um dos autores mais citados nas dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (OLIVEIRA; RODRIGUES; MOTA, p 99), mas também por aproximar os conceitos de informação e memória histórica, um dos objetivos desta pesquisa.

2.1 Memória na Ciência da Informação

O tema memória foi crescendo o universo da Ciência da Informação (CI), e na medida em que se apropria do tema, também a ideia do que era a CI foi se modificando. Para traçarmos essa relação, dois pontos serão destacados aqui: o primeiro, um breve histórico sobre a Ciência da Informação e seus paradigmas; o segundo, apresentar o crescimento do tema da memória na CI, tendo como indicador o surgimento do Grupo de Trabalho (GT) Memória e Informação no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), considerado o evento mais importante da área.

A Ciência da Informação tem seu surgimento ligado ao fim da Segunda Guerra Mundial devido à explosão informacional, à revolução científica e técnica e à necessidade de organização e recuperação da informação de maneira rápida e eficiente. Harold Borko, em seu artigo "*Ciência da Informação: O que é isto?*", publicado em 1968, aponta a CI como a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos da informação e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e à usabilidade.

Neste primeiro momento, a CI está muito conectada à teoria matemática da comunicação, formulada por Shannon e Weaver, que também ficou conhecida como teoria da informação. Em sua teoria, os autores apontavam três níveis de problemas acerca da comunicação:

- a) Focado na questão física, ou seja, na questão técnica e material no transporte da informação;
- b) A questão da atribuição do significado da informação e
- c) Ligado a eficácia da transferência.

Ao abordar as correntes teóricas da Ciência da Informação, Araújo (2009) aponta algumas teorias trabalhadas na sua gênese (de 1940 a 1960), para além da teoria da informação, entre elas a teoriasistêmica da informação, estudando as partes para entender o todo; a bibliometria, focada em quantificar a informação; a teoria da representação e da classificação, importante para pensar a organização da informação para facilitar a sua recuperação e uso, e a produção e comunicação científica, pois era cada vez mais urgente que as informações fossem compartilhadas com agilidade e precisão.

Com o passar do tempo cresceu muito o debate sobre o que é a CI e sobre o que ela estuda, e um novo enfoque foi dado neste processo, a questão da cognição. Assim, o enfoque não é mais em como a informação é transportada, na materialidade, mas sim em como a informação é entendida e em como funciona esse processo. Não basta apenas recuperar a informação, é preciso entender o usuário e sua interação com o meio que possibilita recuperar a informação. Kochen (apud SARACEVIC 1996) aponta que a recuperação da informação é composta por três partes:

- a) as pessoas em seu papel de processadores de informações;
- b) os documentos em seu papel de suportes de informações;
- c) os tópicos como representações. Desse modo, é também dada uma ênfase ao sujeito que se relaciona com a informação.

O conceito sobre o que é a Ciência da Informação é alargado, como podemos ver na definição dada por Tefko Saracevic:

Um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para o problema da efetiva comunicação do conhecimento e seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p.45)

Essa nova visão acerca da CI vai possibilitar que novas ideias sobre o objeto de estudo da área possam ser exploradas. E é assim que o aspecto social vai surgir, a questão do social, pois, como aponta Capurro (2003), é a partir da informação que os seres humanos compartilham o mundo uns com os outros; logo, a informação é necessária, pois o indivíduo está imerso na sociedade

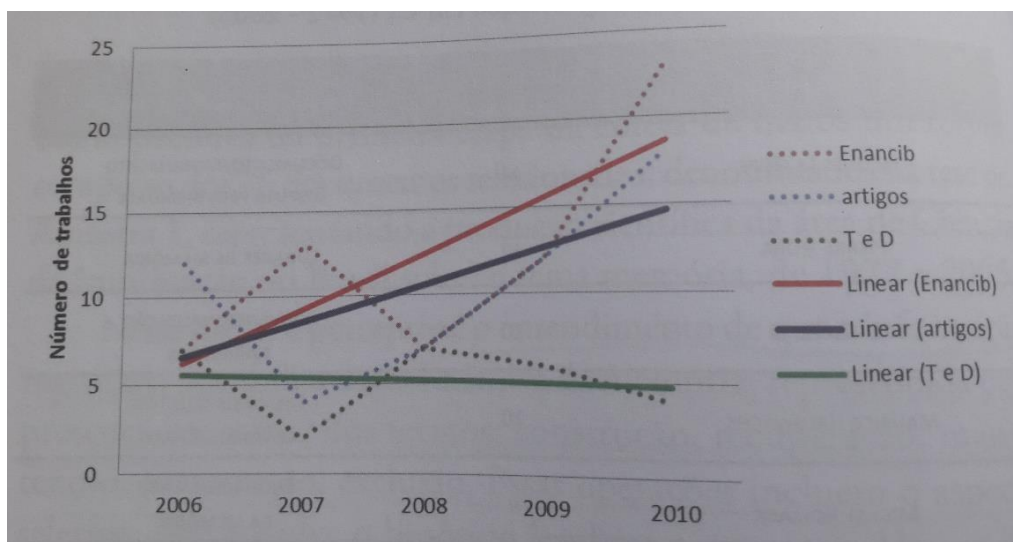
Um dos autores que corrobora com essa abordagem é Hjørland (2007), que afirma que a CI é o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades de usuários.

Capurro apresenta três paradigmas da CI: o paradigma *físico*, que vai ser questionado pelo paradigma *cognitivo*, que em seguida será suplantado pelo paradigma *social*. Esta forma de ver a CI não é única e nem é uma forma de limitá-la. É apenas uma das maneiras de estudá-la. Lembrando que, por estar a CI apresentada por paradigmas, não implica que, para um começar, o outro teve que terminar. Esse modelo de paradigma vai acabar influenciando em como foram estabelecidas as três categorias, estabelecidas pelo GT10 do ENANCIB, nas quais a memória é trabalhada na CI. Tais categorias tornaram-se viáveis devido ao aumento do número de trabalhos que envolvem o tema memória na produção científica brasileira da área da CI.

Mas de que maneira o tema memória tem sido trabalhado na CI, ou quais relações são costuradas com outros temas abordados na área?

Os gráficos abaixo ilustram o crescimento dos trabalhos que abordam a temática memória na CI

Gráfico 1: Trabalhos sobre memória de 2006 a 2010



Fonte: OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017, p.100

Quadro 1 - comparativo

Fonte Documental	1972 – 2005	2006- 2010
Artigos de Periódico	27	54
Comunicações do ENANCIB	30	62
Teses e Dissertações	19	26
Total	76	142

Fonte: OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017, p.100

Quadro 2: Quadro de trabalhos envolvendo a temática memória na produção científica na CI brasileira no período de 2011 a 2019, após a criação do GT10

Fonte Documental	2011 - 2019
Comunicações do ENANCIB	381
Teses e Dissertações	86
Artigos	392
Total	859

Fonte: OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017, p.101

O artigo “A memória na Ciência da informação” (OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017), indica que há três categorias nas quais a memória tem sido trabalhada na área da CI: categoria 1- *Memória humana*; categoria 2- *Memória artificial*, e categoria 3- *Memória social*. Essa divisão reflete, de maneira resumida e simplificada, um percurso histórico feito com base no entendimento e desenvolvimento do conceito de memória ao longo do tempo. A primeira categoria está ligada ao momento em que se pensa como funciona a memória humana, e está conectada com o aprendizado, então os estudos são voltados para este aspecto. A segunda categoria pensa nos artefatos que funcionam com memória artificial, ou seja, dispositivos que auxiliam no armazenamento da memória, um exemplo é o *memex*, criado para ser uma grande máquina de armazenamento de informação, portanto, muito ligada ao desenvolvimento tecnológico e à recuperação da informação. A terceira categoria é ligada ao social, ou seja, o registro da memória como uma construção coletiva e que seja compartilhada também por uma coletividade, independentemente de ser ou não institucionalizada.

Já para possibilitar a relação da memória com outros temas da CI, há subgrupos apresentados pelos professores Carlos Xavier Azevedo Netto e Vera Dodebei, que apresentam cinco temáticas relacionadas à memória constituem o GT10 do ENANCIB: 1-

Memória e Ciência da Informação; 2- Documentação, Acervos e Coleções; 3- Memória Cultura e Patrimônio; 4- Informação, Preservação e Memória e 5- Imagem, Informação e Memória. Outras temáticas de memória serão abordadas ao longo desta seção, que tem como objetivo traçar um breve histórico de como a memória foi tratada e entendida ao longo do tempo, para que, enfim, possamos compreender a relação da memória, seja ela individual ou coletiva, com a construção da memória institucional.

2.2 Memória na Antiguidade e Idade Média

Em um primeiro momento histórico, a ideia de memória está ligada ao aspecto do Divino, precisamente no período da Antiguidade. Para os gregos, *Mnemosine* (deusa da memória), junto com Zeus (o rei dos Deuses), tiveram uma prole de nove musas⁵, as quais vão dar origem ao *Mouseion*, também conhecido como templo das musas, um espaço voltado para o ensino, para a fruição das artes, oferendas aos deuses e, mais tarde, ao surgimento dos museus. O que nos interessa ao referir este mito é entender a memória nesse momento como algo alcançável a partir da divindade, e que:

lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o *Aedo* é um adivinho do passado, como o adivinho é o futuro. E a testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heroica e por isso da idade das origens. (LE GOFF, 1990, p. 231)

Sendo assim, a memória está voltada para o indivíduo que, tocado pelas musas, retinha a memória, que poderia ser por meio da poesia, da música, da tragédia e assim perpetuar os feitos dos heróis.

Ainda na Grécia Antiga, encontramos a figura do *Mnemon*, que tinha como responsabilidade reter em sua memória, em sua cabeça, sem o auxílio de uma memória artificial, as decisões judiciais e também assuntos religiosos que envolviam a cidade. A figura do *Mnemon* está ligada à mitologia grega de um servo que acompanha um herói e que precisa constantemente lembrar uma ordem divina, caso esquecesse o resultado seria a morte. (LE GOFF, 1990, p. 231).

A criação da escrita vai possibilitar outras opções para se guardar os fatos, para além da memória biológica. Temos então a memória artificial, listas, pergaminhos, enfim, surgem novas formas de exteriorizar a memória. Henri Altan (2017, apud AZEVEDO

⁵ Calíope (poesia); Clio (história); Polímnia (Pantomina: expressão por meio de gestos); Euterpe (música); Terpsícore (dança e poesia musicada); Erato (Lírica coral); Melpómene (tragédia); Tália (comédia) Urânia (astronomia e/ ou matemática). Cf. Almeida (2009)

NETTO; DODEBEI, 2017) apresenta a vantagem da memória artificial, pela possibilidade de estar presente em outros lugares, e cita as bibliotecas como exemplo, para demonstrar que, como advento da escrita, mais pessoas passam a ter acesso ao que antes ficava estrito ao armazenamento interno de cada indivíduo.

Segundo Le Goff, a memória artificial pode ser entendida como:

o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização registro; a outra, ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual, permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas. (LE GOFF, 1990, p. 228)

A memória artificial consiste na possibilidade de guardar as informações que anteriormente ficavam armazenadas no cérebro, mais precisamente no hipocampo. A partir do momento que o ser humano pôde usar outros instrumentos para guardar e recuperar algumas informações, documentos foram usados para registrar as informações.

Outro aspecto derivado do surgimento da escrita e da possibilidade de exteriorização da memória foi o aparecimento do documento. Vamos abordar de uma forma mais detalhada sobre o documento em seção específica, mas neste momento é importante entender que:

o aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a Idade Média ao Paleolítico aparecem figuras onde se propôs a ver mitogramas paralelos à mitologia que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um acontecimento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. (LE GOFF, 1990, p228)

O conceito amplo do que é um documento, a importância que a informação passa a ter em nossa sociedade e a relação objetos-testemunhos com a sociedade passam a fazer parte do interesse dos estudos da Ciência da Informação, e é nesse caminho que o interesse em pesquisar sobre a memória também ganha destaque na área. Os autores Azevedo Neto e Dodebei apresentam essa aproximação ao afirmar que:

É somente a partir do século XX que o mundo é visto como espaço informacional e memorial, em que os aspectos materiais e imateriais dos objetos criados pela sociedade entram em disputa. Informação, memória e conhecimento são a face imaterial da economia representada pelo consumo de bens que transitam nas redes sociais ubíquas e, ao mesmo tempo, a face material dos percursos de valorização de bens culturais e de preservação de patrimônios. (AZEVEDO NETO; DODEBEI, 2017, p. 53)

A partir desse trecho podemos perceber como a interrelação entre memória,

informação e objeto evoluem à medida que a sociedade também foi se modificando. Na próxima seção abordaremos como a documentação e a informação tiveram mudanças durante o tempo. Neste momento vamos focar no caminho percorrido pela memória.

É importante destacar que a evolução da memória também está ligada a um desenvolvimento urbano e social, como afirma Leroi-Gouhan (apud LE GOFF, 1990), cuja escrita era reservada a fatos que extrapolavam o cotidiano, que desenhava uma estrutura urbanizada e também ligada aos atos financeiros, ou seja, gravava-se o que fosse considerado importante. Assim, são criados ambientes onde a memória artificial fica guardada, um bom exemplo é a Biblioteca de Alexandria, ou os arquivos reais de Ougarit ou ainda a biblioteca de Assurbanipal.

Mesmo com o advento da escrita, do surgimento dos documentos, sejam os que tinham o papiro e os seus derivados, ou aqueles que estavam inscritos em mármore, nas estelas e em monumentos, a memória — enquanto ainda possuía um papel relevante para a delegação do conhecimento, presente na mnemotécnica —, dotava o indivíduo com a capacidade de decorar um texto e reproduzi-lo de cor a partir de estratégias mentais, de construir lugares mentais e fazer associações entre ideias e imagens, dessa forma, poderiam lembrar e reproduzir o seu discurso sem esquecer uma palavra.

Segundo Le Goff (1990), o criador desse método foi o poeta Simônides de Céos⁶. Reza a lenda que ele foi convidado para um jantar, mas teve que se ausentar durante um período, pois recebeu um recado de que era aguardado por alguém do lado de fora. Quando estava do lado de fora, o salão onde acontecia o banquete foi destruído, matando todos que lá se encontravam, e impossibilitando o reconhecimento das vítimas, Simônides disse que ajudaria no reconhecimento, pois lembrava da posição de cada convidado à mesa, desta forma fazendo a ligação da imagem aliada à lembrança e a uma organização mental que permitisse a reprodução exata.

A mnemotécnica é também conhecida como a arte da memória, assim nos apresenta Frances Amelia Yates (2007), demonstrando que o lugar da memória nos diversos períodos históricos — que devido ao avanço e popularidade da escrita passara por um período de ostracismos —, fora retomado com destaque no século XVII, auxiliando o desenvolvimento do método científico ao analisar as obras de Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596 - 1650) e Leibniz (1646 - 1716), como apresentado por

⁶ Poeta grego conhecido por seus poemas líricos. Nasceu em 556 A.C na ilha de Ceos. (wikipedia.org. Acesso em 12 de junho de 2022. Texto sob licença de CC-BY-AS)

Eliane Braga de Oliveira, Georgette Medleg Rodrigues e Raíssa Mota Castro (2017), no artigo “A memória na Ciência da Informação”.

A memória externa vai se fortalecendo por meio de fichários, catálogos, guias, dicionários e afins; destacamos a enciclopédia como uma reconfiguração e sobrevivência da arte da memória.

A enciclopédia é o espelho do mundo. Suas subdivisões e partes não têm nada de artificial e estão em condições de reproduzir fielmente as subdivisões e as partições do mundo real. Para aprender as regras da arte e para classificar as noções é, enfim, impossível prescindir da construção de um sistema mnemônico. Este último serve, em simultâneo, para a aprendizagem da Arte e sua aplicação. (ROSSI p 71).

Essa técnica foi bastante utilizada pela retórica, que aliava a oralidade com a escrita e possuía cinco operações, segundo Le Goff (1990): a primeira é o *inventio*, que consiste em encontrar o que dizer; a segunda é o *dispositivo*, que é colocar em ordem o que se encontrou; a terceira, a *elocutio*, que vai possibilitar relacionar as palavras com as imagens; a quarta é a *actio*, que é recitar o discurso com boa dicção e gestos, e por fim, a quinta e última fase, a *memoriae mandare*, que é recorrer a memória.

Se a retórica tivesse mantido o foco na oralidade, certamente a última fase teria um maior destaque, porém, à medida que a memória artificial ia sendo difundida e disseminada, a retórica basicamente envolvia os discursos escritos, o que significou um abandono das duas últimas operações.

A invenção da escrita possibilitou a exteriorização da memória, permitiu que mais informação fosse armazenada e até mesmo vista por terceiros, contudo, houve uma preocupação de que o uso da memória externa pudesse enfraquecer o uso da memória interna. Uma ilustração desse temor é trazida por Platão, que em *Fedro* apresenta o mito do deus egípcio *Thot*, patrono dos escribas e dos funcionários letrados, que apresenta sua invenção para a aprovação ou não do rei *Thamus*, que questiona o benefício da invenção:

Este conhecimento, ó rei, tornará mais sábios os egípcios e mais memoriosos, pois foi inventado como um fármaco (phármakon) da memória e da sabedoria. Mas ele (Thamus) disse-lhe, oh artificiosíssimo Theuth⁹! Para alguns é dado criar arte, a outros julgar o que de precisos ou benefícios aporta para quem pretende usá-la. E agoratu, precisamente, pai que és das letras, por apego a elas, lhes atribui poderes opostos aos que têm. Porque é esquecimento o que produziramnas almas daqueles que as aprendem, ao descuidar da memória, jáque fiando-se no escrito, chegarão à recordação a partir do exterior, atravésde caracteres outros, não desde dentro, desde eles mesmos e por si mesmos. Nãoé, portanto, um fármaco (phármakon) da memória o que encontrou, mas um simples lembrete. Aparência da sabedoria é o que dás a teus alunos, e não verdade. Porque tendo ouvido muitas coisas sem aprendê-las, parecerão ter muito conhecimento, quando, pelo contrário, na maioria dos casos, completamente ignorantes e difíceis, além disso, de tratar porque acabaram por

convencer-se em sábios aparentes em vez de sábios de verdade. (OLIVEIRA, RODRIGUES, CASTRO, 2017, p. 81-82)

Esse questionamento, quase uma desconfiança na verdade, também apareceu com o surgimento da informática, no século XX, como memória externa, se podemos confiar no sistema binário para armazenar as nossas memórias.

Durante a Idade Média, a memória ficou intimamente ligada às questões religiosas, devido ao período de expansão da crença católica e do poder que a Igreja detinha naquele momento. Le Goff (1990) utiliza a expressão *religiões da recordação* porque todos os atos deveriam estar ligados a lembrar da vida de Cristo, o sacrifício que fez por nós, lembrar dos mártires e dos Santos, tanto que os túmulos dos mártires tinham como nomes *confessio* ou *martyrium* ou *memória*.

É nesse período que a retórica será retomada, o aprendiz deve ser capaz de reter o saber na memória, não deve depender do recurso da memória artificial:

Os mestres, retomando os conselhos de Quintiliano [*Ins.orat*, XI, 2] e de Marziano Capella [*De nuptiis*, capa V], desejam que seus alunos se exercitem em fixar tudo o que lêem [Alcuíno, *De Rhetorica*, ed. Halm, pp.545-48]. Imaginavam vários métodos mnemotécnicos, compondo poemas alfabéticos (*versus memoriales*) que permitem reter facilmente gramática, cômputo e história (1979, p. 218, apud LE GOFF, 1990, p.300)]

Devemos lembrar que, durante a Idade Média, os locais de conhecimento estavam restritos aos mosteiros, que era reduzido o número de pessoas que tinham acesso a pergaminhos e afins, então a memória humana tinha um uso mais frequente do que a memória artificial. De acordo com Le Goff (1990), ainda que voltado para a retórica e para a teologia, houve avanços nos estudos de memória, e destaca o trabalho de Raimundo Lúlio (1232-1316), que estudou a memória em vários tratados e foi responsável por escrever três tratados sobre o assunto: *De memória*, *De intellectu* e *De voluntate*.

Do ponto de vista da filosofia, a memória antecede a reminiscência, que pela filosofia de Platão é a capacidade de o homem lembrar do conhecimento adquirido no mundo ideal, que só poderia ser alcançado por meio da alma, uma vez que a essência do homem é imortal. Lembrando que, para alcançar o mundo ideal, o homem precisa conhecer a verdade, contemplar o belo e discernir o bem e não possuir mais um corpo, pois só a alma pode atingir o mundo perfeito.

Para Platão a *reminiscência* não é feita de forma passiva, pois recupera um conhecimento anteriormente já apreendido, a reevocação aconteceria por meio da filosofia. Seu discípulo, Aristóteles, também considera a memória como parte da alma,

e a inclui como uma das funções cognitivas ou intelectivas, e faz uma distinção entre *memória* e *reminiscência*, como apontam as autoras Oliveira, Rodrigues e Castro (2017), onde memória é a capacidade da alma em conservar o passado, enquanto a reminiscência é o trabalho de recuperar o que se deseja lembrar.

Não é possível falar de memória e reminiscência sem abordar o esquecimento, pois, seguindo a teoria platônica, eles estão conectados, uma vez que reminiscência é a busca de lembrar o que foi aprendido no mundo ideal e foi esquecido ao retornar a um corpo e ao mundo humano.

Contudo, mesmo na contemporaneidade, ainda é muito forte a relação do binômio memória-esquecimento uma vez que, ao selecionar o que vai ser lembrado automaticamente, algo será esquecido, pois mesmo com os novos dispositivos de memória artificial, ainda não é possível armazenar tudo.

O autor Paolo Rossi (2007), aponta que, na tradição filosófica, há duas noções para tratar os termos *olvido/esquecimento* e *memória/reminiscência*, também conhecida como lembrança:

- 1) A primeira noção vê no esquecimento e no olvido algo que está ligada a perda definitiva ou provisória de ideias, imagens, noções, emoções, sentimentos, que um dia estiveram presentes a consciência individual ou coletiva, ao passo que a segunda noção vê no esquecimento e no olvido algo que não concerne a pedaços, partes, setores ou conteúdos da experiência humana, mas à própria totalidade dessa experiência e a totalidade da história humana;
- 2) A primeira noção foi construída e foi ficando mais complexa a partir de contribuições que provinham (e provêm) da psicologia, psicanálise, psicopatologia, neurofisiologia, antropologia, sociologia e narrativa, ao passo que a segunda, em geral, não tem interesse algum nas contribuições que provêm dos campos específicos da cultura (Freud, Proust ou Edelman), rechaça os horizontes parciais e, ao contrário, está voltada para as contribuições da metafísica, das filosofias da história, do destino de Ser do Ocidente. (ROSSI, 2007, p 18-19).

Podemos inferir que a primeira tradição está ligada ainda à ideia de um mundo ideal onde o conhecimento sobre tudo está presente e que precisa ser rememorada, enquanto a segunda tradição aproxima os campos da psicologia, psicanálise, psicopatologia, neurofisiologia, antropologia, sociologia e narrativa e assim ampliando os seus horizontes, mas ainda está ligada com a filosofia para compreender o indivíduo.

O tema memória vai continuar sendo estudado e tendo o seu conceito ampliado e discutido pelos filósofos, passando de uma esfera sensível do espírito para adquirir um viés material e social. Para abordar essa linha vamos apresentar três teóricos que discutem o conceito de memória e suas variações no decorrer do tempo.

2.3 Bergson, Halbwachs e Pollak

Henri Bergson (1859 – 1941) foi um filósofo francês que permeou por diversas áreas do conhecimento, biologia, psicologia, física e sociologia. Ganhou o Nobel de Literatura em 1927 e chegou a ter discussões com Albert Einstein a respeito do tempo. Contudo, o que vamos destacar de Bergson nesta pesquisa é o que ele escreveu sobre memória, que fez com que este renomado filósofo do século XX fosse considerado um pilar para os estudos sobre memória por diversos autores que debatem e escrevem sobre o tema.

O trabalho que destacou Bergson no campo da memória foi *Matéria e Memória*, isso porque foi com este trabalho que ele confrontou a ideia de espírito e memória e que apresenta a memória do ponto de vista físico e biológico. Para ele, o princípio da memorização perpassa pela necessidade da corporificação. Ao pensar em como se apresenta o processo de memorização, e que vai resultar nos dois tipos de memória apresentado, é preciso que haja um repertório de imagem na qual se possa fazer conexões que vai resultar na percepção. Para Bergson, a matéria é o “conjunto das imagens e de percepção da matéria, essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo”. (BERGSON, 1997 p. 17).

Assim, temos a memória pura, que seria a possibilidade de evocar lembranças e a memória hábito, que adquirimos a partir da repetição contínua:

Levando até o fim essa distinção fundamental, poderíamos representar-nos duas memórias teoricamente independentes. A primeira registraria, sob formas de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. (...) Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir. Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interações possíveis. (BERGSON, 1997, p. 87-88)

E assim Bergson nos apresenta esses dois sistemas de memória, mas é preciso fazer um alerta no mundo *bergsoniano*, ao abordar que, em memória, não é possível utilizar termos e/ou expressões como *resgatar*, *voltar ao passado*, pois o que passou não volta mais, o que se tem é uma percepção da memória, uma lembrança que está

relacionada ao que ele chamou de *memória pura*.

Maurice Halbwachs (1877 – 1945), que foi aluno de Bergson, leva a perspectiva da memória para o social ao compreender que o processo da memória não é feito pelo prisma da individualidade, como argumentava seu mestre, mas que, ao lembrar de algo, nessas memórias, lembranças estão ancoradas nas memórias dos outros indivíduos que compõem o grupo, independentemente de estarem presentes de forma física ou não. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. (HALBWACHS, 2006, p.30). Para Halbwachs, a memória está presente na coletividade, nos grupos; e a memória individual é uma parte desse conjunto ajuda a alimentá-la. Segundo Barbosa (2013), a relação da *memória individual* com a *coletiva* ocorre porque:

... a primeira depende do relacionamento do sujeito com todos os grupos em que ele convive e que carregam e imprimem seus referenciais sobre este indivíduo. Assim, a origem dos sentimentos, lembranças e recordações que acreditamos ser individuais, na realidade são inspiradas pelo grupo. (BARBOSA, 2013, n.p.)

Para compreender o grupo, a coletividade, é preciso levar em consideração também o contexto social no qual está inserida, e que a memória está na sociedade, assim como o que deve ser lembrado, pois, para Halbwachs, a memória também possui o caráter seletivo, assim como apontava Bergson (1999), e também é passível do esquecimento.

A memória, para Halbwachs, tem uma relação com o presente, pois está relacionada ao processo de identidade do grupo e do indivíduo por meio de um processo de reconstrução que perpassa pelo individual, coletivo e o contexto social.

O sociólogo austríaco Michael Pollak (1948-1992) também escreveu sobre memória e faz uma crítica à ideia de memória coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs, ao colocar que para existir uma memória nacional é preciso que exista uma coesão social e que este processo pode ser violento ao fazer com que outras memórias não sejam consideradas. Pollack ainda defende que essa coesão define o que é comum ao grupo e reforça os sentimentos de pertencimento.

No trecho a seguir podemos analisar a crítica de Pollak ao abordar a questão da memória coletiva:

Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza de comunidade afetiva. Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs, inclusive a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória

nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva. (POLLAK 1989, p.1)

Pollak nos aponta uma disputa pela memória, pois enquanto a memória coletiva acaba se impondo como narrativa, as memórias subterrâneas⁷ afloram em situações de crise para confrontar a narrativa hegemônica, resultando em um conflito e competição entre as memórias.

Para Pollak a oralidade se torna uma âncora para as memórias subterrâneas, que assim se mantêm vivas. O autor também aborda a questão do silêncio, mas ressalta que não é esquecimento, uma vez que, são transmitidos por meio das redes de amigos e família esperando o momento de serem ouvidas, ou seja, não vinham à tona porque não tinham pessoas para perpetuar essa memória, mas porque não encontram espaço para ecoar.

Há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do não-dito à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. (POLLAK, 1989, p.7)

Assim, para manter a credibilidade e aceitação é preciso de um referencial, que não é construído de forma arbitrária. É a partir dessa ideia que surge o conceito de *enquadramento da memória*, utilizado por Pollak para falar da memória coletiva, pois para ele a expressão *memória enquadrada* faz mais sentido, pois o enquadramento depende de uma justificativa e não é construído de forma arbitrária. Para o autor, o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história e também encontra validação nos monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e afins atestando credibilidade e coerência no discurso.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade.

Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, tem sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então

⁷ Expressão usada por Pollack para fazer referência a memória de grupos minoritários, memória não hegemônica.

tornar-se promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado a ordem estabelecida. (POLLAK, 1989. p. 10)

A partir do trecho citado podemos perceber como as *memórias hegemônicas* trabalham para se manterem perenes e relevantes para a sociedade, e que a disputa por qual memória vai ser legada para a posteridade é contínua, pois mesmo com o desaparecimento da instituição a memória escolhida por ela irá perpetuar.

2.4 Memória Institucional

A preocupação com a memória não está restrita apenas às questões de saber quem eu sou, qual o meu lugar no mundo, com quem me identifico e admito como igual, ou com quem a partir da minha percepção vou identificar como outro. O fato é que, como aponta Huyssen (1942), há uma urgência das sociedades ocidentais ao lidar com a memória, chegando a afirmar que a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta (apud OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017, p.91); isso ocorre, pois, à medida que a globalização diminui as fronteiras, há uma necessidade de reafirmar certas posturas. Segundo Huyssen, a preocupação com as práticas da memória ainda não tem um enfoque global, critica que as práticas memorialísticas ainda estão restritas a formação de um sentimento de nacionalidade, de união, de homogeneidade.

Segundo alguns autores que estudam a memória pelo viés social, tais como Costa, Barbosa, Freitas e Valls (1990 1993), é a partir da década de 1980 que se inicia um estudo sistemático sobre a memória institucional na esteira dos processos de globalização e a necessidade, apontada por Huyssen (1942), de uma demanda da sociedade civil que cobrava que memórias que foram negligenciadas durante anos fossem (re)apresentadas e a percepção da importância da informação para tomada de decisões e para fins culturais.

A perspectiva de Huyssen (1942) não se aplica apenas aos lugares tradicionais de memória, Arquivos, Bibliotecas e Museus, apresentados por Pierre Nora (1993), que tem como funcionalidade abrigar a memória e que acabam com o intrincado papel de abarcar e disseminar a memória de uma sociedade e seus cidadãos ainda nessa perspectiva de criar uma identidade homogênea. Contudo, a preocupação em preservar a sua memória não ficou restrita a esses lugares tradicionais, já que empresas também perceberam a

necessidade de cuidar da sua memória institucional.

De acordo com Barreto (1999), os relatórios, livros, formulários, ou seja, os documentos que compõem a organização, o dia a dia da instituição, se transformam em fontes de informação que podem ser consultadas. Para o autor, essas informações criam referências fixas que poderão servir como suporte na criação da memória institucional.

Para melhor compreendermos o conceito de memória institucional é preciso inicialmente trabalharmos um pouco o conceito de instituição que, em alguns momentos, também aparece atrelado à palavra organização, como se fossem sinônimos, porém, de acordo com a nossa pesquisa, há diferenças entre elas, apesar de estarem interligadas. Em seguida, discutiremos o conceito de memória institucional como um todo, uma vez que já fizemos uma discussão sobre memória nas seções antecessoras.

2.5 Instituição e Memória

Instituição é o “ato ou efeito de instituir, criação e(ou) cada um dos costumes ou estruturas sociais estabelecidas por lei ou consuetudinariamente que vigoram num determinado Estado ou povo”. (DICIONÁRIO, 2009)

Desse modo podemos perceber como o conceito de instituição está atrelado ao conceito de sociedade, pois na medida em que as sociedades foram se organizando e estabelecendo suas normas, as instituições foram criadas para auxiliar nesse desenvolvimento e organização no interesse da melhoria da sociedade. Essas instituições podem ser familiares, de ensino, religiosa, jurídica, política entre outras.

Para que haja uma instituição é preciso que exista uma organização dos costumes, das estruturas, hábitos, para que a instituição se estabeleça, ou seja, a partir da cristalização das suas necessidades e a partir do momento que a instituição decide de que maneira quer se mostrar para o público interno e externo, e esse fluxo precisa de um processo, de uma ordem e a organização é a responsável. Abaixo, um trecho da teórica Costa (1997) que ilustra essa relação ao afirmar que:

A prática institucional é um virtual se atualizando nas organizações. O processo de atualização da ideia instituição de conteúdo virtual, é uma diferenciação que se dá num campo problemático que é sua condição. A instituição emerge como uma criação, como resposta (atual) a determinado problema (virtual) engendrado no campo social.

Assim a instituição se atualiza no interior da organização, para que possa desempenhar a sua principal característica a de **reprodução**. As ações institucionais obedecem a padrões que se repetem em **hábitos** reproduzidos

por economia do esforço. No entanto, o plano da instituição ultrapassa o **conjunto dos meios** que caracterizam as organizações. (COSTA, 1997, p. 5-6) (grifo da autora)

Assim percebemos que há uma relação entre os conceitos, mas que não se confundem, e ambos estão interessados em auxiliar a constituir uma sociedade, onde a organização⁸ vai possibilitar o fortalecimento da instituição.

Sendo assim, há um processo na instituição ao selecionar o que vai ou não ser entendido como parte da sua cultura organizacional; assim, o que não for habitual, reconhecido, não fará parte do perfil institucional, e é nesse momento que podemos visualizar a construção da memória institucional, pois é por meio dela que a instituição vai trabalhar sua narrativa, seu modo de ser e como se apresenta, e o que não for entendido como parte desses costumes não será institucionalizado.

Mas como é feita essa seleção? Todos que estão envolvidos na instituição têm a mesma percepção? Para elucidar algumas dessas questões temos que levar em conta as possibilidades apontadas por autores como Halbwachs (2003), Pollack (1989) e Worckman (1999), entre outros, que conduziram seus estudos relacionando a memória com a sociedade, e que nos possibilitam tecer as relações entre memória, individualidade, coletividade, sociedade, identidade no que chamamos de memória social.

Segundo a antropóloga Mary Douglas (apud OLIVEIRA, 2008) a maneira que a instituição encontra para que exista uma homogeneidade em seu discurso é controlando a memória individual daqueles que formam a instituição, de modo que as instituições devem controlar sistematicamente a memória e nossas percepções para mantê-las em formas compatíveis com as relações que elas autorizam.

Então, ao buscar uma estabilidade, a instituição constrói a sua identidade, apresenta o seu papel na sociedade, e a partir daí é possível construir sua memória institucional, tendo como elementos a seletividade, pois há uma escolha deliberada nos hábitos que serão entendidos como parte da instituição e os que não serão, e o controle das memórias individuais para afinar o discurso.

Desse modo, para haver memória institucional é necessário que haja uma identidade institucional criada pelos indivíduos que formam a instituição (cultura institucional) e que haja a manutenção da estabilidade da instituição. Mas que identidade é essa?

⁸ Conjunto de processos e ferramentas para organizar, preservar e tornar acessível o acervo de conhecimento da empresa, isto é, informações sobre os seus processos, pessoal, experiências, etc.

Para Stuart Hall (2006), é possível estabelecer, a partir de três momentos históricos distintos, a ideia de identidade e a sua relação com o indivíduo. De forma simplificada, durante o Iluminismo, a humanidade tem a sua identidade ligada à individualidade do sujeito, quem ele é de acordo com a sua própria perspectiva. Em seguida, o modelo sociológico, onde a identidade do sujeito é estabelecida em diálogo com outras pessoas que ele considera como importantes, ou seja, a relação dele com a sociedade. Para Hall (2006), isso acontecia porque o sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno. Contudo, a unidade identitária que estava se formando passa a fragmentar-se com o advento da pós-modernidade; segundo o autor, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, pois é:

Transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas através de um eu coerente. (HALL, 2006, p.13)

A tese de Stuart Hall aponta algum dos motivos para a construção e a valorização da memória institucional. Em um mundo em que diversas identidades estão interagindo, e onde o indivíduo em si mesmo assume distintas identidades a partir das suas relações sociais, é preciso que a instituição possua uma forma estável e reconhecida, e para tanto é necessário “um processo de legitimação que procurará justificar a naturalidade de determinados papéis institucionais e determinadas identidades. Sem esse procedimento, não é possível manter uma forma identificável” (OLIVEIRA, 2008, p. 5).

É nesse cenário que entra em ação, de forma mais contundente, a seletividade e o controle, pois, como aponta Douglas, a instituição precisa fazer um controle na memória individual, para que o discurso e a identidade mostrada por ela possa estar em consonância com a percepção dos funcionários.

Qualquer instituição começa a controlar a memória de seus membros; ela os leva a esquecer experiências incompatíveis com aquela imagem da correção que eles têm de si mesmos e traz para suas mentes acontecimentos que apoiam uma visão de natureza que lhe é complementar. A instituição propicia as categorias dos pensamentos dos seus membros, estabelece os termos para o autoconhecimento e fia identidades. (DOUGLAS, 1999, p.116, apud OLIVEIRA, 2008, p 50).

Vimos na seção sobre memória como ela está atrelada à noção de identidade. É uma outra palavra que em geral forma um binômio com o termo memória é “esquecimento”, e no processo da construção da memória institucional ela não fica de fora, pois ao selecionar quais hábitos serão integrados a sua conduta, e assim definir a sua identidade, alguns elementos ficarão de fora desse processo. Esses processos esquecidos

podem ser retomados a partir de como os documentos, que fazem parte da memória organizacional, podem ser lidos.

Iniciamos a seção abordando um pouco o conceito de instituição, uma vez que já argumentamos o conceito de memória em momento anterior, e que, em sequência, abordaríamos o conceito de memória social, que acabou sendo debatido no decorrer da seção. Portanto, para finalizar esse tópico, trazemos o conceito de instituição, construído por Costa (data), que resume bem o que discutimos acerca de instituição:

Uma instituição é, pois, obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento. São agenciamentos coletivos que se instituem no seio das relações sociais. As instituições são construídas historicamente e trazem embutidos, em seu processo instituinte, mecanismos de controle social, estabelecendo regras e padrões de conduta que venham a garantir seu funcionamento e o exercício de suas funções reprodutoras, que tendem à estabilidade e que obedecem a uma certa regularidade. Trata-se de reproduzir uma determinada ordem alcançada, com a intenção de manutenção dessa ordem. (COSTA, 1997, p.30)

Como demonstrado no trecho acima, para a construção da memória institucional é preciso a ideia de coletividade, pois ela não é construída sozinha, e que essa construção irá demandar seletividade e, conseqüentemente, controle sobre as memórias individuais e esquecimento daquilo que a instituição não tornou como hábito ou não tem interesse que faça parte da identidade apresentada pela instituição.

Vimos, também, que os conceitos apresentados sobre o que é *memória social*, uma necessidade de manter uma coesão em meio ao mundo globalizado, e onde o indivíduo apresenta diversas identidades, contribuíram para o surgimento do conceito de *memória institucional*, que é divergente de *memória organizacional*, apesar da primeira ser imprescindível da segunda. A *memória institucional* como forma de comunicação da organização, para criar uma relação com seus membros, uma ideia de pertencimento que irá carecer de uma seleção dos fatos e da trajetória da instituição, para construir a identidade da empresa e para reconstruir as narrativas que podem gerar o senso de pertencimento. E, como dito no tópico anterior, a instituição pode até perecer, mas a sua *memória institucional* permanece mantendo-a viva.

2.6 Memória Institucional ou Organizacional

De acordo com a pesquisa elaborada por Barbosa (2013), os primeiros movimentos que começaram a pensar na memória no sentido da organização iniciam-se nas empresas alemãs, que possuíam um arquivo histórico, no início do século XX,

seguidas por empresas americanas e inglesas, responsáveis por criar a *Business Archives Council* para promover a criação e preservação de arquivos históricos.

A popularização da Nova História⁹ possibilitou o estudo da memória ligado ao estudo do simbólico que, juntamente com o conceito de memória social, possibilitou um maior aproveitamento do termo memória, como apontam Totine e Gagete:

enxergar o objeto de pesquisa empresa não somente como uma unidade de produção de bens e serviços, mas como de produção de significados socioculturais, “colaborou sensivelmente para o estudo da construção e consolidação da cultura e da identidade corporativas”. Nesse momento, empresas americanas e europeias passaram a incluir nos organogramas profissionais para cuidar de seus acervos, cujo enfoque era a valorização do potencial analítico da história da empresa para a empresa. Nas décadas seguintes foram criadas agências de historiadores, especializadas em projetos de memória empresarial. Nos últimos anos organizações da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil vêm contemplando a memória como ferramenta estratégica de gestão, criando projetos de memória em sua maioria com enfoque na construção de narrativas heroicas, sagas, celebrações e biografias elogiosas, apesar destes constarem com algumas distorções (TOTINE; GAGETE, apud BARBOSA, 2013, p.10).

Diante do exposto até aqui, podemos perceber que, além de formar uma identidade, o uso da memória pelas instituições e empresas tem função estratégica e tem se fortalecido ao longo dos anos, funcionando como meio de comunicação e fortalecimento de marcas.

No cenário nacional as primeiras preocupações com a memória institucional remontam à década de 1960, inicialmente voltada para a exaltação da vida dos seus fundadores, no caso das empresas, e dos que possuíam cargos altos e foram os primeiros funcionários. Durante um período, o modelo para lidar com a memória, era inspirado nos modelos americanos e japoneses, a partir de um programa chamado Qualidade Total, que consistia apenas nos resultados quantitativos. De acordo com Barbosa (2013), esse período foi bastante nefasto para a memória organizacional e institucional, uma vez que muitos documentos foram destruídos, pois eram vistos como “arquivo morto” e, portanto, sem mais serventia.

Atualmente, por estarmos vivendo no período conhecido como a era da informação, o arquivo que antes era visto como um depósito hoje é visto como uma área estratégica, caso seja organizado, pois fica mais fácil o acesso às informações que facilitam as tomadas de decisão e que também abrigam os documentos que podem funcionar como fonte de pesquisa, tanto para os que fazem parte da instituição, quanto

⁹ Corrente da história surgida nos anos 1970 que passa a ter interesse de estudo em objetos do cotidiano.

para os que estão de fora.

Devido à sua característica de fornecer dados anteriores e suprir a necessidade criada pela sociedade em se recordar do passado, a informação se qualifica como um meio de registro do conhecimento e a produção da memória social. (RUEDAS; FREITAS, 2011, p.5).

Diante do exposto, podemos inferir que, para pensar em memória institucional, é preciso ter as informações contidas na memória organizacional que emerge a partir dos documentos recebidos e produzidos pela instituição, mas é preciso também a criação de uma identidade que vai ser apresentada e assumida pela instituição. E assim como ocorre com a memória coletiva, sabemos que a memória institucional também faz um enquadramento de uma narrativa hegemônica.

3. LUGARES DE MEMÓRIA

Neste capítulo iremos apresentar o conceito de lugares de memória apresentado por Pierre Nora (1993) e apresentar esses lugares: Arquivo, Biblioteca e Museu - estes denominados de lugares clássicos - trazendo a discussão se estes espaços ainda são necessários para preservar as memórias e que memórias são preservadas.

Na seção anterior apresentamos como o surgimento da escrita auxiliou no uso da memória artificial, a capacidade de reter informação fora do cérebro, ou seja, a memória não dependia mais da capacidade humana para ser armazenada e recuperada, agora poderia estar contida em uma lista, em um livro em algum objeto etc. A possibilidade de uma memória artificial inicialmente resultou em um olhar de desconfiança, pois a capacidade da mente humana de guardar informação e depois evocá-la e repeti-la é bastante admirada. Contudo, o uso da memória artificial em seus mais diversos e variados formatos foram se tornando mais comuns e aceitos.

Esse breve retrospecto é para dizer que o surgimento da memória artificial que vai resultar no surgimento de livros, documentos, placas comemorativas e afins que serão armazenados nos arquivos, bibliotecas e museus, e que aliados ao período histórico no qual Pierre Nora (1993) vivia, apresenta que esses espaços são locais de memória, pois devido a celeridade da história e a homogeneidade trazida pela modernidade, é preciso que haja um espaço para armazenar a memória de uma coletividade, uma vez que não existem mais meios de memória. Assim afirma o autor logo no início do texto:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento

de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade tornar – se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, P3).

O autor enfatiza que a necessidade de espaços solidifica a memória, pois é por meio deles que a memória coletiva se manterá unida e que será possível, nesses espaços driblar de alguma forma a tendência de homogeneização. Aponta também que a “sociedade memória” está se perdendo e que espaços que antes repassavam os valores como a família, a igreja e o estado não cumprem mais esse papel, em virtude de a memória como herança ter perdido espaço para efemeridade da atualidade, por isso a importância que os lugares de memória assumem.

É importante ressaltar que ao falar sobre a importância atribuída ao lugar de memória como um espaço de guarda/ rememoração de um passado, o autor não confunde em momento alguma nenhuma memória com história, pelo contrário, é enfático ao estabelecer a diferença entre elas.

Para Nora (1993) a memória é vida carregada pelos indivíduos/grupos, aberta, em constante transformação, a dialética do esquecimento e da lembrança, vulnerável aos usos e manipulações ao afirmar que: a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Enquanto a história é uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais e que está sempre em embate com a memória, pois busca ser mais objetiva e concreta, para Nora o objetivo da história é repelir a memória.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história uma reconstrução do passado. Porque é afetiva a memória é mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna prosaica. (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. História só se liga as continuidades temporais, as evoluções e relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, P3).

O autor apresenta no texto uma série de contraposições entre memória e história. Fizemos esse recorte por acreditarmos que o trecho acima apresenta bem o porquê da

zona de tensão entre memória e história que apesar de serem constantemente trabalhadas como próximas há uma diferença enorme entre elas.

Após estabelecer as diferenças entre *história* e *memória*, o autor vai se dedicar a abordar o quanto a noção de nação vai elevar a memória ao ambiente do sagrado, e de como estão alinhadas, legitimando os lugares de memória que acabam substituindo em termo de referência memorial o papel da igreja e da família.

Um outro fator apontado pelo autor para a consolidação dos lugares de memória é a desritualização dos eventos, cabendo a esses locais acolherem os restos do que passou e que para que não sejam absorvidos pelo tempo. Ou seja, o que antes era precedido por um rito marcando a sua passagem hoje, o que temos é o que restou de forma fragmentada e recolhida em espaços que lhe outorgam a condição de vestígio de algo, seja um documento, um monumento, um quadro etc.

É preciso que haja um meio para que esses objetos (ou melhor dizendo, os *restos* de um momento histórico, de uma história de vida ou porque não de uma narrativa) possam continuar “vivos” e possibilitar que não sejam esquecidos, seguindo o modelo de vigilância comemorativa que possibilita que determinado momento histórico não seja esquecido.

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, de ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, P13).

No trecho acima notamos que o autor destaca a importância de lugares como pontos importantes, mas também destaca que algumas atividades como as festas, aniversários e pessoas, por meio de associações, assim, ele apresenta lugares tangíveis e elementos do intangível que podem funcionar como meios de parar o tempo ou de uma tentativa de sacralizar algo que já, há algum tempo, perdeu o status de sagrado.

Como já comentado na primeira seção, a memória que *a priori* parece algo subjetivo e intangível, é um campo de disputa constante para saber que memória que vai ser contada, qual narrativa vai ser representada, sendo assim, os espaços que abrigam essas memórias também são espaços de disputa, logo, as instituições de memória não são

espaços neutros, que a memória ali abrigada não foi escolhida de maneira natural, mas que passou por um processo de escolha.

Ao pensarmos em arquivos, bibliotecas e museus precisamos ter em mente que o que está ali representado é fruto de um processo de escolha que vai resultar no que deve ser lembrado e no que deve ser esquecido atribuindo um papel de destaque para essas instituições, que segundo Nora (1993), era a partir delas que o futuro teria um vislumbre do que foi o passado e do que era importante e relevante ser preservado e lembrado, ou seja, os lugares de memória seriam legitimadores desse processo.

Há algum tempo essas instituições estão buscando rever como podem trazer para a discussão do porquê de determinadas memórias estarem abrigadas na sua instituição e outras não. De que maneira podem democratizar e ampliar as narrativas existente em seus espaços.

Para termos uma ideia de como foi esse processo, faremos um breve resumo, pois esse trabalho não pretende se debruçar sobre a origem das três instituições e muito menos fazer um apanhado dos seus anos de existência, mas sim apresentar de forma breve esses modelos e quais suas características.

De acordo com Araújo, pensar no surgimento do arquivo, da biblioteca e da museologia, instituições clássicas, são listadas para exemplificá-las, mas fazer distinções rígidas entre elas fica difícil por ainda não estar evidente o propósito de cada uma que inicial era guardar a produção do que era feita seja em forma de documento, livro ou objetos de interesse seja pela beleza, artístico ou como fonte de curiosidade.

Com a invenção da escrita e do estabelecimento das primeiras cidades, no início dos processos de sedentarização das coletividades, há mais de cinco milênios, surgem às primeiras manifestações de espaços voltados para guarda e a preservação de acervos documentais. (ARAÚJO, 2012. P.10)

Sendo assim, espaços foram criados para armazenar essa produção, contudo, apesar de ainda não possuírem distinção rígida entre o que cada espaço guarda ou como se organiza, o que veio a acontecer durante o Renascimento,¹⁰ conferimos as raízes dos arquivos, bibliotecas e museus à Antiguidade¹¹. Algumas instituições se tornaram modelo de como deveria ser um arquivo, uma biblioteca e um museu. Em alguns casos o espaço

¹⁰ movimento cultural, econômico e político, surgido na Itália no século XIV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa. Inspirado nos valores da Antiguidade Clássica

¹¹ Período da História da Europa que se estende aproximadamente do século VIII a.C.

era o mesmo, por exemplo o *mouseion*¹² de Alexandria conhecido também por sua biblioteca.

Uma forma de fazer a distinção da funcionalidade de cada espaço é a partir da etimologia. O nome arquivo deriva da palavra romana *archivum*, que por sua vez é derivada da palavra grega *archeion*, e de acordo com Porto (2003) o termo *archivum* estava ligado diretamente ao local onde eram conservados os documentos, que nesse período tinham como suporte as placas de argilas também denominadas de *Tabularium*¹³. Já Silva (2016), ao analisar o termo *archeion*, cita a pesquisa realizada por Casanova em 1928 e a de Duranti realizada em 1993. Silva utiliza a pesquisa desses dois autores buscando entender a polissemia da palavra arquivo que de acordo com o Dicionário brasileiro de terminologia arquivística atribui a palavra arquivo quatro significados:

a) Conjunto de documentos, produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte;

b) Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, processamento técnico, conservação e acesso a documentos;

c) Instalações onde funcionam arquivos;

d) Móvel destinado à guarda de documentos.

Ao analisar a pesquisa de Casanova, Margareth Silva, destaca que este entende que a palavra arquivo se originou da palavra *archeion* e não do verbo *archein*, que resultou em entender que a palavra arquivo significa tanto o espaço onde o documento fica quanto o móvel onde o documento é guardado. Uma vez que a *archeion* originou “o vocábulo latino *arcivum*, *archivum*, *archivium* para indicar tanto o local como o móvel, quase a justificar a confusão que vários fazem ainda hoje entre o contendo e o conteúdo”. (CASAVOVA Apud Silva, 2016). Ao observa o trabalho de Duranti (2009), Silva (2016), nota que há uma abrangência na palavra, uma vez que ela apresenta o significado de palácio de governo, documentos originais, que descende do termo *archeion*, enquanto *archein* significa comandar, guiar. Sendo assim, para Duranti (2009) a palavra arquivo

¹² Também denominado templo das musas, era um espaço de reflexão, arte, culto as musas e fonte para o uso moderno da palavra museu.

¹³ Também foi o nome o principal arquivo da Roma antiga, concentrando os documentos da administração romana, desde o período republicano até a época imperial.

pode representar o local onde estão os documentos ou conjunto de documentos. Assim Silva conclui que:

O sentido do termo “arquivo” tem origem na palavra grega *archeion*, a qual compreende os conjuntos de documentos, o lugar e o funcionário responsável pela custódia. Essa abrangência se deve à própria organização política da Grécia antiga, particularmente da democracia ateniense. A compreensão grega clássica considerava que o lugar público incluía todos os elementos necessários para a existência do arquivo: o lugar, os documentos e o responsável. (SILVA, 2016).

Então, mesmo que na Antiguidade a atuação e o alcance do que um arquivo ainda não estivesse estabelecido, o arquivo era entendido como um espaço para guardar documentos que estavam relacionados a administração, a questão jurídica etc. Um arquivo que representou esse período foi o arquivo de Ebla, descoberto em escavações, na década de 1960. Consiste em um conjunto de aproximadamente vinte mil tábuas cuneiformes, datadas aproximadamente de 2.250 a.C, que versam sobre provisões, tributos, questões legais e contratos, encontrados em uma cidade antiga onde atualmente é a região da Síria.

De acordo com a etimologia, o nome *biblioteca* é formado a partir da união de duas palavras gregas: *biblíon* que significa livro e *teke* que tem sentido de caixa/ depósito, ou seja, um lugar para acessar e armazenar livros. É preciso ressaltar que o surgimento da biblioteca, assim como do arquivo, está ligado ao período da antiguidade, portanto, o suporte no qual o livro foi feito podia ser de argila, com os tabletes de argila, pergaminhos com papiro diferente que se tem de um livro é diferente

De acordo com Marigi e Souto (2005), o modelo da biblioteca na Antiguidade, consistia em um espaço onde se armazenava rolos de papiro, pergaminhos que reunia escritos de letrados gregos, romanos e egípcios. Quanto maior a quantidade do acervo da biblioteca maior o prestígio do dono da biblioteca, posto geralmente ocupado por reis, imperadores. Porém, o sistema para recuperar a informação contida nos pergaminhos, papiro, tabletes de argila era precário, assim como o acesso a eles era restrito.

A biblioteca de Assurbanipal, rei da Assíria, foi considerada uma grande biblioteca da Antiguidade. Ortega (2004) aponta que Aristóteles (385 a.C - 323 a.C) criou em sua escola de filosofia uma biblioteca, que teria servido de modelo para a criação da biblioteca de Alexandria, que se tornou uma referência para as bibliotecas da época. Ainda de acordo com a autora uma parte do acervo foi construída devido a um decreto

que exigia que os livros que chegassem em Alexandria por meio do mar, deveriam ser copiados, depois eram devolvidos e a cópia era encaminhada para a biblioteca de Alexandria. A premissa desse decreto era que a biblioteca contivesse todo o conhecimento humano registrado.

Então, seguindo a etimologia, a biblioteca era concebida como uma “depositária de livros para utilização ou preservação futura”, como afirma Zaher (1995), mas também era um espaço para reunir o conhecimento do que estava sendo produzido e também uma forma dos governantes demonstrarem status e prestígio.

Museu deriva de *mouseion* e significa templo das musas, é uma palavra de origem grega, e, assim como o arquivo e a biblioteca, também tem a sua origem atrelada a Antiguidade. E além da etimologia da palavra há uma origem mítica para a criação do museu que está alinhada com o termo de templo das musas.

De acordo com a mitologia grega, Zeus, filho dos titãs Cronos (tempo) e Reia (relacionada a fertilidade), é o soberano do Olimpo, Deus do céu e do trovão. Relacionou-se com Mnemosine (memória) e juntos tiveram nove filhas, musas, que estão relacionadas, a poesia épica (Calíope), a história (Clio), a poesia romântica (Erato), música (Euterpe), a tragédia (Melpômene), hinos (Políminia), danças (Terpsícore), comédias (Tália) e astronomia (Urânia), surgindo o *Mouseion*, espaço voltado para contemplação, arte, oferenda aos deuses, espaço de convivência. Uma outra referência, ainda na mitologia grega, sobre Mnemosine está relacionada ao binômio lembrar e esquecer que é conectado a memória. De acordo com o mito no mundo dos mortos, havia dois rios, um chamado Lete, que fazia com quem bebesse das suas águas perdesse a memória, e o rio denominado Mnemosine permitia manter as lembranças.

O mito que envolve o surgimento do museu já apresenta o poder que possuem, uma vez que estão ligados ao comandante do Olimpo e filho do tempo e também estão conectados a memória e ao esquecimento, assim como os museus tem a possibilidade de selecionar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Assim como acontecia com o arquivo e com a biblioteca, as fronteiras do que era os museus ainda não estavam definidas. O museu visto como um espaço voltado para contemplação da arte, das oferendas aos deuses, espaço de convivência e de estudo. Tanto que no *mouseion* de Alexandria, um dos mais conhecidos da Antiguidade, havia a biblioteca de Alexandria. Ainda no aspecto de não ter uma “identidade” definida do que cada instituição era há autores que consideram que os documentos encontrados na cidade de Ebla representava uma biblioteca, uma vez que estavam organizados por temas e em

estantes, e usam como justificava o fato de como os suportes para informação vão mudando de acordo com a tecnologia, e que antes dos códices¹⁴, da imprensa de Gutenberg¹⁵ e do livro como conhecemos hoje, as informações encontradas nos tabletes de argila, papiro encontrados em Ebla configurariam como uma biblioteca, como é apresentada por Morigi e Souto (2005). Contudo, neste trabalho foi apresentada como arquivo, pois mesmo concordando que as mudanças tecnológicas do suporte da informação apresentam uma evolução, e que o suporte pode indicar a tipologia do documento, e que as fronteiras dessas instituições ainda não estivessem bem definidas, um tablete de argila que contivesse informações burocráticas, administrativas e não de cunho de conter conhecimento/ aprendizado, indicaria em qual espaço deveria ocupar.

Sendo assim, durante alguns anos os limites das instituições ainda eram turvos, porém a partir do Renascimento começa a desenhar uma especificidade que vai resultar em começar com a especialização de profissionais e nas publicações de manuais que vão ajudar a orientar como cuidar e preservar, documentos, livros e objetos.

Os arquivos tinham a função de guardar os documentos que eram produzidos na administração, seja de feudos, reinados em um espaço onde poucas pessoas poderiam ter acesso.

As bibliotecas que antes de ocuparem palácios, palacetes, universidades estavam ligadas à Igreja Católica, no período da Idade Média¹⁶, eram espaços onde pouquíssimas pessoas tinham acesso, e eram também onde os monges copistas¹⁷ faziam as cópias dos livros. O período do Renascimento, que de acordo com Martins (2011) a biblioteca estendeu a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros, precisou se especializar para atender as necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando entendê-lo e trazê-lo para a biblioteca.

No período final do Renascimento, o termo museu passa a dar espaço para o termo gabinete de curiosidades ou câmara de tesouros, muito comuns nos palácios. Era comum a ideia de um conhecimento enciclopédico, e muito voltado para curiosidades, principalmente com artigos trazidos pelos descobridores que exploravam novos mundos.

A partir do momento em que começou a se especificar do que cada espaço tratava, e de como o seu acervo deveria ser tratado, foram se criando manuais que auxiliavam no

¹⁴ Pequena placa encerada (freq. de marfim ou madeira), us. pelos antigos romanos para escrever; tábula.

¹⁵ Criador da prensa que possibilitou a impressão em massa de livros e possibilitou uma revolução.

¹⁶ período da história que se estendeu do século V ao século XV. Seu início foi marcado pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o fim, pela tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453.

¹⁷ Monges que trabalhavam nos scriptoria escrevendo ou copiando os livros.

tratamento e na conservação, foi deixando cada instituição mais individualizada. De acordo com Araújo (2014), é no período do Renascimento que começa haver uma produção teórica voltada para as três áreas, a produção consistia na criação de manuais, tratados que ensinavam como preservar e cuidar dos acervos de instituições, incluía também ensinamentos de descrição das peças, a necessidade de saber a procedência, autenticidade dos documentos, livros e objetos que compunham o acervo.

O cuidado com a preservação e a autenticidade do acervo vinha do desejo de que o conhecimento gerado nesses espaços perdurasse para o futuro.

A produção simbólica humana, compreendida como um “tesouro” que precisaria ser devidamente preservado, tornou – se objeto de uma visão patrimonialista: o conjunto da produção intelectual e estética humana, a ser guardado e repassado para as gerações futuras: Exemplos desta produção são: *Inscriptiones vel tituli theatriamplissimi*, de Samuel Quicheberg, publicada em 1565, tida como o ponto de partida da reflexão museológica; *Advs pour dresser une bibliothéque*, de Gabriel Naudé, publicada em 1627; *De re diplomática*, de Dom Jean Mabbilon, publicada em 1861, que contem “os primeiros elementos da doutrina arquivística”. (Araújo, 2014).

O surgimento desses manuais é possível porque algumas pessoas foram se dedicando e se especializando com cuidado, manuseio e preservação, sendo um período de formação daqueles que no futuro seriam denominados arquivistas, bibliotecários e museólogos.

Como afirma Araújo (2014), é por meio desses manuais, e no período do Renascimento, que vai ser consolidada as práticas da arquivologia, biblioteconomia e museologia de forma a se sistematizar o conhecimento, e assim esses três “lugares da memória” como as ciências do acervo, das instituições que os custodiam e das técnicas de seu processamento.

Esse período tinha como característica comum às três áreas a ênfase na custódia do objeto, ou seja, o item adquirido, catalogado e guardado sem mais preocupações na relação do objeto em si ou na relação deste com a sociedade, que na maior parte do tempo nem tinha acesso aos itens ali guardados, uma vez que o acesso a esses espaços era restrito.

Um marco histórico vai mudar a ideia de acesso a arquivos, biblioteca e museus, assim como vai estabelecer as diretrizes para como compreendemos e usufruímos tais espaços na contemporaneidade. A Revolução Francesa¹⁸ configurou como um marco para modernidade e para os espaços de memória, já que ampliou a ideia de público e plantou

¹⁸ A Revolução Francesa foi resultado da crise política, econômica e social que a França enfrentou no final do século XVIII. Essa crise marcou o fim da monarquia absolutista que existia na França

a ideia de que todos devem ter acesso aos documentos, livros e objetos sob a guarda de arquivos, bibliotecas e museus, entre outras ações.

O impacto da Revolução Francesa no arquivo resultou na formação do Arquivo Nacional, que deveria concentrar os documentos do Estado, que a partir de então deveria ser o responsável por administrar e zelar pela documentação que abriga. De acordo com Santos (2016), é nesse período que há uma organização dos arquivos e a centralização dos documentos, que até então eram conservados por instituições e pessoas. É durante o processo de triagem, divulgação e proteção dos acervos, e ampliando o acesso do público a esse acervo. Assim surge o Arquivo Nacional, sobretudo, guardião da memória em seu significado histórico.

A ação de reunir todos os documentos provenientes de arquivos menores em um arquivo central, resultou em uma massa documental que, por ter sido tirada do seu contexto original, fazia com que a informação perdesse sentido, então foi pensado como uma forma de reunir a documentação, organizar a informação e permitir o acesso do público a ela. Para organizar o fluxo de documentos que eram recebidos, o historiador Natallis Walliy (1805) criou o princípio do respeito ao fundo¹⁹, que consistia de que arquivos de fundos diferentes não devem ser misturados.

Para Santos (2016)

o princípio de respeito aos fundos, compreendendo o alicerce para a instituição do princípio da proveniência (SCHELLENBERG, 1980), o qual a partir de então foi reapropriado por outros países. Assim, o princípio de respeito aos fundos, depois princípio da proveniência, tornou-se fundamento da Arquivologia, envolvendo outros princípios em torno da informação orgânica registrada. (Santos,2016, p.)

Assim como os manuais ajudaram a definir a maneira de como lidar com o acervo e ajudar na especialização dos profissionais, a criação do princípio de respeito ao fundo, que mais tarde originou o princípio da proveniência, que consiste em que os documentos oriundos de uma mesma instituição ou pessoa legitimamente responsável por sua produção, acumulação ou guarda de documentos não devam ser mesclados a outros de origem distintas) (BARBOSA; MALVERDES 2015). Ajudou a formular os princípios da arquivística, a ciência que tem por objetivo o conhecimento dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem observadas na sua constituição, organização,

¹⁹ Conjunto de documentos de uma mesma proveniência.

desenvolvimento e utilização. E a consolidar a figura do profissional arquivista, uma vez que Natalis Walliy é considerado também um arquivista.

Já as bibliotecas, após a revolução francesa tiveram o conceito de se tornarem públicas de fato, o conhecimento presente nos livros não deveria mais ficar restritos aos espaços dos palácios ou das pessoas da nobreza, mas sim ser disponibilizado para todos. E assim como nos arquivos houve uma reunião dos livros, parte deles de desapropriação de antigos nobres, e surge a Biblioteca Nacional que teve como origem a Biblioteca Real.

Com a Biblioteca Nacional voltada para o público o objetivo da biblioteca para além de ser um local de guarda de livros era também satisfazer as necessidades da sociedade nos âmbitos da educação e cultura, assim afirma Siqueira (2010). E para desempenhar esse papel é consolidada a figura do bibliotecário como a pessoa que, para além de catalogar e possibilitar a preservação do livro, vai ser a figura que vai intermediar a educação e a cultura e no processo de pensar a catalogação e a organização dos livros à biblioteconomia, responsável por catalogar, organizar os livros, mas também pensar na representar da informação e também a gestão e a figura do bibliotecário, um profissional especializado em registrar e recuperar a informação e também ser um intermediário entre o livro e o usuário.

Nesta nova Biblioteconomia, estavam homens de ciência ou pessoas que se preocupavam com o acesso aos conteúdos dos documentos. Já os bibliotecários, representados por eruditos e bibliófilos desde a biblioteca de Alexandria, sofreram uma acentuada mudança. Registros do conhecimento erudito foram, por muito tempo, os únicos a serem tratados em bibliotecas, levando a que muitos bibliotecários continuassem dominados pela forma de organização imposta pela tradição filosófica que marcou o mundo antigo e medieval. A sociedade moderna, porém, cresceu e se transformou rapidamente, graças à tradição científica da pesquisa indutiva e empírica, que exigiu novas formas de organização do pensamento registrado. (ORTEGA, 2204, p 4)

Assim como a revolução francesa provocou mudanças no arquivo e na biblioteca o mesmo aconteceu com os museus. O caráter público foi acentuado, mas ele já existia desde a criação do museu de Ashmolean (1683), apontado pela autora Cândido (2013) como um marco do museu moderno, uma vez que era aberto para o público, mas ainda com restrição a que tipo de público teria acesso a esse espaço e também porque já demonstrava o caráter para a educação não formal que a instituição desempenhava.

De acordo com Drouguet (2019), é a partir da Revolução Francesa que a sociedade vai deixar evidente o que esperam de um museu:

Contudo, seria preciso esperar a Revolução Francesa para que a sociedade, pela voz dos seus representantes políticos exprimisse claramente o que esperava de um museu. E essas expectativas eram múltiplas, por vezes contraditórias: preservar, conservar, salvar o patrimônio (ameaçado por vandalismo), apropriar -se do legado dos reis, aristocratas, da igreja e das abadias para mostra-lo ao povo, à nação, para educar o povo, formar o gosto dos artistas, estudar a história e a arqueologia por meio daqueles tesouros, mas também edificar o povo, justificar a nação. (DROUGUET, 2019, p94)

O interessante desse trecho é quando o autor afirma que as expectativas que envolvem as expectativas em torno do museu podem as vezes ser contraditórias. Mas elas podem ser consecutivas. Logo após depor os monarcas e iniciar um novo regime (1789), houve uma onda de vandalismo em Paris, uma sanha de destruir monumentos, obras de artes e tudo que lembrasse o antigo regime ou para apoiar o estado revolucionário, como aponta Choay (2006):

Além disso, o próprio Estado revolucionário havia ordenado, por decreto, ações destrutivas destinadas a subvencionar despesas e equipamentos militares, as quais, em outra escala, inscreviam -se numa tradição familiar ao Antigo Regime. (CHOAY, 2006, P.106)

Contudo, foi a partir dessa onda de destruição que medidas e leis foram criadas para proteger o patrimônio e para que os objetos, que antes festejavam a monarquia, servissem como exemplar da boa vida que os nobres levavam às custas da população e com o intuito que a população tivesse acesso as belas artes.

Como podemos ver no trecho do discurso de Dussault na convenção de uma das comissões responsáveis pela questão do patrimônio.

Os monumentos do despotismo caem em todo o reino, mas é preciso poupar, conservar os monumentos preciosos para as artes. Fui informado por artistas renomados de que a porta Saint – Denis está ameaçada. Dedicada, sem dúvida, a Luís XIX (...), ela merece ódio dos homens livres, mas essa porta é uma obra – prima (...). Ela pode ser convertida em monumento nacional que os especialistas virão, de toda Europa, admirar. (CHOAY, 2006, p.111)

A preocupação com o patrimônio, a discussão sobre o conceito de patrimônio histórico e sua relação com a construção de monumento nacional que deve refletir a história, a memória da nação. Aliados à construção a esse processo, surge a questão do valor que está intrínseca parâmetros da conservação, que em um primeiro momento era vista como uma questão de curiosidade, conhecimento, status e etc. agora também está atrelada com a possibilidade de usar o que se preserva para além da contemplação, mas para estudo e para a formação da nação.

O valor nacional é o primeiro, fundamental. Foi ele quem inspirou, de ponta a ponta, as medidas de conservação tomadas pelo Comitê de Instrução Pública, quem justificou o inventário e o cotejo de todas as categorias heterogêneas da “sucessão”. (...) Na França revolucionária, foi o valor nacional que legitimou todos os outros, dos quais é indissociável, e a cujo conjunto hierarquizado ele comunica seu poder afetivo. (CHOAY, 2006, p.117).

A nova maneira de enxergar o patrimônio contribui para sanar umas das expectativas em relação a necessidade da sociedade em relação aos museus, e desse desejo e desse novo olhar surge o museu do Louvre, aberto ao público em 18 de novembro de 1793. Como já apontado, o museu Ashmolean é considerado o primeiro museu moderno, porém o museu do Louvre apresentou elementos que o tornaram um modelo de museu para outras instituições e que perdurou por muitos. Podemos citar alguns elementos que contribuíram para tal feito, de acordo com Drouguet (data):

- a) Ter surgido no seio de uma revolução que demarca um novo tempo, a Modernidade;
- b) A forma pela qual sua coleção foi formada, não foi por meio de compra ou doação de alguma coleção, mas a partir de uma apropriação do Estado de bens que pertenciam a nobreza e a igreja, para que a população tivesse acesso a esses bens;
- c) Devido a formação peculiar do seu acervo, permitiu ampliar a tipologia das coleções e suscitou discussão sobre o valor do patrimônio;
- d) Focou no museu como um espaço de educação e de propagação da nacionalidade.

E assim, a partir da Revolução francesa, não só o modelo de museu nacional foi criado, mas também as diretrizes para o surgimento das bases da museologia moderna, de acordo com Drouguet (2019), consistiam na responsabilidade coletiva em relação ao patrimônio, o papel dos poderes públicos, a necessidade do museu como conservatório, seu papel didático.

Podemos perceber que o museu passa a figurar como um espaço de aprendizado, de educação e para ajudar a moldar a ideia de nação que se pretendia seguir, esse movimento não foi apenas utilizado pelos museus franceses.

O diferencial do museu moderno, como aponta Drouguet (2019), para o modelo antigo é que este consiste na base da curiosidade, do exótico, do tesouro, enquanto o museu moderno apresenta um rompimento com o colecionismo, uma vez que o ato de colecionar não exerce uma ação patrimonial em si, também é apresentado a inclinação para a educação e a patrimonialização.

No século XVIII, o Estado assume a responsabilidade do setor cultural criando teatros, bibliotecas e arquivos. Com o início das escavações arqueológicas de Pompeia e Herculano, ocorre a formação de coleções que seriam a base dos museus de arqueologia da Europa. (CÂNDIDO, 2013, P.33)

E assim, mesmo em museus considerados tradicionais, ou museus que possuem em seus acervos peças que durante muito tempo estavam atreladas a uma determinada classe da sociedade, possam ser configurados, (re)pensados, fazendo com que uma nova leitura possa ser feita.

Os museus estão sempre se (re)inventando para poder acompanhar as mudanças na sociedade, ele que já teve a morte decretada, continua vivo, seja por meio de arquitetura moderna e tecnológica, seja com acervo físico ou utilizando tecnologia de ponta, seja um museu comunitário (vide Bacurau²⁰) seja público, privado ou universitário. São muitas as mudanças, fazendo com que recentemente uma campanha do ICOM foi lançada para definir a nova definição de museu, foram diversas sugestões e a escolhida para representar o que o Brasil compreende como museu foi:

Um museu é uma instituição acessível, inclusiva e sem fins lucrativos, que inspira descoberta, emoção, reflexão e pensamento crítico em torno do patrimônio material e imaterial. Ao serviço da sociedade e em parceria ativa com diversas comunidades, os museus investigam, colecionam, conservam, exibem, educam e comunicam. Os museus funcionam profissional e eticamente, promovendo a sustentabilidade e a equidade. (ICOM 2022)

Mesmo com todas as mudanças os museus e a museologia ainda mantêm a relação *homem x objeto e espaço*. Mantem o compromisso de dar acesso a pessoas, mas pode aprender com as pessoas que o visitam. É um espaço de troca. O modelo apresentado por Manuelina Cândido exemplifica bem como institucionalmente o museu se comporta.

²⁰ Um filme franco-brasileiro de 2019 dirigido e escrito por Kleber Mendonça, que traz o museu como um espaço que ajuda na resistência da cidade.

Figura 1: Perspectivas Institucionais



Fonte: Cândido 2014

Os sistemas que compõem o acervo (documentação, conservação, exposição e sistema educativo) são essências para que o museu desempenhe o seu papel, seja ele o museu *tradicional* ou museu de *vizinhança*.

4. O MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO - MACF

No presente capítulo abordaremos sobre o Memorial Arlindo Fragoso (MACF): o que é; a sua construção; como funciona; os projetos desenvolvidos e o mais importante qual a memória institucional apresentada pelo memorial, o MACF é pautado apenas na história oficial da Escola Politécnica da UFBA (EPUFBA), ou na possibilidade de que outras memórias e narrativas possam estar presentes no memorial. Enfim, neste capítulo pretendemos entender o papel do MACF na EPUFBA e também na UFBA, e se ao longo da sua fundação, até os dias atuais, houve mudança na ideia do papel do MACF para a EPUFBA.

Para falarmos sobre o MACF, inicialmente temos que falar sobre a EPUFBA, que foi antecedida pela Fundação Politécnica da Bahia (FPB) e pelo Instituto Politécnico da Bahia (IPB), iniciado pelo o homem que nomeia o memorial, o engenheiro civil Arlindo Coelho Fragoso.

É a partir do tripé Instituto Politécnico, Fundação Politécnica e a Escola Politécnica da UFBA que a história da EPUFBA acontece. Por isso, é preciso narrar essa trajetória, contada em parte pelos documentos, sejam eles arquivísticos ou museológicos, que estão sob custódia do MACF. Contudo, o memorial pretende ir além da questão custodial e visa também ser o lugar de memória da EPUFBA e por meio dele disseminar e preservar a memória institucional da Escola.

4.1 O início: do Instituto Politécnico da Bahia a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia

Salvador foi a capital do Brasil por entre 1549 até 1763, quando o título passou para a cidade do Rio de Janeiro. Foi na cidade de São Salvador que surgiu a primeira faculdade de Medicina, porém, até o ano de 1897 não existia uma escola que formasse engenheiros na Bahia, quem almejasse tal posto tinha que ir para o Rio de Janeiro e esse foi o caso de Arlindo Coelho, baiano, natural de Santo Amaro, se dirige para se tornar engenheiro no ano de 1855 , ao retornar para Salvador acalanta a vontade de que a Bahia poderia ter um espaço de formação tal qual a da capital da república e que também poderia

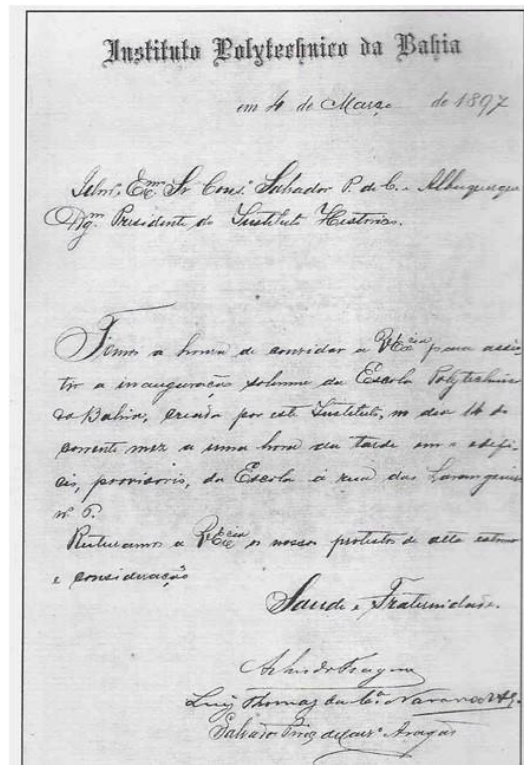
auxiliar na modernização do estado. Arlindo Coelho trabalhava na Secretaria de Agricultura e Obras do Estado, o que possivelmente facilitou contato com pessoas influentes e com dinheiro que trabalhavam no governo e fora dele. O primeiro passo seria a criação do instituto politécnico e posteriormente o da escola politécnica que seria gerida pelo instituto.

A professora Ana Maria Cavalheiro de Lacerda afirma que, no dia 05 de julho de 1886, Arlindo Coelho, junto com mais nove colegas engenheiros: Affonso Glycerio da Cunha Maciel, Austricliano de Carvalho, Alexandre Freire Maia Bittencourt, Justino da Silveira Franca, Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Francisco Lopes da Silva Lima, Antônio Luís Freire de Carvalho, Fortunato Fausto Galo e Antônio Augusto Machado, realizou uma reunião na secretaria de Agricultura e obras para informar da criação do Instituto Politécnico da Bahia, uma parceria entre o governo do Estado e particulares. Assim, durante a reunião, distribuiu entre seus colegas, demandas desde a articulação com o legislativo, para conseguir o aporte financeiro, até já ir elaborando o estatuto do instituto e o da escola. Já no dia 12 de julho de 1896 foi formalmente inaugurada com todo o protocolo formal e presença de autoridades e pessoas da sociedade civil o Instituto Politécnico da Bahia (IPB).

Com a fundação do IPB as reuniões continuaram para que a escola politécnica fosse inaugurada. E assim no dia 14 de março de 1897 foi inaugurada a Escola Politécnica da Bahia, localizada no sobrado nº 6 da Rua das Laranjeiras. O imóvel onde a escola funcionava era pequeno e simples se comparado ao edifício que abrigava a faculdade de medicina, um edifício amplo que funcionava no Terreiro de Jesus, fazia com que os alunos da faculdade de medicina jocosamente chamassem a escola politécnica da Bahia.

O modelo de escola adotado pela EPB, ou o colégio do Arlindo, era baseado no modelo francês, segundo a professora Ana Maria Cavalheiro de Lacerda, de acordo com o lema adotado pela escola: “pela ciência e pela pátria” que tinha como objetivo dar “uma sólida formação científica, apoiada na matemática, física e química, preparando futuros alunos para as escolas especiais de serviços públicos.”

Imagem 1: Convite para inauguração da Escola Politécnica da Bahia



Fonte: dados da autora 2020

Imagem 2: Primeira sede da Escola Politécnica da Bahia



Apenas um ano após a sua criação a EPB foi equiparada a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e por meio do decreto 2.803 de 9 de maio de 1898 recebe o título de Escola Livre de Ensino Superior. Em reconhecimento aos esforços do senador Severino Vieira, é encomendada um retrato em pintura, do referido político, ao pintor Ismael Couto, para que ficasse exposta na EPB.

Em 1901 a EPB muda de sede, e passa a funcionar na Rua João Florêncio Gomes, na Piedade, onde em 1905 forma a primeira turma de engenheiros. Contudo, a EPB passa por uma grave crise em 1904, devido à falta de recursos, e a escola só não fechou devido aos esforços de dois professores, e um deles era Arlindo Coelho, que passou a ministrar diversas disciplinas. O Professor Dr. Caiuby Alves da Costa, em palestra proferida durante o 5º *Conversando sobre a sua história*, conta que o professor Arlindo terminava de dar uma aula e logo pegava a **caderneta** de outra disciplina e seguia para ministrar uma outra aula. O professor também afirma que esse esforço do professor Arlindo era para que a escola não fosse fechada e depois não conseguisse reabrir, como aconteceu com a Escola Politécnica de Pernambuco, e reforça que, diferente do que acontece com a EPUFBA que está diretamente ligada a EPB, em Pernambuco isso não ocorre, pois, após fechar por falta de recurso, a Escola Politécnica de Pernambuco não reabre.

Com o retorno dos repasses em 1905, a EPB muda mais uma vez de sede, dessa vez, indo ocupar um edifício na rua 07 de setembro, mas ainda não é o edifício, localizado no Palacete Salvador, Relógio de São Pedro nº 57, o IPB só vai ocupar esse espaço em 1915 com a inauguração da Avenida Sete de Setembro (07 de setembro de 1915), considerada uma das avenidas principais de Salvador. A sede de 1905 coexistiu com a antiga Igreja de São Pedro enquanto a de 1915 ficava em frente ao Relógio de São Pedro, instalado para referenciar e homenagear a antiga igreja de São Pedro, demolida pelas “picaretas do progresso²¹”.

²¹ Maneira que alguns críticos chamaram os trabalhos de urbanização do governador baiano José Joaquim Seabra.

Imagem 3: sede da EPB localizada na Piedade



Fonte: dados da pesquisa 2020 (acervo MACF)

Imagem 4: Palacete Salvador, Relógio de São Pedro nº 57



Em 1926, o fundador do IPB e professor da EPB, Arlindo Coelho Fragoso morre, e para assumir seu lugar na direção do IPB é indicado um ex-aluno da EPB o engenheiro

Octávio Mangabeira, oriundo da turma de formandos de 1905 da EPB. Foi professor, ministro das relações exteriores do governo de Washington Luís e governado da Bahia.

Octavio Mangabeira não foi o único político que teve ligação com o IPB e /ou com a EPB, sendo sócio, professor ou aluno. O professor Caiuby, em palestra já citada aqui, afirma que até a década de 1940 a política soteropolitana e baiana era dominada por pessoas que possuíam alguma relação com a IPB/EPB.

Quadro 3 - Prefeitos de Salvador Ligados ao IPB

Nome do Prefeito	Período mandato	Ligação IPB	Observações
Afonso Glicério Maciel	Outubro – novembro 1896	Fundador	
Epaminondas Torres	Março 1921 – novembro 1924	Diretoria IPB	
J. Wanderley de A. Pinho	Março 1921 -junho de 1924	Sócio	
Francisco de Souza	Março de 1928- outubro de 1930	Diretoria EP	
Thyrson S. de Paiva	Novembro – dezembro 1930	Diretoria IPB	
Leopoldo Amaral	Dezembro de 1930	Diretoria EP	Interventor Federal na Bahia
Thyrson S. de Paiva	Agosto – setembro de 1931	Diretoria IPB	
Aurelio Brito de Menezes	Julho – novembro 1932	Diretoria IPB	
José Americano da Costa	Dezembro 1932 - setembro 1937	Sócio	
Durval Neves Rocha	Abril 1938 – novembro 1942	Sócio	
Elysio Lisboa	Dezembro 1942 – abril 1945	Sócio	

Fonte: Reprodução elaborada pela autora a partir de tabela apresentada pelo professor Caiuby Alves da Costa durante o 5º conversando com sua história.

Dos nomes presentes no quadro, está Leopoldo do Amaral, homenageado pela EPUFBA com o nome de um dos auditórios da Escola, e J. Wanderley de Araújo Pinho, que além de sócio do IPB, foi o primeiro vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB), foi autor do tombamento do Casarão que posteriormente virou o Museu do Recôncavo Wanderlei Pinho, foi um dos pioneiros ao tratar da preservação do patrimônio na Bahia; e José Americano da Costa que foi o fundador do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (CREA – BA). O professor Caiuby Alves da Costa ainda destaca, para além do âmbito político, o engenheiro Geraldo Rocha, por ter sido um pioneiro empreendedor no oeste da Bahia, ao construir uma usina.

O professor também aponta como referência o engenheiro Américo Simas, que foi professor do EPB e responsável por importantes obras em Salvador.

Outro destaque que gostaríamos de fazer, ainda no âmbito do IPB, está relacionado à questão pedagógica: o IPB possuía dezoito comissões temáticas para pensar as disciplinas ministradas, cada comissão contava com três professores, com exceção de duas comissões - a comissão de redação e exposição - que possuíam quatro professores, podemos inferir a importância que essas disciplinas possuíam. É importante salientar que uma das formas de divulgar o conhecimento técnico era através das exposições. Atualmente existem outras formas de divulgar o conhecimento científico e técnico, contudo, o departamento de engenharia da elétrica da EPUFBA realiza desde o Onda Elétrica, que consiste em apresentar alguns experimentos para a comunidade em geral, em especial para os alunos do ensino médio como uma forma de introduzir os jovens no universo e nas possibilidades da engenharia elétrica.

Até o ano de 1932 o IPB era responsável pelas diretrizes da EPB, contudo, a partir do dispositivo legal a Escola Politécnica da Bahia é transformada em Fundação Escola Politécnica da Bahia, fazendo com que a atuação do IPB na escola vá diminuindo sensivelmente, até que, em 1973, o IPB interrompe a sua atuação na área dos cursos regulares.

Após se tornar uma fundação, a EPB tem seu regimento aprovado em 1933, e em 1934 é federalizada a partir do decreto 23.879, fazendo um paralelo com o cenário nacional. Foi durante a década de 1930 que o Brasil passa a ter a sua primeira universidade, a Universidade do Rio de Janeiro.

Com o Decreto Lei 9.155 (8 de abril de 1946), a Escola Politécnica passou a integrar a Universidade da Bahia, mas ainda ocupava o endereço na avenida 7 de setembro, porém, o desejo de ocupar um espaço amplo, pesquisas foram feitas para pensar onde seria o novo campus da EPUFBA.

Alguns locais foram pensados, pois precisavam de bastante espaço, uma vez que o modelo desse novo empreendimento era baseado na Escola de Frankfurt, e o terreno que parecia acolher o projeto em questão, de tamanho e localização, pertencia a Margarida Costa Pinto, e segundo a professora Ana Maria Carvalheiro Lacerda:

Em 1953 a Diretoria entrou em entendimentos com a Sra. Margarida Costa Pinto, para a aquisição de terrenos de sua propriedade na Federação. Terrenos amplos, com frente para as ruas Caetano Moura e Aristides Novis, que se estendiam até ao Vale de Ondina e cuja compra foi aprovada pela Congregação em 4 de maio do mesmo ano.

(<http://www.eng.ufba.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2021)

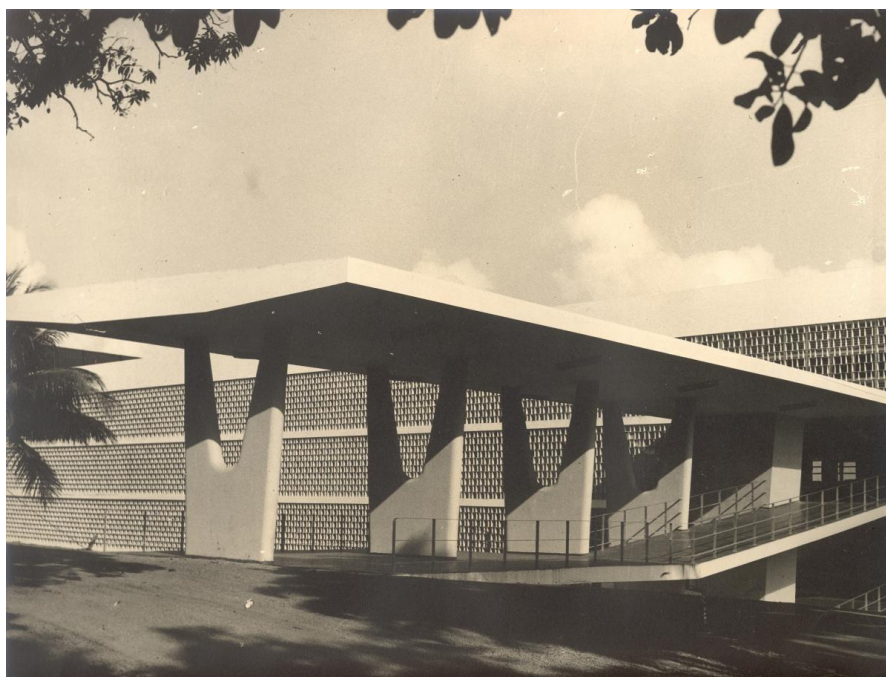
Assim em 1960 é inaugurada a nova sede da EPUFBA no bairro da Federação, contudo apenas parte do projeto de Diógenes Rebouças foi construído (apenas o bloco 1 de quatro que existiam no projeto).

Imagem 5: Flamulas em homenagem a integração da Escola Politécnica da Universidade da Bahia



Fonte: acervo MACF

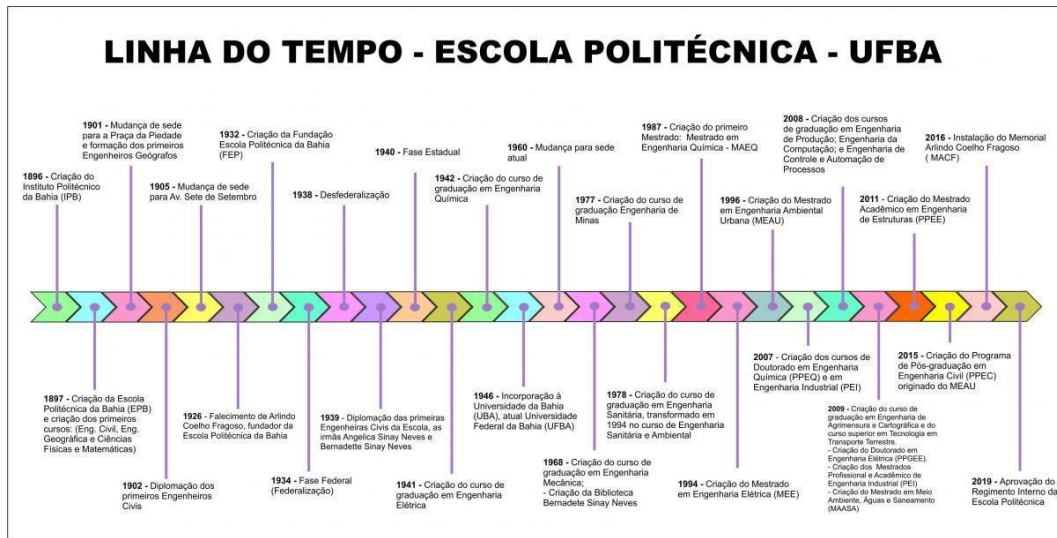
Imagem 6: foto da fachada da atual sede da EPUFBA



O que começou como o “colégio do Arlindo”, ocupando um sobrado modesto comparado a Escola de Medicina, passou por dificuldades financeiras, fez parte da Fundação até ser federalizado e se tornar parte integrante da Universidade da Bahia e posteriormente Universidade Federal da Bahia (de acordo com o professor Caiuby Alves da Costa até os anos 60 do século XX os diplomas expedidos pela UFBA ainda levava o nome da Universidade da Bahia). Hoje é a maior centro de ensino de engenharia da Bahia e maior unidade da UFBA com 11 cursos de graduação, 7 mestrados acadêmicos, 1 mestrado profissional, 6 doutorados, cursos de especialização, cursos de extensão e mais de 40 grupos de pesquisa.

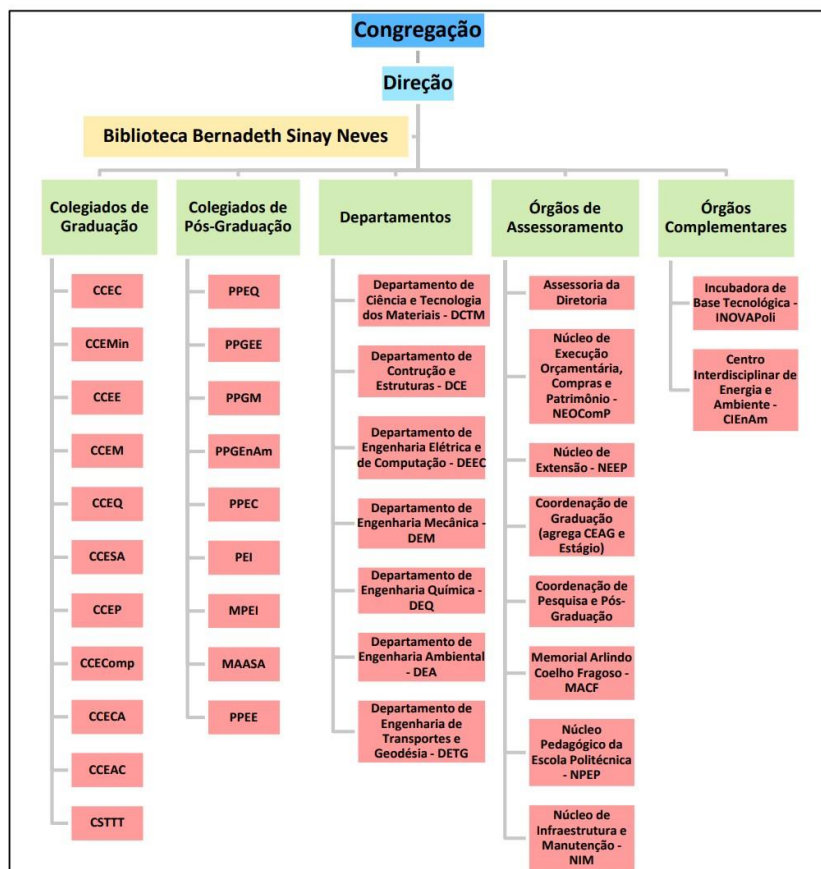
Nas imagens abaixo, podemos ver a linha do tempo da EPUFBA e o organograma da instituição.

Ilustração 1: Linha do tempo da EPUFBA



Fonte: site da EPUFBA

Organograma 2. EPUFBA



Fonte: site da EPUFBA

Ao longo de 125 anos de histórias ininterruptas, e ocupando espaços físicos em alguns pontos da cidade, tendo passado por sua trajetória vários alunos e posteriormente alunas, professores, diretores, conselheiros, funcionários, passado por três sistemas de funcionamento: particular, estadual e federal. É evidente que a EPUFBA deixou fragmentos da sua jornada por meio de documento, cadernetas, pinturas, flâmulas, bustos, instrumentos pedagógicos, fotos, atas, correspondências, relatórios, regimentos, balancetes, plantas, ofícios, circulares, pareceres, cadernetas e outras espécies documentais das atividades-meio e atividades-fim desta unidade de ensino. E assim, em 2016, foi criado o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, que teve a sua abertura oficial realizada em de 2019 apesar da vontade da existência de um memorial sobre a EPUFBA surge antes da sua criação como veremos na seção seguinte.

4.2 Trajetória histórica do MACF

Segundo a cartilha do senso comum, as ciências exatas *in genere* estão apenas focadas em seu mundo de números, cálculos, figuras geométricas e afins, ou seja, não estão preocupadas com o seu entorno ou com questões culturais. Porém a EPUFBA sai um pouco dessa curva mesmo antes da criação do MACF.

Temos como exemplo a criação do centro cultural²² que funciona no 6º andar da Escola, e do espaço para a exposição dos instrumentos da coleção de Theodoro Sampaio,²³ doados pela família, composta de vários instrumentos que pertenceram ao engenheiro. E através de aquisições, outras doações que pertenciam ao departamento de Engenharia de Transporte e Geodésia sob os cuidados da professora Dra. Ana Regina Torres Ferreira Teles, que em parceria com a professora Dra. Suely Ceravolo, do curso de Museologia da UFBA, iniciou uma parceria para que os instrumentos fossem catalogados e tivesse um perfil de coleção e não de um amontoado de peças. Ao final do projeto algumas peças da coleção ficaram expostas em vitrines espalhadas em alguns pontos da EPUFBA.

²² É um ambiente entre os auditórios da Escola, onde ocorre algumas atividades, geralmente atreladas a eventos ocorridos nos auditórios, mas também pode abrigar eventos independentes dos auditórios.

²³ Engenheiro baiano, homem negro e nome de relevância para a urbanização do Brasil império. Foi o fundador do Instituto Geográfico e histórico da Bahia.

Aliada a ações pontuais, aparece a figura do professor Caiuby Alves da Costa, e a sua vontade em preservar e entender a importância dos documentos que estavam sob a guarda da EPUFBA.

Uma instituição que não teve suas atividades paradas desde a sua criação, e que passou por tantas mudanças e acompanhou o crescimento da cidade, tem uma documentação histórica e uma memória para preservar. A partir do momento em que passou a fazer parte da UFBA os documentos dos alunos foram encaminhados para a Secretaria Geral de Cursos (SGC), contudo, os documentos anteriores a esse período (1970) continuaram sob os cuidados da EPUFBA, que possuía um arquivo histórico²⁴ onde os documentos que não eram encaminhados a SGC permaneciam na EPUFBA.

Como acontece em grande parte dos arquivos das instituições, com a EPUFBA não foi diferente, o arquivo histórico na verdade era um depósito. Os documentos estavam mal acondicionados em caixas de papelão e misturados a produtos de limpeza inflamáveis, tanto que o espaço era chamado de “arquivo morto”, pois se tinha uma ideia de que não haveria mais nenhuma necessidade desses documentos e que poderiam ser guardados sem nenhum cuidado. A falta de conservação e organização desse acervo colocava em risco a história e a memória da EPUFBA contida nos documentos que estavam sob sua guarda.

Durante a gestão (1998 – 1996) do professor Dr. Caiuby Alves Teixeira, ele já notava a necessidade de a Escola ter um maior cuidado com o seu patrimônio documental e com a preservação da sua história, e o desejo de que existisse um espaço que auxiliasse nesse processo. O espaço não ficou pronto na sua gestão, mas estava plantada a ideia.

O gestor seguinte foi o professor doutor Luís Eduardo Prado de Campos (2006 - 2014), que vivenciou na prática o mau estado de conservação. Em entrevista concedida em 2018, ele afirma que teve problemas respiratórios quando precisou consultar alguns documentos no arquivo histórico da Escola, devido a poeira. Relatou também a dificuldade de encontrar os documentos, pois não havia uma forma de organização que permitisse uma recuperação eficiente do documento e da informação que estava procurando. Diante dessa dificuldade, o embrião da preservação da documentação que existiu na gestão do professor Caiuby Alves Teixeira, começou a tomar forma na gestão do professor Luís, pois ao perceber a necessidade de organizar a documentação histórica da Escola, precisaria de uma pessoa apta para esse trabalho, e foi solicitado um

²⁴ Arquivo de terceira idade, onde os documentos históricos são recolhidos.

profissional. É durante a gestão da professora doutora Tatiana Bittencourt Dumêt (2014 - 2022), e com a chegada da arquivista Louise Amaral, que a ideia começa a ganhar um contorno de projeto.

O projeto consistia em uma reforma e organização do arquivo histórico da EPUFBA, para que assim os documentos fossem armazenados da forma correta, e que as informações contidas nele fossem recuperadas de forma mais eficiente. Ao conhecer o acervo que era formado por cadernetas, atas, dossiês, fotografias, álbuns, objetos que pertenceram a antigos diretores, troféus, flâmulas etc., o que fez com que notasse que o projeto poderia ir para além da organização do arquivo histórico, pois os documentos existentes, sejam bidimensionais ou tridimensionais, podiam ser mais que objetos custodiados para fim de preservação, poderiam estar em sintonia com o “novo” paradigma da Ciência da Informação. Assim, o projeto foi readequado para transformar o arquivo histórico em um memorial que funcionaria de forma híbrida, ou seja, manteria a função de arquivo histórico da EPUFBA, mas também seria um espaço museal. Dessa forma, após o espaço onde o memorial seria instalado passar por uma reforma estrutural para receber o memorial., em 2016 é criado o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, uma homenagem ao fundador do Instituto Politécnico origem da EPUFBA, que teve a sua abertura oficial realizada em de 2019.

Com o MACF funcionando, a parte arquivística começou a ser feita sob a orientação da arquivista Louise Amaral. A parte museológica ainda não existia de fato, era apenas uma reunião de objetos que já estavam no espaço da Escola. A partir de 2017, o MACF passou a contar com o auxílio de uma museóloga, que deu início ao processo para transformar objetos diversos em uma coleção museológica. Para tanto, fez com que eles passassem por um processo de musealização e de documentação museológica.

4.3 O Arquivo Histórico da EPUFBA

Na segunda seção da presente dissertação, foi apresentado um breve histórico sobre os lugares de memória clássicos, e entre eles constava a presença dos arquivos. Podemos perceber que foram criados para armazenar os documentos que versavam sobre a administração e leis, focados na preservação do documento e, posteriormente, nas informações contidas nos documentos, que tiveram uma ampliação do conceito conceitual. Podemos perceber como a relação da sociedade com o arquivo foi mudando

ao longo dos anos. Nesta seção iremos abordar um pouco sobre a legislação brasileira sobre arquivos e o reflexo na reestruturação do arquivo histórico da EPUFBA.

De acordo com a lei 8.159 de 08 de janeiro de 1991, também conhecida como a lei de arquivos, estabelece no artigo primeiro que é dever do poder público gerir e preservar os documentos de arquivos e que estes devem servir como instrumento de apoio à administração, a cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação. Já o artigo segundo apresenta o que a lei entende como arquivo:

Art. 2º - Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. (BRASIL, 1991)

Ainda no mesmo documento, mas agora na terceira seção, a lei apresenta as três fases do arquivo (corrente, intermediária e permanente). No inciso terceiro do oitavo artigo do segundo capítulo é apresentado que: ***Consideram-se permanentes os conjuntos de documentos de valor histórico, probatório e informativo que devem ser definitivamente preservados.*** O décimo artigo afirma que os documentos presentes são inalienáveis e imprescritíveis e ainda acrescenta nas disposições finais, no Artigo 25 que: ***Ficará sujeito à responsabilidade penal, civil e administrativa, na forma da legislação em vigor, aquele que desfigurar ou destruir documentos de valor permanente ou considerado como de interesse público e social.*** (grifos nossos)

Antes da criação da lei de arquivos, a Constituição brasileira de 1988, no Artigo 216, que apresenta os itens que compõem o patrimônio cultural brasileiro, que pode ser tangível ou intangível, os documentos figuram no ponto V, ao lado das obras, objetos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico/culturais. No Artigo também é colocado que os danos e as ameaças causados ao patrimônio cultural deve ser punido, e que também, cabe à lei a administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

Sendo assim, são nos arquivos permanentes que estão presentes nos documentos que formam o patrimônio arquivístico brasileiro. Patrimônio arquivístico, segundo o dicionário de terminologia arquivística, significa um conjunto dos arquivos e de arquivos de valor permanente públicos ou privados, existentes no âmbito de uma nação de um estado ou de um município.

Em síntese, o documento arquivístico permanente possui um valor cultural, científico, histórico, ao tempo quem mantém, para sempre, ainda que de distintas formas seu inato caráter probatório. Com esses valores agregados, que suplantam os originais, jurídico-administrativos, o documento de arquivo transforma-se numa matéria-prima para o processamento informacional e para aquisição de conhecimento [...] na dupla função de capital informacional e recurso memorialístico, o documento de arquivo, principalmente ao final de seu ciclo, é aquele que reforça e promove a identidade cultural, a coesão e configura a própria memória coletiva. (ARQVIVE, 2008, p.1).

Schafer e Flores (2013), apontam que os documentos de arquivos são, portanto, parte material da constituição histórica e cultural de uma sociedade. Isso acontece porque, segundo eles, a partir da reflexão de Barros e Neves, apontam o arquivo como um sistema de informação social, devido à natureza orgânica e funcional associada à memória, e a sua capacidade de oferecer a cada cidadão um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva.

A visão apresentada pelos autores está em consonância com a nova maneira como a arquivologia e a arquivística²⁵ são vistas e praticadas, ainda que não de forma geral por todos os arquivos com a pós modernidade. Como aponta Terry Cook (2012), usando a frase de Eric Ketelar no South Africa Archives Journal, *os arquivos são agora do povo, para o povo e pelo povo*. Que vai resultar no entendimento de que é preciso levar os arquivos para as pessoas ou encoraja-las a vir usá-los. O autor afirma que

arquivos não são um parque privado onde uma equipe profissional pode saciar seu interesse na história ou na sua interação pessoal com historiadores e outros estudiosos ou, igualmente, na sua inclinação de participar de políticas públicas e na infraestrutura da informação de suas jurisdições, são um patrimônio público sagrado que preservam a memória da sociedade que devem ser amplamente compartilhados. (COOK,2012, P.142)

Cabe lembrar que, para o documento ser recolhido para o arquivo permanente, ele deve ter cumprido o prazo estabelecido pela tabela de temporalidade, e ter passado pelo processo de avaliação e, portanto, ter feito parte da gestão documental da instituição, e a partir de então passará a exibir o seu valor secundário. Uma vez no acervo permanente, o documento passará pelo processo de arranjo, descrição, conservação e difusão, pois, como discutido anteriormente, os arquivos estão vivendo a fase pós-custodial, ou seja, a

²⁵ Arquivologia: Disciplina que estuda as funções do arquivo(2) arquivo(2) e arquivo(2) os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e preservação utilização dos arquivos(1) arquivos(1). arquivos(1) Também chamada arquivística. (dicionário de terminologia arquivística)

conservação não é feita apenas com o intuito de preservar o suporte do documento, mas para que a informação contida nele não se perca e possa ser disseminada.

Um arquivo permanente não se constrói por acaso. Não cabe apenas esperar que lhe sejam enviadas amostragens aleatórias. A história não se faz com documentos que nasceram para serem históricos, com documentos que só informem sobre o ponto inicial ou ponto final de algum ato administrativo decisivo. A história se faz com uma infinidade de papéis cotidianos, inclusive com os do dia administrativos, além de fontes não governamentais. As informações rastreadas viabilizaram aos historiadores visões gerais ou parciais da sociedade. (BELLOTO, 2006, P.27)

O arquivo permanente deve ser o lugar onde os documentos que já cumpriram seu ciclo vital, devem ser recolhidos e devem passar a ser espaço de consulta e pesquisa, que deva refletir a memória do espaço onde está inserido e devem ser bem preservados, pois a sua destruição infringiria a constituição brasileira de 1988 e a lei de arquivos.

O MACF nasce a partir do acervo histórico da EPUFBA, formado por documentos com mais de cem anos de existência. Assim, de acordo com a política e legislação arquivísticas, os documentos que compõem um arquivo histórico devem ser preservados. Já vimos, nessa seção, que a vontade que a EPUFBA tivesse um arquivo organizado e apto para receber pesquisadores ou qualquer um disposto a visitá-lo era antiga, mas a implementação só foi possível na gestão da professora Dra. Tatiana Dummet, e que houve uma ampliação no projeto que resultou na criação do MACF. Podemos compreender que além da vontade dos antigos gestores (professor Dr. Caiuby Alves e Luís Edmundo) de ter um espaço para preservar a documentação da instituição, é também uma questão de estar alinhado com a política brasileira voltada para a preservação do seu patrimônio, que neste caso inclui o patrimônio documental.

Quando a EPUFBA obteve a verba para realizar a reforma do espaço físico que o Memorial iria ocupar, foi colocado em prática o projeto arquitetônico de Cristina Stolze²⁶, que também foi acompanhado pela arquivista Louise Amaral que indicou as necessidades que um memorial demanda. Como apontado nas entrevistas dos professores doutores Caiuby Alves e Luiz Edmundo o espaço onde os documentos eram insalubres, pois não existia espaço para a circulação do ar, o ambiente não era climatizado, os documentos dividiam espaço com itens de almoxarifado, podendo causar um acidente. O novo ambiente foi pensado como um espaço de memória que unisse aspectos da arquivologia e da museologia. Na planta consta um laboratório de restauro, usado para a higienização

²⁶ Arquiteta responsável pelo projeto do MACF

dos documentos e reparos, sala para o processamento técnico e que também os armários deslizantes para o armazenamento correto dos documentos, espaço para receber pesquisadores e visitantes e um espaço para exposições temporárias.

Enquanto a reforma acontecia, os documentos arquivísticos ficaram guardados em um anexo improvisado em frente ao memorial. Com o espaço pronto para receber o acervo começou o processo de transferência.

Inicialmente foi trabalhado o acervo arquivístico, que estava no anexo. O percurso era retirar a caixa arquivo, que chegava no memorial pela porta traseira que já dava acesso ao espaço da conservação, onde eram higienizados e depois seguiam para o armário deslizante. E depois a matéria seria identificado e a partir de então seria feito o arranjo.

Imagem 7: anexo e acervo do MACF



Foto da autora

Os documentos recebidos pelo o MACF deriva dos cursos de graduação e pós-graduação. Mesmo com a criação do memorial, o arquivo histórico da EPUFBA não deixou de existir. Passou a integrar o MACF que, para além da função de um memorial, ainda desempenha a função de arquivo histórico da escola, ou seja, receber os documentos que não serão eliminados além da massa documental acumulada, documentos que iam

para o arquivo, mas não passaram por nenhum tipo de tratamento e se acumulavam de maneira desordenada, uma vez que o arquivo existia e recebia documentos, mas não tinha um profissional preparado para fazer o arranjo dos documentos que chegavam.

À medida que os documentos transferidos eram armazenados nos armários deslizantes, uma parte da equipe pensava no arranjo que seria feito, os documentos mais antigos como as atas, dossiês de alunos, já estavam identificados, porém, como dito anteriormente, a maior parte dos documentos provêm de uma massa documental acumulada e o procedimento adotado foi realizar uma etapa de identificação para ajudar a construir o arrolamento.

O procedimento de identificação está atrelado a identificação do tipo documental.

A tipologia documental, também chamada por alguns teóricos de diplomática contemporânea, é uma área nova, produto de uma revisão do desenvolvimento e da atualização dos princípios formulados pela diplomática clássica. Tem como parâmetro conceitual a identificação do tipo, cuja fixação depende primeiramente do reconhecimento da espécie. O método de análise proposto pela tipologia documental, invertendo a perspectiva metodológica, se fundamenta no princípio de que é no procedimento administrativo que reside a contextualização e a chave para compreender o tipo documental e logo, a série documental (RODRIGUES, 2008, p.166).

Os primeiros passos para a construção dessa metodologia surgiram na Espanha, após um grupo de arquivistas de Madrid, com a missão de resolver a questão de massa documental acumulada, e isso ocorria, pois:

desde a segunda metade do século XX, ocorria mudanças nas administrações públicas da Espanha e dos países ibero-americanos, tais como, ampliação da estrutura orgânica; duplicidade de funções entre os órgãos e aumento da interconectividade entre eles; multiplicação da quantidade de documentos produzidos; diminuição dos mecanismos de controle de circulação interna e externa dos documentos; falta de racionalização dos procedimentos administrativos; falta de capacitação dos funcionários dos arquivos e incapacidade dos arquivos darem tratamento técnico a toda a produção documental. (VIANA; RODRIGUES, 2012, p. 7/8)

Podemos perceber uma semelhança nos problemas encontrados pelos espanhóis, nos problemas enfrentados nos arquivos brasileiros, e esse procedimento passou a ser adotado por alguns profissionais e instituições, para lidar com a massa documental acumulada.

O procedimento de identificação pode ocorrer tanto no arquivo corrente como no arquivo histórico, pois, de acordo com Viana e Rodrigues (2012), a vantagem desse processo é que o tipo documental está intrinsecamente ligado à função. Isso permite, por

exemplo, que essa metodologia seja utilizada em documentos acumulados, independente do período histórico que tenham sido produzidos.

A partir da metodologia de identificação (imagem 9), que facilitou identificar a funcionalidade dos documentos e a sua gênese de criação, o memorial começou a elaborar o seu arranjo.

Imagem 8: processo de identificação

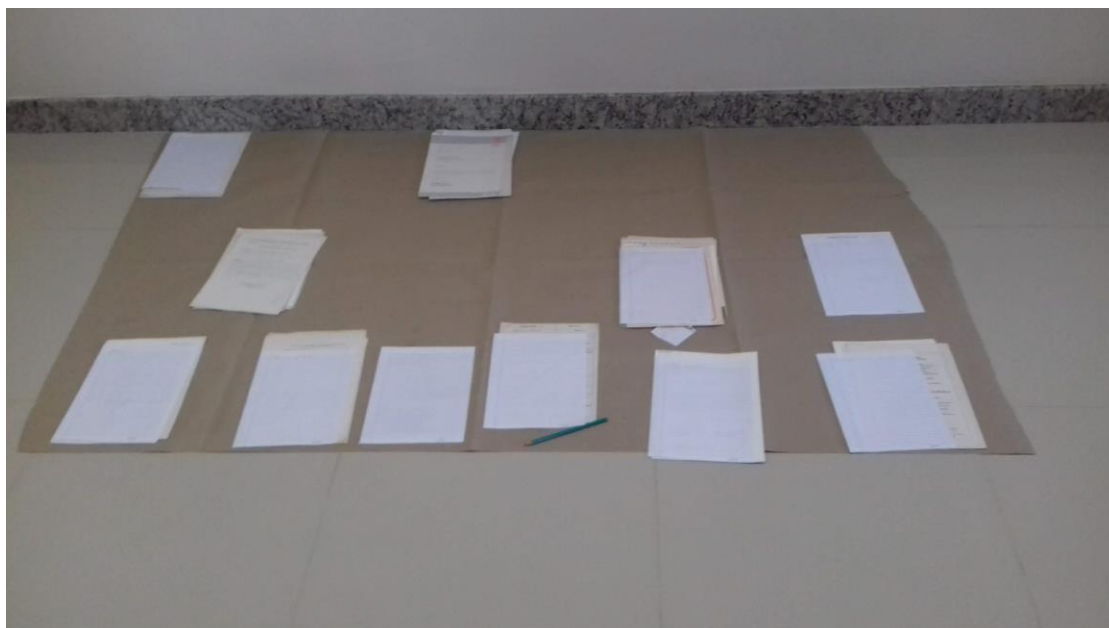


Imagem 9 - novo anexo



Imagem 10 - detalhe do novo anexo 1



Fotos da autora

Organizar o acervo arquivístico, apesar da dificuldade devido ao mau acondicionamento e da massa documental acumulada, que existia anterior a reformulação do espaço, apesar de demandar um trabalho extra, com o processo de higienização mecânica, armazenamento com matérias adequados, o processo de identificação e da criação do arranjo. Organizar o acervo arquivístico do MACF foi mais fácil pois devido à natureza do documento arquivístico foi mais fácil identificar este acervo do que entender e processar o acervo museológico, como veremos na próxima seção.

4.4 De espólio a coleção

O percurso para que um conjunto aleatório de objetos possam ser transformados em uma coleção museológica, é possível por meio do processo de musealização²⁷ dos objetos. A partir deste processo, o objeto passa a ter status de objeto museológico e é ressignificado.

Para a autora Renata Padilha (2014), um objeto museológico significa um objeto único dentro da coleção museológica, que ao ser selecionado, registrado, interpretado, ou

²⁷ Ressignificação dos objetos, a partir de uma análise das características intrínsecas e extrínsecas do objeto.

seja, feita a análise das informações intrínsecas e extrínsecas obtidas a partir dele, é armazenado com o fim de preservar da melhor forma possível e exposto (disseminado). Ações que atribuem intencionalmente um valor documental, patrimonial e informacional ao objeto que passa a ser visto como um documento independente do suporte.

O processo museológico está conectado com o processo de documentação museológica, pois os dados e informações colhidos durante o processo precisam ser documentados. Contudo a documentação museológica também abrange as atividades que estão para além do objeto museológico e o acervo que o compõe. Para Padilha a documentação museológica é:

(...) a etapa que visa à documentação dos objetos incorporados ao acervo do museu: vai do levantamento e identificação geral do acervo até a análise individual de cada peça. Ressalta-se a importância do reconhecimento detalhado e legítimo do acervo museológico. A documentação cuidadosa do acervo é uma ação determinante para todas as atividades desenvolvidas no museu. Por intermédio dela é que se estabelecem os caminhos para a utilização do acervo, seja por meio de exposições, publicações, ações educativas, atividades administrativas, interoperabilidade institucional ou de apoio para pesquisas internas e externas ao museu. (PADILHA, 2014 p 38).

A documentação vai perpassar pelo processo museológico e por ações administrativas do museu que envolvam o acervo. Documentar um acervo é também o salvar, é saber o que tem, o seu estado de conservação e armazenamento e envolve pesquisa para contextualizar o objeto dentro do acervo, ou seja, é mapear por meio de diversas ações (livro de registro, ficha de identificação/catalogação, marcação, fotografias, termos de doação, de empréstimo, laudos), enfim, tudo que for referente ao objeto e a coleção.

A documentação museológica é um item basilar para que o museu possa executar outras ações tais como montagem de exposição, ações educativas, consulta de pesquisadores, conservação, transações e parcerias com outras instituições, pois, é o que vai gerar informações para que essas e outras ações ocorram.

Sendo este o processo que vai alimentar os outros processos, é preciso destacar que não há uma hierarquia entre as funções museológicas, elas se complementam. Contudo, a documentação fornecerá informações para subsidiar as outras. Portanto, a documentação tem que estar atualizada. A ausência da documentação ou documentação defasada, que não acompanha o acervo, dificulta o acesso a informações, sejam elas intrínsecas ou extrínsecas, reduzindo ou anulando o potencial informacional do objeto e

a segurança deste. Por exemplo, se uma obra for furtada ou danificada, haverá informação que facilite a sua recuperação.

4.5 O processo de musealização e documentação no MACF

O primeiro passo foi fazer um levantamento de quais eram esses objetos. Nem todos estavam no espaço ocupado pelo MACF, alguns estavam guardados no armário que ficava na secretaria da direção da Escola. Nesse momento, foram geradas listas com os objetos que permitiu ter uma ideia inicial do que se tratavam os objetos e a quantificação, ou seja, o arrolamento do acervo.

Com os objetos reunidos em um mesmo local iniciou-se o arrolamento, que consiste em listar tudo o que se tem. Foram identificados, inicialmente, duzentos objetos entre flâmulas, troféus, homenagens, instrumentos etc. Em paralelo ao desenvolvimento do arrolamento pôde-se perceber o estado de conservação dos objetos, e alguns foram direto para o restauro, os mais comuns eram objetos infestados com cupins, que foram isolados, para evitar que contaminassem outros.

A EPUFBA já possuía a coleção Theodoro Sampaio, coleção formada por instrumentos científicos que já tinham recebido tratamento museológico a partir de um projeto feito entre o departamento de transportes, na pessoa da professora doutora Ana Maria, e da professora do curso de Museologia, doutora Suely Ceravolo, que juntamente com alunas bolsistas da museologia, catalogaram a coleção. A princípio, a ideia era utilizar o trabalho feito antes como apoio para trabalhar na coleção do Memorial, porém os instrumentos eram diferentes, não coincidiam, então recorreu-se ao *thesaurus* de instrumentos científicos, elaborado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins, para identificar tais instrumentos.

A partir do arrolamento foi criado o inventário do acervo. A partir daí, foi possível pensar na melhor maneira de trabalhar os objetos, organizando-os em grupos de acordo com suas características. Formando, assim, um grupo de instrumentos que se subdividiu em: científicos, didáticos, premiações, pinacoteca, livros e outros. O grupo outros foi necessário devido a existência de objetos que, desde o início, sem uma pesquisa prévia, não tinha como justificar suas presenças na pretensa coleção museológica da instituição.

Em seguida, veio a etapa de criação das fichas de identificação dos objetos. Para tanto, foi analisada a ficha utilizada na coleção Theodoro Sampaio e foi-se acrescentado

os campos que estavam faltando. Por sugestão da Professora doutora Suely, também foi criado um manual para o preenchimento da ficha de identificação.

Em paralelo ao processo de documentação, já com algumas informações extraídas do processo, e com o intuito de apresentar, de forma parcial, o andamento do projeto, foi realizada uma exposição temporária em um expositor que fica em frente a secretaria da Escola, uma área de grande circulação de alunos, professores e funcionários.

A ideia é que nesta exposição tivesse uma mostra do que é a coleção museológica do MACF. Nesse recorte, a intenção era exibir ao menos um objeto de cada subcoleção que forma a coleção museológica do memorial.

Haja visto que o nome do MACF é uma homenagem ao engenheiro fundador da Escola Politécnica da UFBA, Arlindo Coelho Fragoso, uma parte da exposição foi montada em referência a ele. Para tanto, foram utilizadas peças que fazem parte da subcoleção *premiações e homenagens*. Também estavam presentes itens da subcoleção *instrumentos*. Ficaram de fora dessa exposição os *bustos*, que já estavam expostos na sala da congregação da EPUFBA; os quadros da *pinacoteca*, por não caberem no expositor; e os itens das subcoleções *bibliográfica e outros*

A proposta era de que a exposição fosse renovada de tempos em tempos, e possivelmente fazer exposições temáticas temporárias, para que o acervo pudesse ser disseminado e não ficasse apenas guardado.

Com a exposição montada e uma pré-catalogação realizada, foi iniciado o trabalho com cada grupo separadamente. A proposta era fazer uma pesquisa para preencher a ficha de registro com informações extrínsecas ao objeto.

QUADRO 4: Identificação das subcoleções

Subcoleção	Nome	Quantidade
1.Instrumentos	1.1 Científico	23
	1.2 Pedagógicos	21
2. Premiações e Homenagens	2.1 Homenagens	28
	2.2 Prêmios	08
	2.3 Prêmios Esportivos	72
	2.4 Flâmulas	41
3.Pinacoteca	3.1 Quadros	33
	3.2 Fotografias	6
4. Bibliográficos	4.1 Livros	14
	4.2 Periódicos	1
	4.3 Folhetos	1
5.Bustos	Não teve subdivisão	3
6. Outros	Não teve subdivisão	22

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O primeiro grupo a ser trabalhando foi o de “flâmulas” (ilustração 1), que integram a subcoleção 2. *Premiações e Homenagens*, pois com a reforma da sala da Congregação da EPUFBA, a ideia foi colocar as flâmulas na congregação, e também por ter uma quantidade razoável, possibilitando um trabalho mais profundo. As flâmulas, em geral, são utilizadas em competições esportivas, sendo trocadas entre os competidores. Essa subcoleção é formada por quarenta flâmulas e uma faixa. Algumas estavam emolduradas, mas devido a infestação de cupins, as molduras foram removidas. Alguns exemplares fazem referência diretamente à Escola Politécnica, algumas à UFBA, contudo, outras, em um primeiro olhar, não faziam sentido. Foram fotografadas, medidas, atribuído número de registro e a ficha de registro devidamente preenchida.

Imagem 11 - Premiações e Homenagens (Flâmulas)



Fonte: Dados da pesquisa.

A seguinte a ser tratada foi a de “premiações”, que também integra a subcoleção 2. *Premiações e Homenagens* subdividindo-se em premiações acadêmicas e esportivas. A esportiva é formada por troféus, que a escola ganhou em competições esportivas, são 72 no total, a maioria proveniente das Olimpíadas da Primavera e de jogos universitários, alguns datam de antes da Politécnica fazer parte da Universidade Federal da Bahia. Após serem identificados, foram preenchidas fichas de identificação e alguns troféus foram encaminhados para o restauro. Ao todo, somam oito premiações acadêmicas, recebidas pela EPUFBA referente ao Prêmio Inventor.²⁸

²⁸ Prêmio desenvolvido pelo Núcleo de Inovação Tecnológica, ligado à Coordenação de Inovação da Pró – Reitoria de Pesquisa Criação e Inovação (PROPCI).

Imagem 12 - Premiações e Homenagens (Premiação Acadêmica)



Fonte: dados da pesquisa.

Imagem 13 - Premiações e Homenagens (Prêmios Esportivos)



Fonte: Dados da pesquisa.

A subcoleção “homenagem” foi formada por diversos itens que homenageiam a EPUFBA de alguma forma, por meio de chaveiros comemorativos, láureas, medalhas, totalizando 28 objetos.

Imagem 14 - Premiações e Homenagens (Homenagens)



Fonte: Dados da pesquisa.

A subcoleção Instrumentos subdivide-se em *instrumentos científicos* e em *instrumentos pedagógicos*. Os instrumentos científicos em grande parte pertenceram ao departamento de elétrica, eram utilizados nos laboratórios da Escola Politécnica, quando perderam a utilidade foram alocados em depósito, alguns foram colocados em um armário próximo a direção, devido a uma infestação de xilófagos (cupins) e tiveram que ser retirados para a imunização do armário. Como o Memorial Arlindo Coelho Fragoso já estava funcionando, foram depositados no Memorial. Há instrumentos de origem inglesa, alemã, francesa e um que foi comprado em uma loja no Rio de Janeiro, conforme ilustração 20

Imagem15 - Instrumentos (Instrumentos Científicos)



Fonte: Dados da pesquisa.

O setor administrativo foi contatado pelo grupo coordenado pela Professora Ceravollo, para, a partir do número de tombo dos objetos, rastrear a caminho que percorreram na Escola. São 21 instrumentos, entre eles voltímetros, balanças, níveis, milivoltímetros, amperímetros, e no meio deles também instrumentos que não estão completos.

Os *instrumentos pedagógicos*, que anteriormente eram denominados de didáticos, teve a nomenclatura alterada por entendermos que o termo *pedagógico* faria mais sentido, pois está ligado as questões de ensino de uma forma mais ampla.

Imagem 16 - Instrumentos (Instrumentos Pedagógicos)



Fonte: Dados da pesquisa.

Estão inseridos nessa categoria objetos utilizados pelos docentes e discentes nas aulas, são 19 objetos, a maioria estava guardada no armário da diretoria e alguns foram doados pelo Professor Caiuby Alves da Costa, pois à medida que o Memorial foi realizando suas atividades, veio a sua valorização e reconhecimento, inclusive com alguns docentes se interessando em fazer doações.

A *pinacoteca* é formada por telas com retratos dos diretores e alguns patronos da escola que compunha a sala da congregação, tendo algumas pinturas de artistas de renome na Bahia como Alberto Valença e Emídio Magalhães. Também faz parte a subcoleção fotografias.

Imagem17 - Pinacoteca (Telas)



Aurélio Brito de Menezes

Autoria: Emídio Magalhães

Imagem 18 - Pinacoteca (Telas)



Otávio Mangabeira

Autoria: Alberto Valença

Fonte: dados da pesquisa.

Todas passaram por um processo de restauração na tela e na moldura, a partir de um projeto elaborado pela Arquivista Louise do Amaral. Foram trinta e três telas no total. Completam essa subcoleção fotografias.

A subcoleção bibliográficos engloba livros, periódicos e folhetos que não foram encaminhados à biblioteca Bernadete Sinay Neves, pois foi entendido que eles são

complementos dos objetos que estão no acervo, e também pelo fato da biblioteca já ter esses exemplares disponíveis.

A última subcoleção a ser formada, pois até o momento não estavam inclusos na coleção, foi demandada pela Arquivista e Coordenadora do Memorial, Louise Amaral, que solicitou que fossem incluídos os *bustos* que estavam espalhados pela escola.

Imagem 19 - Bustos



Arlindo Coelho Fragoso

Fonte: Dados da pesquisa.

São 3 (três) bustos, a saber: um de Arlindo Fragoso, fundador da EPUFBA, localizado na frente do Auditório Magno Valente, que fica no sexto andar, onde é o Espaço Cultural Arlindo Coelho Fragoso, e os bustos de José Joaquim Seabra e Juracy Magalhães, ambos considerados patronos da Escola Politécnica, estão localizados na Sala da Congregação, que fica no 5º andar do prédio da EPUFBA.

A subcoleção *outros* é formada por objetos que não conseguiram ser categorizados em nenhuma das outras coleções e que não fazem sentido dentro das demais subcoleções, e também porque não seria possível formar outras subcoleções a partir destes. Principalmente, por serem frutos de um armazenamento aleatório, logo os objetos não fazem sentido lógico no conjunto. Estão no aguardo da política de aquisição e descartes do MACF seja concluída para que o descarte possa ser feito de maneira adequada.

Imagem 20- Outros



Fonte: Dados da pesquisa.

O processo de transformar um conjunto de objetos em uma coleção museológica foi possível devido a uma série de procedimentos denominados de processo museológico, baseando em leis e diretrizes, mas não foi apenas esse processo que fez com que o MACF fosse entendido como um espaço museológico. Ancorado na definição de museus presente no Estatuto de Museus Lei N° 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009 que afirma:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Brasil, 2009)

O MACF é um espaço, que além de ter uma coleção museológica organizada, tem como missão preservar e disseminar a memória institucional da Escola Politécnica da UFBA por meio da conservação, pesquisa, disseminação um conjunto de documentos que possuem caráter arquivístico e museológico, por meio do seu acervo e por atividades que visam dialogar com o público da EPUFBA e da comunidade da UFBA em geral.

O memorial também trabalha na construção de outros documentos que ajudam a construir a política museológica tais como o plano museológico, a política de aquisição e descartes. O plano museológico, que além de ser uma exigência legal contida no Estatuto

de Museus Lei N° 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009, que também destaca a obrigação dos museus de manter documentação sistematicamente atualizada.

É importante para reforçar a missão da instituição e apontar a direção q o memoria deseja seguir nos próximos anos. A política de aquisição e descarte agora que o MACF possui uma coleção museológica, de fato, evitando que o espaço do memorial funcione como deposito de objetos aleatórios da EPUFBA. Que a partir de agora, para que um objeto seja incorporado ao acervo, exista um critério fundamentado na missão e na política do MACF, assim como, possa também fazer o descarte de objetos que não se enquadrem no perfil do acervo de forma correta.

O memorial Arlindo Coelho Fragoso busca atuar como um espaço de preservação da memória, um espaço que guarda e constrói a memória institucional da EPUFBA e como bem salientou o professor dr. Caiuby Alves:

O impacto do Memorial Arlindo Coelho Fragoso é importante.
Ele, reuniu, tratou, classificou e preserva nas condições ambientais corretas todo um acervo de mais de um século que retrata não só a evolução da Escola Politécnica da Bahia e também a interrelação dela com a sociedade da Bahia e do Brasil (TEIXEIRA, 2022)

Declaração que foi corroborada com a do professor dr. Luís Edmundo ao falar sobre o MACF, em questionário respondido em 2022, desempenhar as funções de arquivo permanente da EPUFBA e espaço museal também é um espaço que preserva e difunde a memória institucional da EPUFBA, o professor afirma: Certamente, não só a memória institucional da Poli, como da engenharia baiana, uma vez que se confunde, devido a Poli ter sido a primeira escola de engenharia da Bahia e uma das primeiras do Brasil.

É importante a fala dos antigos diretores da EPUFBA sobre o papel do MACF na construção do memorial institucional da escola politécnica da UFBA e que esse espaço também pode apontar sobre a história e memória da Universidade Federal da Bahia, da engenharia baiana e conseqüentemente do desenvolvimento da cidade e também da urbanização da cidade uma vez que, ocupou diversos endereços na cidade do Salvador.

O Memorial Arlindo Coelho Fragoso, nasce a partir do arquivo histórico da Escola Politécnica e com o objetivo inicial de conservar e dar acesso aos documentos, sejam eles arquivísticos ou museológicos e conseqüentemente as informações contidas neles. Sendo assim, nasce com a missão de “Promover a salvaguarda, valorização e o acesso ao patrimônio arquivístico e museológico da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia para a comunidade universitária e sociedade em geral”. o MACF tem cumprido a

sua missão desde a sua criação, mas ao longo desse processo outras dimensões ligadas a memória foram surgindo, na medida que o memorial foi desenvolvido atividades, criando parcerias e ampliando sua atuação na EPUFBA.

4.6 A atuação do MACF

Ao longo da sua trajetória o MACF foi ampliando o seu espaço de atuação, inicialmente atuando no processamento dos documentos arquivísticos e museológicos por meio de atividades técnicas que incluem trabalhos de identificação, tratamento, classificação, conservação e restauração do acervo arquivístico e museológico; b) Atividades educativas e culturais que incluem as visitas técnicas/mediadas, as oficinas/cursos; as exposições temporárias e permanentes e apoio a aprendizagem profissional (estágios curriculares); c) Atividades de pesquisa e extensão, abarcando o apoio/atendimento ao pesquisador, os projetos de pesquisa e extensão do Memorial e organização de eventos de extensão sobre a História da EPUFBA; d) Atividades administrativas, relativas ao atendimento de demandas de informações de ex-docentes, ex-discentes e ex-funcionários da EPUFBA, assim como de setores da EPUFBA.

Como resultado dessas ações era preciso compreender se a existência do memorial provocou algum impacto na dinâmica da EPUFBA e segundo a coordenadora do memorial, a arquivista Louise do Amaral afirma que

como espaço de memória, o impacto do MACF situa-se na esfera do sentimento de pertencimento na EPUFBA, ao promover a salvaguarda, valorização e acesso ao patrimônio arquivístico e museológico ao longo de 125 anos de história. Esse acervo era apenas uma massa documental acumulada e, através dos princípios e técnicas arquivísticas e museológicas, passa a ser (re)significada e acessada. A criação desse espaço de memória (instalações e serviços e produtos de informação e referência) buscou reestabelecer essa conexão entre passado, presente e futuro nessa unidade de ensino.

Sim, juntamente com a Biblioteca Bernadete Sinay Neves. Inclusive, em um dos artigos, em parceria com a equipe da biblioteca, detalhamos a utilização de dispositivos para potencializar a parceria na difusão da memória institucional da EPUFBA. (AMARAL, 2022)

A presença do MACF fez com que a escola colocasse em prática de fato o cuidado com o acervo documental e conseguinte com a memória a Escola. A parceria entre o memorial e a biblioteca aconteceu como uma forma de aproximação, visto que há atividades similares e que ambas poderiam atuar juntas para disseminar informações relativas a EPUFBA.

a identificação da necessidade de ampliar ações de divulgação das atividades realizadas pela Biblioteca e pelo Memorial, visto que uma quantidade expressiva de usuários desconhecia a existência do Memorial até precisarem dos serviços desta unidade. Como também, ampliar o processo dialógico que fortalece as atividades de mediação da informação. (AMARAL,2022)

A parceria como a biblioteca Bernadete Sinay Neve, não é a única parceria do MACF, que além de parceria com departamentos da EPUFBA tem parceria com o Instituto de Ciência da Informação da UFBA, por meio dos cursos de arquivologia e biblioteconomia e também com o curso de museologia da UFBA, com o curso técnico de restauro, como espaço para que os alunos possam fazer estágio curricular, usando o laboratório de conservação do MACF.

O professor Luiz Edmundo, em entrevista concedida para esta pesquisa, aponta que o espaço do memorial tem sido bastante utilizado pelos estudantes de ciências humanas, mas que é pouco utilizado pela comunidade da politécnica, mesmo sendo um espaço possível de ser utilizado, sendo muito bem gerenciado e de fácil acesso a comunidade.

Em relação a uma maior utilização do MACF pela comunidade da EPUFBA tem o projeto anteriormente citado entre o memorial e a biblioteca da escola e há também uma iniciativa do MACF e de alguns professores da Politécnica, como aponta Louise.

A parceria com os professores da EPUFBA tange as atividades de extensão (visitas técnicas/mediadas e projetos de extensão e inovação). No momento, as visitas técnicas/mediadas abarcam as turmas de Engenharia Civil, Elétrica, Sanitária e Ambiental, sendo atrelando o ensino ao acervo documental e museológico da EPUFBA. Normalmente ocorrem essas visitas com os discentes dos primeiros semestres dos respectivos cursos de graduação. Além disso, a parceria com os docentes da EPUFBA abarca um Grupo de Trabalho, intitulado GT-Acervo Técnico, para análise e aproveitamento dos acervos técnicos dos seus ex-docentes, a exemplo do engenheiro civil e sanitarista Nelson Gandur Dacach, no desenvolvimento de iniciativas técnico-científicas, de extensão e didáticas com foco na difusão de conhecimentos no âmbito da Arquivologia, Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental, composto por servidores docentes e técnicos-administrativos. Os objetivos do GT:

- a) Estudar as Interfaces entre Engenharia Sanitária e Ambiental e Arquivologia por meio dos acervos técnicos;
- b) Difundir os acervos técnicos perante a comunidade acadêmica, profissional e a sociedade em geral;

- c) Estabelecer atividades técnico-científicas com o envolvimento de discentes dos cursos de graduação e pós-graduação de engenharia e arquivologia;
- d) Desenvolver atividades didáticas que possam contribuir para o desenvolvimento dos futuros profissionais, formados na Escola Politécnica e áreas afins;
- e) Realizar atividades de extensão e parcerias técnico-acadêmicas no intuito de aproveitar o potencial dos acervos técnicos;
- f) Estimular a doação de outros acervos técnicos para aproveitamento no desenvolvimento de atividades técnico-científicas e acadêmicas. (AMARAL,2022)

A ideia de usar o acervo do memorial e possibilitar a aproximação com os professores da Escola Politécnica e com as graduações da escola, foi aplicada de maneira formal pela EPUFBA ao criar o grupo de trabalho “Acervo Técnico”, que consiste em utilizar o acervo arquivístico do memorial como fonte, ou ponto de partida para pesquisa correlacionando com cursos da graduação da escola politécnica, inicialmente os curso envolvidos são de engenharia civil e engenharia sanitária ambiental a partir do acervo de Nelson Gandur Dacach, acervo pessoal recebido pelo MACF. Além da pesquisa a ideia do grupo de trabalho é incentivar novas doações de acervo técnico.

Na tabela abaixo apresentamos alguns dos projetos desenvolvidos em parceria com o MACF e que envolveram alunos da graduação e da pós-graduação e de áreas como arquivologia biblioteconomia, história, engenharia civil, engenharia ambiental. Para ver a lista completa dos projetos olhar anexo A.

Quadro 5: Projetos do MACF

Ano	Título	Descrição	Integrantes
2018 - Atual	Grupo de Trabalho - GT Acervo Técnico	Criado pela direção da Escola Politécnica, por meio da Portaria n. 014/2018 que, resumidamente, delimita como foco a difusão de conhecimentos no âmbito da Arquivologia, Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental, por meio do acervo técnico de Nelson Gandur Dacach, no desenvolvimento de atividade técnico-científicas e didáticas que possam colaborar no desenvolvimento dos futuros profissionais. Ademais, realizar parcerias técnico-acadêmicas e atividades de extensão e, por fim, estimular a doação de outros acervos técnicos para o aproveitamento no ambiente acadêmico	Graduação
2019 - 2020	Efetividade das ações de mediação e gestão da informação: busca pelo	Tem como objetos de análise a Biblioteca Bernadete Sinay Neves e o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, ambos vinculados a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia	Alunos da graduação e da pós-graduação

	fortalecimento das relações entre biblioteca, memorial e seus usuários.		
2019	Difusão de conhecimento técnico-científico e capacitação prática como ferramentas para estudos integrados de projetos de infraestruturas de saneamento básico	difusão de conhecimentos práticos e profissionais sobre Sistemas Condominiais e demais vertentes do saneamento básico, visando favorecer a universalização de infraestruturas de saneamento, por meio de regulações técnicas e a formação de recursos humanos capazes de desenvolver projetos, acompanhar etapas de execução, como também estabelecer rotinas de manutenção e orientações técnicas passíveis de aplicação em diversas localidades desprovidas de infraestruturas de saneamento básico.	Graduação
2018 - 2020	Projetos e estudos do engenheiro Nelson Dacach da Escola Politécnica da UFBA: reflexões a partir do acervo técnico e pessoal	O projeto tem como proposta realizar intervenção arquivística e técnica junto ao acervo pessoal de Nelson Gandur Dacach, ex-docente da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Neste estudo, de caráter exploratório e descritivo, o foco é a identificação e descrição arquivística e técnica dos estudos preliminares e projetos de Nelson Gandur Dacach e os seus impactos na abrangência do saneamento na Bahia, com vistas aos padrões atuais aplicados em projetos de saneamento.	Graduação
2018 - 2019	Análise de projetos de saneamento e de novas tipologias técnicas a partir do mapeamento do acervo técnico de Nelson Gandur Dacach	O projeto tem como proposta dar continuidade na difusão da atuação de Nelson Dacach, e os impactos decorrentes de sua atuação na Engenharia Sanitária e Ambiental baiana e brasileira, durante a sua vida acadêmica e profissional com vistas aos reflexos na atualidade.	Graduação
2018 - 2019	Identificação e tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes da Escola Politécnica da UFBA (1897 a 1969)	a proposta para a continuação deste projeto. Fundada em 12 de julho de 1896, como Instituto Politécnico da Bahia, a então Escola Politécnica da Bahia foi inaugurada em 14 de março de 1897. Em 1946, a Escola Politécnica da Bahia é incorporada à Universidade Federal da Bahia. Ao longo dos seus 120 anos, esta unidade de ensino acumulou um acervo documental que delineia uma trajetória de crescimento, transformações e consolidação da Escola. Este estudo se caracterizará como documental e de levantamento. Este projeto de pesquisa é uma continuação das edições do Programa Permanecer 2014, 2015 e 2017.	Graduação
2018 - 2019	Mediação, gestão da informação e a web social no arquivo e na biblioteca: práticas de (re)significação	Tem como objetos de análise a Biblioteca Bernadette Sinay Neves e o Memorial Arlindo Coelho Frago, ambos vinculados a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia	Pós-graduação e graduação

	para a construção do conhecimento		
2017 - 2018	Acervo documental de ex-discentes da EPUFBA: Resgate histórico do período de 1897 a 1968	A identificação e o tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes (dossiês) da Escola Politécnica da UFBA (EPUFBA) será a proposta deste projeto. A perspectiva é dar continuidade aos projetos permanecer 2014 e 2015 que tinham como proposta a identificação do referido acervo documental de ex-discentes do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Nesse sentido, interessa-se por conhecer a trajetória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA), fundada em 14 de março de 1897, durante o período de 1897 a 1969 (ano em que os dossiês de ex-discentes passaram a ser custodiados na Secretaria Geral de Cursos/UFBA). O objeto do presente projeto será o acervo documental textual dos discentes da EPUFBA do mencionado período, a ser identificado e tratado tecnicamente.	graduação
2017 - 2018	Análise do acervo de Nelson Dacach com vistas aos aspectos técnicos atuais aplicados em projetos de saneamento	O projeto tem como proposta realizar intervenção arquivística e técnica junto ao acervo pessoal de Nelson Gandur Dacach, ex-docente da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Neste estudo, de caráter exploratório e descritivo, o foco é a identificação e descrição arquivística e técnica dos estudos preliminares e projetos de Nelson Gandur Dacach e os seus impactos na abrangência do saneamento na Bahia, com vistas aos padrões atuais aplicados em projetos de saneamento.	Graduação
2016 - 2018	Identificação do acervo documental de discentes e servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período da ditadura civil-militar brasileira (1964 a 1985)	A identificação e o tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes e ex-servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica da UFBA será a proposta deste projeto. . O projeto, tem como objetivo identificar os docentes da Escola Politécnica do período da ditadura civil-militar brasileira e as ações dos mesmos em relação à ordem vigente. No presente estudo, o foco é o resgate do acervo documental de discentes e servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica, por intermédio da identificação e descrição por intermédio da identificação e descrição arquivística, com o intuito de mapear e identificá-los, reconstituindo à atuação, bem como a contribuição administrativa, científica e social dos mesmos no referido período.	

Os projetos desenvolvidos pelo memorial visam a integração da comunidade da politécnica, professores, alunos, servidores e também com outros cursos da UFBA. Uma outra forma de aproximação acontece via trabalhos que são feitos sobre o MACF que também contribui para a divulgação do memorial, das memórias e informações que

abarcam. E tem o conversando sobre a história da EPUFBA, atividade de extensão, realizada pelo MACF em parceria com a Assessoria da direção da escola e ocorre desde 2017.

De acordo com Louise Amaral, a atividade é uma das formas que o memorial utiliza para que as diversas histórias e memórias que compõe a EPUFBA sejam apresentadas.

Uma outra forma são os projetos tanto executado pelo MACF e seus parceiros. Por exemplo a exposição realizada pelo MACF em parceria com a professora Raquel do Rosario Santos, professora do curso de biblioteconomia do ICI, que a partir dos documentos do servidor, que pertenceu ao movimento negro, foi feita uma exposição sobre o movimento negro tendo como intermédio o servidor. Podemos destacar dois pontos sobre narrativa nessa exposição. Primeiro que a exposição nasce a partir de um servidor, não de um professor, diretor ou ex-docentes que ganhou notoriedade, mas de um servidor, profissional que poucas vezes são representados e pesquisados, pensando em um modelo “tradicional” de memorial institucional, o outro ponto é apresentar a narrativa de pessoas negras, uma vez que mesmo com o avanços das ações afirmativas, do aumento significativo de estudantes negros na Escola Politécnica, ainda há um senso comum de que a presença negra, seja de alunos, servidores e docentes, na politécnica não é o espaço deles. E ainda tem o efeito bônus que é abordar a o dia da consciência negra, uma vez que a exposição ocorreu na semana do 20 de novembro²⁹ e discutir a questão do racismo é um dever de todos nós e a EPUFBA por ser uma unidade de ensino não deve se abster do debate.

A arquivista Lívia Cortes, ex-discente do curso de arquivologia da UFBA e ex-estagiária do MACF, fez o seu trabalho de conclusão de curso sobre as primeiras alunas que ingressaram na EPUFBA. O trabalho mapeou as mulheres que estudaram na politécnica entre os anos de 1897 a 1970.

Foram identificadas 73 mulheres, o que em porcentagem representa 2,2% de presença feminina em 73 anos de EPUFBA. Dessas 73 mulheres, foi possível consultar o dossiê de 68, pois 05 dossiês não foram localizados. Logo, o número de referência para os resultados apresentados é de 68 alunas. Na composição dos dossiês foram observados os seguintes documentos: curriculum vitae, procurações, ofícios, fotografia, recibos de pagamento de taxas, solicitações de matrícula semestral, grade curricular semestral, históricos escolares do ginásio e do curso superior, provas do concurso de habilitação ou vestibular, certidão de nascimento e casamento, fichas de cadastro do aluno e carteira de vacinação. (CÔRTEZ, 2020.p4)

²⁹ Iniciativa do MACF com o grupo de pesquisa.

A produção da autora abre caminho para o diálogo para pesquisas futuras e criando ponte com atualidade, pois ainda hoje a presença de mulheres nas ciências duras ainda enfrenta uma resistência mesmo com o número delas aumentando, as mulheres ainda são subrepresentadas na ciência.

E dessa forma o MACF vai buscando instrumentos para que mantenha o seu compromisso de ser um espaço de pesquisa, de informação, da memória institucional da EPUFBA, mas também um espaço que contemple outras narrativas.

Dentro do organograma da UFBA (anexo A) há o Sistema Universitário de Museus, que contempla 7 (sete) museus, 5 (cinco) memórias e dois núcleos de memória. De acordo com o mapeamento cultural da UFBA, publicado em 2020, apenas o Museu de Arte Sacra é vinculado diretamente à reitoria da universidade. 4 (quatro) museus são vinculados a unidades de ensino: Museu de História Natural (Biologia), Museu de Arqueologia e Etnologia (Filosofia e Ciências Humanas), Museu de Geologia (Geociências) e o Museu Interativo de Anatomia Comparada (Medicina Veterinária). Fechando o grupo de museus do sistema, o Museu Afro Brasileiro e o Museu Afro – Digital da Memória Africana e Afro Brasileira, são ligados ao Centro de Estudos Afro - Orientais, que é um órgão complementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Já os memórias das faculdades de Dança, Direito, Medicina, Música e Politécnica, o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, são partes das unidades de ensino que compõem. O núcleo de memória de Enfermagem e o Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos completam atualmente o Sistema de museus universitários da UFBA.

Já no organograma da EPUFBA o MACF aparece como um órgão de assessoramento, mas o ideal é que fosse um órgão diretamente ligado a direção, assim como é a biblioteca Bernadeth Sinay Neves, não apenas por ser um memorial, mas como já foi destacado anteriormente no trabalho, o MACF também é o arquivo histórico da EPUFBA e a relação direta com a direção facilitaria a realizações de ações.

É preciso destacar que assim como um sistema de museus universitários a UFBA, criado para facilitar e apontar caminhos para os museus universitários da universidade a UFBA possui a Coordenação de Arquivo e Documentação (CAD), unidade administrativa ligada a Pró – Reitoria de Administração da UFBA e tem como competência:

a realização de mapeamentos e diagnósticos nas unidades documentais da Universidade; a estruturação dos núcleos de arquivamento; a coordenação do sistema de arquivos; o gerenciamento, a organização, o armazenamento, a preservação e a viabilização do funcionamento do Arquivo Geral. (<https://proad.ufba.br/CAD>. Acesso em 10 de janeiro de 2021)

É de pensar que por também ser um arquivo o MACF deveria estar ligado ao CAD, uma vez que também é um arquivo, porém o campo de atuação do CAD é restrito aos arquivos setoriais, correntes e intermediários de unidades universitárias e de outros órgãos, de acordo com o artigo 17 do Regimento interno da UFBA. O papel de tratar o arquivo permanente da EPUFBA é de responsabilidade do MACF.

Durante a pandemia o MACF ficou fechado. Como retorno presencial das aulas, no ano de 2022, a previsão é que o MACF volte a funcionar. Durante esse processo houve uma mudança na exposição temporária, que fica próxima a sala da congregação e no dia 27 de maio de 2022 a direção da EPUFBA inaugurou a Galeria dos ex-diretores, para homenagear os 125 anos da fundação da Escola Politécnica e contou com o apoio do MACF que cedeu algumas telas para que as reproduções fossem feitas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender o Memorial Arlindo Coelho Fragoso como o lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e também como o lugar responsável pela memória institucional da EPUFBA.

Na segunda seção apresentamos o conceito de memória e trouxemos três autores que discutem a memória a partir da relação com o passado, a memória coletiva e o campo de disputa causado ao trabalhar como memória por que algumas ficam subterrâneas enquanto outras são tomadas como verdade absoluta. Falamos também sobre o conceito da memória institucional e como as vezes ela precisa ser cristalizada, para se tornar homogênea.

A terceira seção discutiu o conceito de lugar de memória utilizado por Pierre Nora e também foi feito um pequeno retrospecto das instituições Arquivo, Biblioteca e Museu e sua atuação na contemporaneidade.

Por fim apresentamos o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, um memorial considerado híbrido, pois além da função memorialística ele também é o arquivo histórico

da EPUFBA. Nessa seção apresentamos um histórico da Escola Politécnica da UFBA, do processo de criação do MACF e das ações desempenhadas por ele desde a sua criação. Para fazer esta avaliação entrevistamos ex-diretores da EPUFBA que participaram do processo e da concretização do memorial. Também participou das entrevistas a arquivista Louise Amaral, antiga Coordenadora do MACF.

Concluimos que MACF enquanto instituição museológica não é uma instituição neutra, ele possui um discurso, uma narrativa e suas ações devem transmitir a narrativa que quer contar e uma memória institucional é uma forma de reforçar e homogeneizar a narrativa. Porém a nova museologia defende o museu como ágora, como um espaço de troca, escuta, aprendizado e que esse espaço pode contemplar diversas narrativas. Esse modelo também está em consonância com o modelo da arquivologia pós custodial, de uma arquivologia que não pensa apenas em preservar o documento só pela preservação, mas que precisa ser disseminado e que todos tenham acesso à informação contida nele.

O MACF em seis anos de existência tem se tornado, não apenas o lugar de memória da EPUFBA, mas um espaço de interação entre áreas e cursos distintos da UFBA. Assim como outros memórias, museus e núcleo de memória que compõem o sistema de museus da Universidade Federal da Bahia preservam e disponibilizam acesso ao patrimônio cultural da universidade e também fortalece a memória institucional da mesma. Porém o MACF ainda precisa ser mais utilizado pelos discentes e docentes da EPUFBA, processo já iniciado pelo curso de engenharia ambiental e civil.

Terminamos aqui essa fase da pesquisa, mas ainda são muitas as possibilidades de pesquisa no MACF e esperamos que sejam exploradas, pois a pesquisa tem o poder de lançar luz sobre questões escondidas, enxergar e resolver lacunas e de manter a mente sempre em ebulição.

Referências

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, 2009.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil) Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BARBOSA, Andrea Arruda., 2013, Ouro Preto. **Memória Institucional**: possibilidade de construção de significados em ambientes organizacionais. Ouro Preto: UFOP, 2013.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORKO, Harold. Ciência da Informação: o que é isto. **American Documentation**, [s. l], v. 19, p. 3-5, 1968.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Ancib, 2003. p. 20-50.
- CÔRTEZ, Lívia Gomes**. Mulheres na engenharia: a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia de 1897 a 1970. In: X Encontro Estadual de História Anpuh Bahia, 2020, Vitória da Conquista. Anais X Encontro Estadual de História Anpuh Bahia Combates pela História. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020. v. 1.
- COSTA, Icléia Thiensen Magalhães. **Memória Institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórica- metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Ibict, Rio de Janeiro, 1997.
- DICIONÁRIO. **Dicio**: dicionário online de português. dicionário online de português. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/instituicao/>. Acesso em: 05 jun. 2020.
- GOFF, Jacques Le. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- MENDONÇA, André R.. **Memória**: definição e tipos. definição e tipos. Disponível em: file:///C:/Users/Janaina/Documents/janaína%202021/dissertação/referencial%20empirico/Memória.html. Acesso em: 15 maio 2020.
- MOURÃO JUNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memória. **Psicologia Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 4, p. 780-788, 2015.
- NETTO, Carlos Xavier Azevedo; DODEBEI, Vera. Informação e memória: trajetória do gt10 da ANCIB e o impacto dos estudos culturais na CI. In: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (org.). **Memória Interfaces no campo da Informação**. Brasília: UNB, 2017. p. 53-75.
- OLIVEIRA, Carmem Irene Correia de. Memória e identidade Institucional: um estudo de caso. **Vivência**, São Paulo, v. 34, p. 91-111, 2008.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg; CASTRO, Raissa Mota. A memória na ciência da informação: uma análise da produção científica brasileira. In:

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg; CASTRO, Raissa Mota (org.). **Memória Interfaces no campo da Informação**. Brasília: UNB, 2017. p. 79-108.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 3-15, 1989.

ROSSI, Paolo. **O PASSADO, A MEMÓRIA, O ESQUECIMENTO**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Unesp, 2010.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de. Memória institucional: uma revisão da literatura. **CrB - 8 Digital**, São Paulo, v. 4, p. 78-89, abr. 2011. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SANTOS, R. do R.; DOS SANTOS, J. de J.; FREITAS, L. S.; JESUS, I. P. de; AMARAL, L. A. F. de O. A utilização dos dispositivos de comunicação da web social pela biblioteca e pelo memorial universitários. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 174-190, 2020. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v11i1p174-190. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/160787>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SCHAFER, Murilo Bilig; FLORES, Daniel. Preservação da informação arquivística digital: repercussões para o patrimônio cultural. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 173-186, 2013.

ZAHER, Celia Ribeiro. Entrevista. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 24, 1995.

Apêndice A - Roteiro das entrevistas de 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso da aluna Janaína Ilara Ferreira Conceição, discente do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia. O trabalho está intitulado como: “**Diálogos Interdisciplinares entre Arquivologia e Museologia: uma análise teórico-prática no Memorial Arlindo Coelho Fragoso**”.

- 1. Por que criar um Memorial na Escola Politécnica da UFBA?**
- 2. Existia algum modelo de gestão para os documentos da EPUFBA?**
- 3. Como se deu a elaboração e debates sobre a criação do MACF?**

APÊNDICE B – Termo de Consentimento da entrevista de 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada colaboradora,

Esta pesquisa intitulada, “**Diálogos Interdisciplinares entre Arquivologia e Museologia: uma análise teórico-prática no Memorial Arlindo Coelho Fragoso**” é a proposta de um trabalho de conclusão de curso de Arquivologia. Solicitamos a sua colaboração e autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos, bem como publicar em revista/livro científica na área da Arquivologia, Museologia e Ciência da Informação.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a Senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e publicação dos resultados

Assinatura

APÊNDICE C – Transcrição da Entrevista 1 realizada em 2018

Áudio 1 – 2'52''

Janaína – Por que criar um Memorial na Escola Politécnica da UFBA? O Arlindo Coelho Fragoso

Professor Luís - A ideia é a gente preservar a nossa história, né? Então foi feito isso. A Escola Politécnica é uma das 5 (cinco) Escolas de Engenharia do Brasil. Tem história e tinha documentação aqui, então a gente coloca isso, para conhecer a nossa história, onde, infelizmente que tem desenvolvido muito mais o pessoal da parte de filosofia, de história do que os engenheiros. Mas isso não tira a motivação de colocar porque o que é importante é a gente manter preservado o conhecimento da engenharia baiana.

Janaína – Existia algum modelo de gestão para documentos na Escola Politécnica?

Professor Luís - Sim. Existia um documento, aquela coisa que se chamava até um “arquivo morto”, que hoje não está sendo mais usado esse nome né? Existia isso porque nós tínhamos a obrigação de preservar os documentos e durante muito tempo, depois que se, é a universidade a Escola Politécnica passou a ser federalizada fazendo parte da u8niversidade da Bahia inicialmente, depois perto da década de 70 passou a ser Universidade Federal da Bahia, boa parte desses documentos foram para a SGC (Secretaria Geral dos Cursos), que é onde se centralizam as informações, nós ficamos com os anteriores.

Janaína – Como se deu a elaboração e o debate para a criação do Memorial Arlindo Coelho Fragoso?

Professor Luís - Olha! Isso já é uma ideia antiga, de você colocar aquilo, porque o nosso “arquivo morto” era largado lá, não tinha nada que preservasse, então, quando as pessoas vinham para cá a gente via que “tava” perdendo patrimônio né, por uma forma inadequada e também teria que fazer uma limpeza da documentação porque se guardava provas, se guardava algumas coisas que não tinha tanto significado, então a ideia era de que tornar algumas coisas para que se possam pessoas virem aqui estudar e tá aberto a essas pessoas. Por que antigamente você tinha que pedir o que é, a pessoa identificar a caixa e passar para a pessoa solicitante. Ficava por exemplo, eu quando frequentei lá tive problema de garganta mostrando que tinha problemas de higienização, ambiente insalubre, então a ideia era de ter um ambiente digno do que foi a nossa história e não esquecido num monte de papel amontoado.

Janáína – Pronto professor, era só isso. Obrigada!

Professor Luís - era só isso? Por nada. Boa sorte aí, viu!

APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista 2 de 2018

Áudio - 2

Janáina – Então Louise, como surge o projeto do Memorial Arlindo Coelho Fragoso?

Louise Amaral – Na verdade, no ano de 2010, quando eu ingressei aqui, num concurso público, eu entrei em 2009/2010 né, que foi o processo de concurso, depois de admissão, que eu entrei na Escola, e eu fui lotada na Escola Politécnica.

Quando eu cheguei aqui na Escola, eu fiquei sabendo um pouco, de que havia ocorrido outros 2 (dois) projetos, um de uma arquiteta e outro de um historiador que foi pesquisador aqui na Escola. Essa arquiteta tinha feito todo o desenho desse espaço aqui da unidade de informação, projetando um espaço, apenas com os arquivos deslizantes né, era praticamente somente o arquivo deslizante e nada mais. O de Emiliano, como ele teve a oportunidade de ter o contato, não só com esse projeto dessa arquiteta, Ana Lacerda, ele veio para fazer uma pesquisa já na gestão de professor Luís Edmundo, os dois né, eles tiveram aqui e fizeram a proposta, Emiliano (historiador) esteve aqui e encontrou, conheceu a Ana Lacerda e reforçou junto a direção da unidade, para concepção de um arquivo, ainda não um memorial, enfim, os anos passaram, isso foi em torno de 2007 e 2008. Acho que foi o ponta pé para que o professor Luís solicitasse a PRODEB um código de vaga de arquivista aqui para a unidade e efetivamente aconteceu o concurso, eu entrei em 2010. Ao ingressar em 2010, aqui eu comecei, como eu era arquivista, tinha acesso aqui ao espaço, eu comecei a verificar que havia uma mistura de materiais de almoxarifado, bens inservíveis da Escola, e dali efetivamente eu falei não, vamos projetar o arquivo histórico da Escola Politécnica, tomando como base esses outros projetos também, enfim, estruturamos, já nessa proposta a ideia de um processamento e um laboratório.

Com um tempo, já no finalzinho da gestão do professor Luís 2014/2015, a gente começou a conceber, por conta da análise, da identificação do acervo e dos objetos tridimensionais que também estavam nesse espaço a ideia era conceber um arquivo ou melhor com um museu e aí surgiu a ideia do projeto para o Memorial Arlindo Coelho Fragoso.

Inicialmente com as obras nas instalações físicas, projeto esse, de outra arquiteta, Cristina Stolzi que tinha feito o projeto lá da Faculdade de Direito que deu origem inclusive na gestão de professor Luís para que a gente pudesse efetivamente conceber esse espaço, ele queria um espaço nos moldes na Faculdade de Direito, que ele também teve contato posterior. Só que a obra não saiu. Saiu efetivamente na gestão de Professora Tatiana Bittencourt. Então professora Tatiana nesse dialogo durante a obra, foi que surgiu a ideia de da gente transformar o arquivo histórico num Memorial em homenagem ao Arlindo, assim como o espaço cultural daqui do 6º andar, dos auditórios.

Janaína – Como era o arquivo histórico da Escola antes do Memorial?

Louise Amaral – Nossa! Era a “caverna do dragão” como a gente sempre fala aqui. O “arquivo morto”. Quando acessava essas escadas aqui que hoje culmina aqui no laboratório, era um espaço com todas as janelas fechadas, não existia essa porta do laboratório, havia aqueles combogós na parte que é a que você vê do lado externo que era a única ventilação que o memorial tinha todo o acervo, estava acondicionado em estantes de aço e armários também de aço, mas totalmente oxidados, algumas dessas estantes, a gente conseguiu substituir que tá lá no nosso puxadinho hoje atualmente e nesse meio tempo, ao acessar aqui você tinha produtos de limpeza, papel, papel higiênico, todo mobiliário quebrado, estava guardado nesse espaço, computador, você não conseguia acessar as estantes porque exatamente era obstruído por ar condicionado quebrado, enfim. Aqui era o depósito reunindo o acervo documental, museológico e todos esses bens inservíveis e materiais do almoxarifado, então, ao entrar, com as janelas fechadas com cimento, não existia sala de exposição né, que a gente implantou nessa reestruturação do Memorial então, praticamente o único acesso era por essa escada e o arquivo era subordinado a Secretaria de Administrativa da unidade, como “arquivo morto”, o local que ninguém queria descer, entrar. A visão era exatamente o seguinte você entrava e ficava doente porque realmente era, a insalubridade estava em alta.

Janaína – Qual a relação do arquivo com a memorial?

Louise Amaral – Essa pergunta é excelente. O arquivo é um do que eu já expliquei. O arquivo tem uma relação com o que é produzido, recebido e acumulado pela na unidade e se reflete também nos objetos tridimensionais que foram acumulados, recebidos e não necessariamente produzidos pela unidade, foram acumulados ou por doação ou por compra, dos vários laboratórios e até a própria coleção que se constituiu com todo seu apoio e sua expertise a coleção Escola Politécnica e futuramente quando doado também a coleção Teodoro Sampaio. Então esse acervo tem uma relação direta que nós fomos percebendo ao longo do tempo a sinergia no que se refere principalmente ao que a gente tem adotado aqui que é a descrição arquivística desse acervo. Então essa sinergia entre esses documentos num processo de descrição realmente. De correlação entre o instrumento termo de doação e suas sinergias nos permitiram conceber esse espaço como um memorial, tomando como molde, como eu disse anteriormente, o da Faculdade de Direito da UFBA. E a diferença um pouco é a do acervo bibliográfico da nossa biblioteca universitária Bernadete Sinai Neves, que tem uma parte de obras raras, que tem uma parte mais corrente da biblioteconomia, que são os exemplares, os títulos que estão relacionados ao dia a dia dos estudantes, também nas várias áreas do conhecimento mais focado na engenharia, mas que é

um acervo que não é orgânico. Então a gente percebe uma relação arquivo e museu muito mais orgânica do que efetivamente o acervo bibliográfico que é muito bem cuidado desde a década 60 aqui pela biblioteca. Então eles fizeram uma separação aqui na Escola entre andares, entre o 7º e o 4º que a gente na verdade adaptou esse espaço. Essa é uma questão que eu também não falei, é que a gente adaptou esse espaço para o Memorial. Não é a situação ideal no que se refere a andares baixos na unidade, o ideal é que a gente estivesse lá junto com a biblioteca, mas por uma questão estrutural, todo esse acervo foi acumulado aqui nesse espaço, então a gente aproveita os espaços e fizemos a sinergia, mas o ideal é que a gente tivesse até um centro de memória aqui na unidade. Isso é uma outra questão importante, mas a questão da separação física, de uma certa forma impede que a gente faça essa conexão. É feito de forma indireta, mas não de forma direta, principalmente através das redes sociais que a gente tem tentado unir foças.

Janaína – A trajetória do Memorial como unidade de informação? A melhora no fluxo de informações e todas essas questões.

Louise Amaral – Sim, sim. Olhe, depois do surgimento do Memorial a gente percebe um pouco no comportamento também dos técnicos, dos docentes, o Memorial tem se transformado numa referência no que se refere a memória de uma unidade de ensino. Isso é um ponto extremamente positivo para a unidade de informação, eu acho que outro ponto que também tem acontecido não só com o público interno, essa questão de mudar a visão de arquivo morto para um memorial, esses conceitos que a gente vê muito na literatura, eu acho que a gente “tá” conseguindo fazer essa mudança um pouco e dentro da cultura da Escola Politécnica. Eu acho que a gestão tanto de “Luizão” como de Tatiana trouxe ao “vestir a camisa da memória”, trouxe essa mudança de cultura para dentro da unidade, então, todo tratamento, a gente tem dado orientações através das parcerias que a gente desenvolve aqui com os arquivos dos departamentos, os arquivos correntes da unidade, numa tentativa de a gente ainda tem um caminho muito longo pela frente, porque não é do dia para a noite, mas a gente tem começado trabalhos lá no departamento de mecânica, evitando eliminações, principalmente indiscriminadas, porque isso fere o nosso código de ética, também do arquivamento, então, a gente tem conseguido mudar e tentado atender um pouco, mas não completamente as que esses arquivos correntes tem no que se refere ao tratamento dessa documentação para um futuro recolhimento aqui para o Memorial.

De uma forma muito bacana eu acho que a gente está começando a trazer o Memorial para o sistema de Museus da UFBA, isso também é uma questão que eu estava até agora a pouco conversando com Solenar. Esse Memorial aqui “tá” virando uma coleção. Ela “tá” começando a trazer essas vertentes do museu e eu acho que futuramente o Memorial e outros memoriais que estão surgindo aqui na universidade, da Faculdade de Direito, da Escola Politécnica, o de Dança e também o de Odonto, que está em processo de formação, provavelmente eles vão

ingressar no sistema de museus da UFBA e não vai ter uma “perna” no sistema de arquivos, mas a gente “tá” marcando um pouquinho a trajetória dos memórias dentro do próprio sistemas de museus até pela própria visão que a Reitoria tem em relação a essas coleções e essa sinergia entre arquivo e museu que a gente tem estabelecido no processo de descrição, de concepção da política do nosso acervo.

Janaína – E esses memórias que estão surgindo, o de Odonto, o de dança, são também nessa perspectiva de aliar o arquivo da instituição e a memória institucional?

Louise Amaral – Isso, exatamente. Essa é a correlação que eles estão fazendo. Inclusive através de professoras que foram até a professora Suely, que indicou o memorial daqui e o da Faculdade de Direito para que elas pudessem fazer uma atividade o ACCS, atividade de extensão voltada para conhecer a realidade daqui e da Faculdade de Direito e moldar o memorial lá de “Odonto” com a expertise/ perspectiva que a gente tem aqui, por isso eu “tô” falando a gente tá fortalecendo esses espaços para se integrarem ao sistema de museus. Inclusive a gente já foi convocada exatamente para reuniões com o Reitor, recentemente, já integrando o sistema porque ali a gente só teve com o Museu de Arte de Sacra, o MAFRO todo mundo lá, exatamente. E nós com a coleção também integrando esses espaços. A gente “tá” se consolidando, regimentalmente para ingressar dentro do sistema de museus.

**Apêndice E - Questionário de 2022 direcionado para os últimos 3 gestores da EPUFBA
que estavam envolvidos no projeto e na criação do MACF**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O presente questionário faz parte da pesquisa para a produção da dissertação de Janaína Ilara, discente do programa de pós-graduação em ciência da informação da Universidade Federal da Bahia. Cujo trabalho é intitulado: O Memorial Arlindo Coelho Fragoso: Lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

Devido a pandemia de covid 19 o questionário será aplicado via e-mail.

1. Após 06 anos de funcionamento, apesar da abertura oficial ter ocorrido apenas em 2019 e desde 2020 está com as atividades presenciais suspensas, qual o impacto do MACF para a EPUFBA pensando na preservação do patrimônio arquivístico e como espaço de memória.
2. Podemos afirmar que o MACF além de desempenhar as funções de arquivo permanente da EPUFBA e espaço museal também é um espaço que preserva e difunde a memória institucional da EPUFBA? Por quê?
3. Caso tenha notado mudanças no que diz respeito a preservação da documentação e memória da EPUFBA desde o início de funcionamento do MACF poderia citá-las?

Apêndice F – Resposta do Professor dr. Caiuby Alves Teixeira

Caiuby Alves: Resposta

A) concordo com as condições estabelecidas

Caiuby Alves da Costa

Caiuby Alves: O impacto do Memorial Arlindo Coelho Fragoso é importante.

Ele, reuniu, tratou, classificou e preserva nas condições ambientais corretas todo um acervo de mais de um século que retrata não só a evolução da Escola Politécnica da Bahia e também a interrelação dela com a sociedade da Bahia e do Brasil

Caiuby Alves: 2 - Além das características já descritas, o Memorial Arlindo Fragoso dispõe de local, corpo funcional e equipamentos que permite busca, consulta e reprodução de documentos.

Convém assinalar que existe no acervo pinturas, documentos em vídeo e suporte eletrônico e que o Memorial recebe, trata, cataloga e arquiva acervo de docentes, como no caso do professor Nelson Gandur Dacach.

Caiuby Alves: Quanto a difusão, além de publicar artigos, há o evento anual do Conversando sobre a História da Escola Politécnica

Caiuby Alves: 3 Ao longo do tempo em que tenho acompanhado a evolução do Memorial Arlindo Coelho Fragoso, nota-se um avanço em sua estrutura de consulta pública

Caiuby Alves: Caso queira maiores esclarecimentos escreva

Saúde e paz,

Caiuby Alves da Costa

Apêndice G – Resposta do professor dr. Luís Edmundo

Apêndice H - Questionário para a arquivista Louise Amaral



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INSTITUTO DE CIÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O presente questionário faz parte da pesquisa para a produção da dissertação de Janaína Ilara, discente do programa de pós-graduação em ciência da informação da Universidade Federal da Bahia. Cujo trabalho intitulado: O Memorial Arlindo Coelho Fragoso: como lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

Devido a pandemia de covid 19 o questionário será aplicado via e-mail.

1. Qual a recepção da comunidade da EPUFBA com o MACF?
2. Quais ações realizadas pelo MACF para cumprir a sua missão?
3. Houve uma expansão no que inicialmente foi projetado para ser o MACF? Se sim, quais?
4. Após 06 anos de funcionamento, apesar da abertura oficial ter ocorrido apenas em 2019 e desde 2020 está com as atividades presenciais suspensas, qual o impacto do MACF para a EPUFBA pensando na preservação do patrimônio arquivístico e como espaço de memória?
5. Podemos afirmar que o MACF além de desempenhar as funções de arquivo permanente da EPUFBA e espaço museal também é um espaço que preserva e difunde a memória institucional da EPUFBA?
6. Sabemos que o campo da memória é um campo de disputa de narrativas. Como o MACF age para que haja espaço para as diversas histórias e memórias que compõem a EPUFBA?

7. O MACF é um espaço bastante utilizado pelos professores do ICI, tanto os de curso biblioteconomia como os de arquivologia e em algumas vezes por professores da museologia, mas como é o contato e parceria com os professores da EPUFBA?
8. o MACF é um memorial híbrido, já que possui características de arquivo e de espaço museal. Como se insere na estrutura da UFBA que tem o CAD e um sistema de museus? E qual o lugar da MACF no organograma da EPUFBA.
9. Quantos e quais projetos já foram desenvolvidos dentro do universo do MACF?
10. Como você vê os novos memórias que estão surgindo na UFBA?

Apêndice I – Resposta da arquivista Louise Amaral



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INSTITUTO DE CIÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O presente questionário faz parte da pesquisa para a produção da dissertação de Janaína Ilara, discente do programa de pós-graduação em ciência da informação da Universidade Federal da Bahia. Cujos trabalhos intitulados: O Memorial Arlindo Coelho Frago: como lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

Devido a pandemia de covid 19 o questionário será aplicado via e-mail.

11. Qual a recepção da comunidade da EPUFBA com o MACF? A recepção da comunidade da EPUFBA ao MACF foi extremamente positiva. Com meu ingresso na EPUFBA, percebi que as gestões já tinham interesse em executar o projeto do Memorial, mas não possuíam recursos financeiros para tal empreendimento. Somente na gestão da profa. Tatiana Dumê foi possível a realização da obra e inauguração do MACF. Isso ocorreu em 2019.
12. Quais ações realizadas pelo MACF para cumprir a sua missão? a) Atividades técnicas que incluem trabalhos de identificação, tratamento, classificação, conservação e restauração do acervo arquivístico e museológico; b) Atividades educativas e culturais que incluem as visitas técnicas/mediadas, as oficinas/cursos; as exposições temporárias e permanentes e apoio a aprendizagem profissional (estágios curriculares); c) Atividades de pesquisa e extensão, abrangendo o apoio/atendimento ao pesquisador, os projetos de pesquisa e extensão do Memorial e organização de eventos de extensão sobre a História da EPUFBA; d) Atividades administrativas, relativas ao atendimento de demandas de

informações de ex-docentes, ex-discentes e ex-funcionários da EPUFBA, assim como de setores da EPUFBA.

13. Houve uma expansão no que inicialmente foi projetado para ser o MACF? Se sim, quais?

Ocorreu sim. Inicialmente ele era pensado para ser apenas um Arquivo Histórico. Posteriormente, com o início dos trabalhos de identificação do acervo documental, constatou-se a presença de documentos museológicos, o que permitiu a ampliação do espaço físico com a implantação de um Memorial.

14. Após 06 anos de funcionamento, apesar da abertura oficial ter ocorrido apenas em 2019 e desde 2020 está com as atividades presenciais suspensas, qual o impacto do MACF para a EPUFBA pensando na preservação do patrimônio arquivístico e como espaço de memória?

Como espaço de memória, o impacto do MACF situa-se na esfera do sentimento de pertencimento na EPUFBA, ao promover a salvaguarda, valorização e acesso ao patrimônio arquivístico e museológico ao longo de 125 anos de história. Esse acervo era apenas uma massa documental acumulada e, através dos princípios e técnicas arquivísticas e museológicas, passa a ser (re)significada e acessada. A criação desse espaço de memória (instalações e serviços e produtos de informação e referência) buscou reestabelecer essa conexão entre passado, presente e futuro nessa unidade de ensino.

15. Podemos afirmar que o MACF além de desempenhar as funções de arquivo permanente da EPUFBA e espaço museal também é um espaço que preserva e difunde a memória institucional da EPUFBA?

Sim, juntamente com a Biblioteca Bernadete Sinay Neves. Inclusive, em um dos artigos, em parceria com a equipe da biblioteca, detalhamos a utilização de dispositivos para potencializar a parceria na difusão da memória institucional da EPUFBA:

SANTOS, R. do R.; DOS SANTOS, J. de J.; FREITAS, L. S.; JESUS, I. P. de; AMARAL, L. A. F. de O. A utilização dos dispositivos de comunicação da web social pela biblioteca e pelo memorial universitários. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 174-190, 2020. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v11i1p174-190. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/160787>. Acesso em: 15 abr. 2022.

16. Sabemos que o campo da memória é um campo de disputa de narrativas. Como o MACF age para que haja espaço para as diversas histórias e memórias que compõem a EPUFBA?

O MACF procura difundir essas diversas histórias e memórias através das suas atividades de extensão. A principal é a realização da atividade de extensão “Conversando sobre a História da EPUFBA”, evento realizado pelo Memorial, em parceria com a Assessoria da Direção, desde 2017.

17. O MACF é um espaço bastante utilizado pelos professores do ICI, tanto os de curso biblioteconomia como os de arquivologia e em algumas vezes por professores da museologia, mas como é o contato e parceria com os professores da EPUFBA?

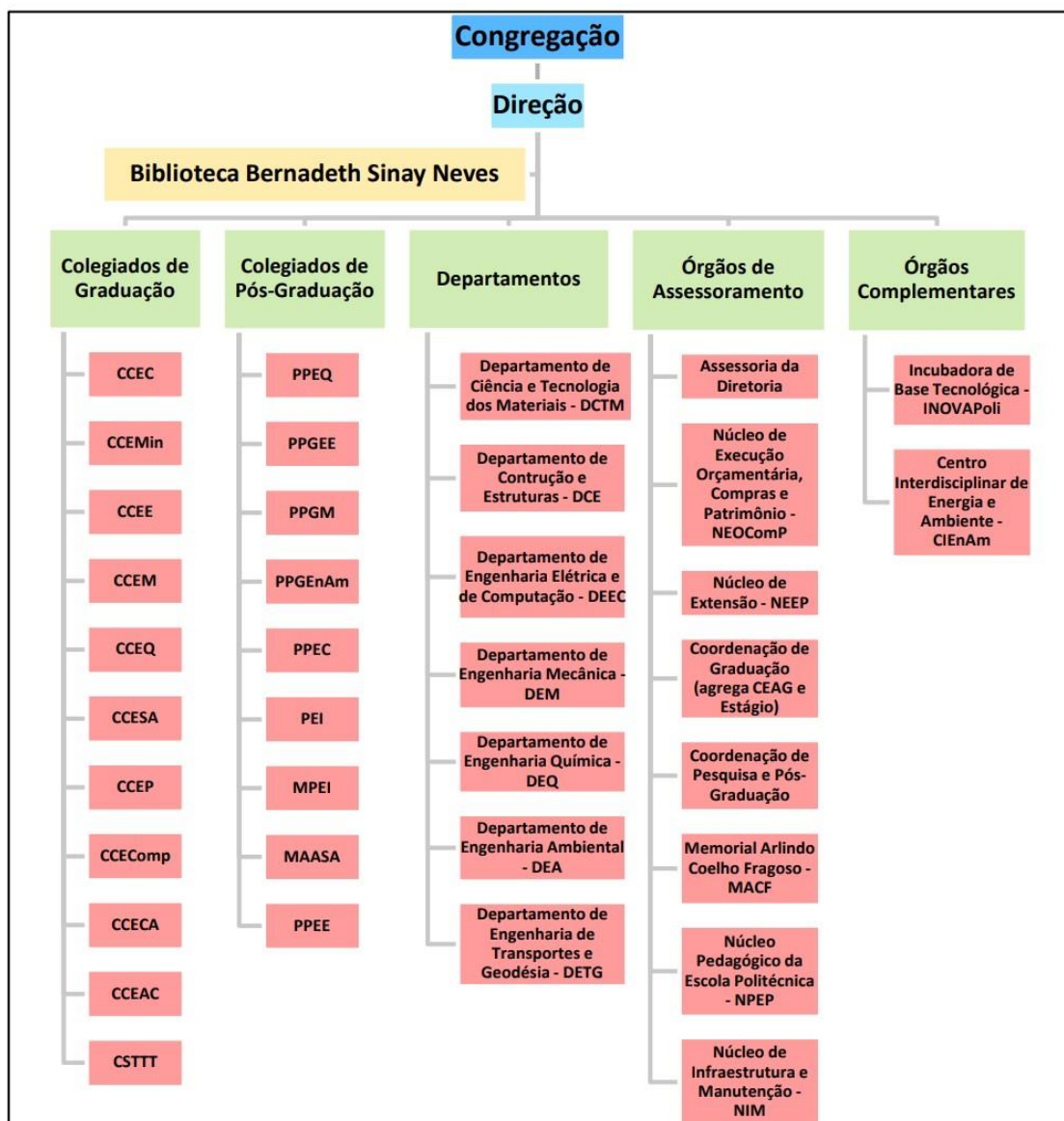
A parceria com os professores da EPUFBA tange as atividades de extensão (visitas técnicas/mediadas e projetos de extensão e inovação). No momento, as visitas técnicas/mediadas abarcam as turmas de Engenharia Civil, Elétrica, Sanitária e Ambiental, sendo atrelando o ensino ao acervo documental e museológico da EPUFBA. Normalmente ocorrem essas visitas com os discentes dos primeiros semestres dos respectivos cursos de graduação. Além disso, a parceria com os docentes da EPUFBA abarca um Grupo de Trabalho, intitulado GT-Acervo Técnico, para análise e aproveitamento dos acervos técnicos dos seus ex-docentes, a exemplo do engenheiro civil e sanitarista Nelson Gandur Dacach, no desenvolvimento de iniciativas técnico-científicas, de extensão e didáticas com foco na difusão de conhecimentos no âmbito da Arquivologia, Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental, composto por servidores docentes e técnicos-administrativos. Os objetivos do GT:

- 1) Estudar as Interfaces entre Engenharia Sanitária e Ambiental e Arquivologia por meio dos acervos técnicos;
- 2) Difundir os acervos técnicos perante a comunidade acadêmica, profissional e a sociedade em geral;
- 3) Estabelecer atividades técnico-científicas com o envolvimento de discentes dos cursos de graduação e pós-graduação de engenharia e arquivologia;
- 4) Desenvolver atividades didáticas que possam contribuir para o desenvolvimento dos futuros profissionais, formados na Escola Politécnica e áreas afins;
- 5) Realizar atividades de extensão e parcerias técnico-acadêmicas no intuito de aproveitar o potencial dos acervos técnicos;

6) Estimular a doação de outros acervos técnicos para aproveitamento no desenvolvimento de atividades técnico-científicas e acadêmicas.

18. O MACF é um memorial híbrido, já que possui características de arquivo e de espaço museal. Como se insere na estrutura da UFBA que tem o CAD e um sistema de museus? E qual o lugar da MACF no organograma da EPUFBA?

No momento, o Memorial se insere na estrutura da UFBA como um memorial de uma unidade de ensino. A nossa proposta é que ele seja vinculado ao Sistema de Museus da UFBA. No organograma da EPUFBA, o mesmo aparece como um órgão de assessoramento, conforme ilustrado a seguir:



19. Quantos e quais projetos já foram desenvolvidos dentro do universo do MACF?

Os projetos desenvolvidos no MACF são listados a seguir:

2019 - 2020

Efetividade das ações de mediação e gestão da informação: busca pelo fortalecimento das relações entre biblioteca, memorial e seus usuários.

Descrição: Projeto intitulado "Efetividade das ações de mediação e gestão da informação: busca pelo fortalecimento das relações entre biblioteca, memorial e seus usuários", desenvolvido no período de 2019 a 2020, com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Tem como objetos de análise a Biblioteca Bernadete Sinay Neves e o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, ambos vinculados a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa. Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (1) .

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Raquel do Rosário Santos - Coordenador / Lívia Santos de Freitas - Integrante / Ingrid Paixão de Jesus - Integrante / Lucas Rodrigues Rosa - Integrante / Naara Miranda dos Anjos - Integrante.

2019 - Atual

Difusão de conhecimento técnico-científico e capacitação prática como ferramentas para estudos integrados de projetos de infraestruturas de saneamento básico

Descrição: A proposta refere-se à difusão de conhecimentos práticos e profissionais sobre Sistemas Condominiais e demais vertentes do saneamento básico, visando favorecer a universalização de infraestruturas de saneamento, por meio de regulações técnicas e a formação de recursos humanos capazes de desenvolver projetos, acompanhar etapas de execução, como também estabelecer rotinas de manutenção e orientações técnicas passíveis de aplicação em diversas localidades desprovidas de infraestruturas de saneamento básico. A socialização destes conhecimentos somente será possível, por meio de parcerias entre pesquisadores de Instituições de Ensino Superior - IES e profissionais que acumulam conhecimento prático e vivência em situações reais, tais como, MRM Engenharia Ltda e IPJ Engenharia Ltda, que são parceiros nesta proposta. Respondendo ao princípio inseparável entre ensino, pesquisa e extensão, essa proposta pode torna-se um demarcador no retorno do interesse sobre Sistemas Condominiais e demais técnicas de infraestruturas de saneamento, mobilizando a comunidade acadêmica para dar prosseguimento na difusão de conhecimentos técnicos, tendo como marco inicial o Programa Bahia Azul, e em um segundo momento a realização de projetos de pesquisa com viés prático, e a realização de treinamentos desenvolvidos inicialmente na Região Metropolitana de Salvador - RMS, e em regiões identificadas como prioritárias nesta pesquisa. Esta proposta vincula-se ao Convênio de Cooperação Técnica N.28/2019 registrado no Setor de Convênios e Contratos da UFBA, e publicado no DOU no dia 20/03/2019.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (6).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Vivien Luciane Viaro - Coordenador / André Luiz Andrade Simões - Integrante / Luciano Matos

Queiroz - Integrante / Viviana Maria Zanta - Integrante.

2018 - 2019

Projetos e estudos do engenheiro Nelson Dacach da Escola Politécnica da UFBA: reflexões a partir do acervo técnico e pessoal

Descrição: O projeto tem como proposta realizar intervenção arquivística e técnica junto ao acervo pessoal de Nelson Gandur Dacach, ex-docente da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Neste estudo, de caráter exploratório e descritivo, o foco é a identificação e descrição arquivística e técnica dos estudos preliminares e projetos de Nelson Gandur Dacach e os seus impactos na abrangência do saneamento na Bahia, com vistas aos padrões atuais aplicados em projetos de saneamento. A metodologia adotada para o desenvolvimento do presente estudo consistirá de revisão bibliográfica, pesquisa em fontes de dados secundários e primários e aplicação de questionários. As etapas necessárias para o desenvolvimento desta proposta encontram-se divididas em etapas: Etapa 01- Fundamentação Teórica; Etapa 02- Mapeamento e cadastro dos projetos; Etapa 03- Caracterização preliminar do contexto do saneamento nos municípios; Etapa 04 - Levantamento, seleção e contato com os municípios interessados; Etapa 05- Elaboração e aplicação de questionário; Etapa 06- Avaliação técnica dos projetos e estruturas de saneamento..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (1) .

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Vivien Luciane Viaro - Coordenador / Gabriela Pereira de Carvalho - Integrante.

2018 - 2019

Análise de projetos de saneamento e de novas tipologias técnicas a partir do mapeamento do acervo técnico de Nelson Gandur Dacach

Descrição: O projeto tem como proposta dar continuidade na difusão da atuação de Nelson Dacach, e os impactos decorrentes de sua atuação na Engenharia Sanitária e Ambiental baiana e brasileira, durante a sua vida acadêmica e profissional com vistas aos reflexos na atualidade. Vale destacar que esta pesquisa se encontra vinculada a um Grupo de Trabalho Acervo Técnico, criado pela direção da Escola Politécnica, por meio da Portaria n. 014/2018. O projeto possui bolsas dos seguintes editais: Edital PROAE 04/2018 e EDITAL PROPCI/UFBA 01/2018 PIBIC...

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (2).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Vivien Luciane Viaro - Coordenador / Gabriela Andrade dos Reis - Integrante / Bruno Fernandes Cambui - Integrante.

2018 - 2019

Identificação e tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes da Escola Politécnica da UFBA (1897 a 1969)

Descrição: A identificação e descrição do acervo documental de ex-discentes da Escola Politécnica da UFBA do período de 1897 a 1969 será a proposta para a continuação deste

projeto. Fundada em 12 de julho de 1896, como Instituto Politécnico da Bahia, a então Escola Politécnica da Bahia foi inaugurada em 14 de março de 1897. Em 1946, a Escola Politécnica da Bahia é incorporada à Universidade Federal da Bahia. Ao longo dos seus 120 anos, esta unidade de ensino acumulou um acervo documental que delineia uma trajetória de crescimento, transformações e consolidação da Escola. Este estudo se caracterizará como documental e de levantamento. Este projeto de pesquisa é uma continuação das edições do Programa Permanecer 2014, 2015 e 2017.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (2).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Coordenador / Darislene Bastos Santos - Integrante / João Pedro Batista de Oliveira - Integrante / Ítalo Barbosa de Azevedo Luz - Integrante.
Financiador(es): Universidade Federal da Bahia - Bolsa.

2018 - 2019

Mediação, gestão da informação e a web social no arquivo e na biblioteca: práticas de (re)significação para a construção do conhecimento

Descrição: Projeto intitulado "Mediação, gestão da informação e a web social no arquivo e na biblioteca: práticas de (re)significação para a construção do conhecimento", desenvolvido no período de 2018 a 2019, com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Tem como objetos de análise a Biblioteca Bernadette Sinay Neves e o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, ambos vinculados a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.. Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (3) / Mestrado acadêmico: (1) .

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Raquel do Rosário Santos - Coordenador / Lívia Santos de Freitas - Integrante / Jade de Jesus dos Santos - Integrante / Ingrid Paixão de Jesus - Integrante / Lucas Rodrigues Rosa - Integrante / Naara Miranda dos Anjos - Integrante.

2018 - Atual

Grupo de Trabalho - GT Acervo Técnico

Descrição: Criado pela direção da Escola Politécnica, por meio da Portaria n. 014/2018 que, resumidamente, delimita como foco a difusão de conhecimentos no âmbito da Arquivologia, Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental, por meio do acervo técnico de Nelson Gandur Dacach, no desenvolvimento de atividade técnico-científicas e didáticas que possam colaborar no desenvolvimento dos futuros profissionais. Ademais, realizar parcerias técnico-acadêmicas e atividades de extensão e, por fim, estimular a doação de outros acervos técnicos para o aproveitamento no ambiente acadêmico. Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (6).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Vivien Luciane Viaro - Coordenador / André Luiz Andrade Simões - Integrante.

2017 - 2018

Acervo documental de ex-discentes da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período de 1897 a 1968

Descrição: A identificação e o tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes (dossiês) da Escola Politécnica da UFBA (EPUFBA) será a proposta deste projeto. A perspectiva é dar continuidade aos projetos permanecer 2014 e 2015 que tinham como proposta a identificação do referido acervo documental de ex-discentes do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Nesse sentido, interessa-se por conhecer a trajetória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA), fundada em 14 de março de 1897, durante o período de 1897 a 1969 (ano em que os dossiês de ex-discentes passaram a ser custodiados na Secretaria Geral de Cursos/UFBA). O objeto do presente projeto será o acervo documental textual dos discentes da EPUFBA do mencionado período, a ser identificado e tratado tecnicamente.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (1).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Coordenador / Darislene Bastos Santos - Integrante / José Nilton Silva dos Santos Junior - Integrante.

2017 - 2018

Análise do acervo de Nelson Dacach com vistas aos aspectos técnicos atuais aplicados em projetos de saneamento

Descrição: O projeto tem como proposta realizar intervenção arquivística e técnica junto ao acervo pessoal de Nelson Gandur Dacach, ex-docente da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Neste estudo, de caráter exploratório e descritivo, o foco é a identificação e descrição arquivística e técnica dos estudos preliminares e projetos de Nelson Gandur Dacach e os seus impactos na abrangência do saneamento na Bahia, com vistas aos padrões atuais aplicados em projetos de saneamento. A metodologia adotada para o desenvolvimento do presente estudo consistirá de revisão bibliográfica, pesquisa em fontes de dados secundários e primários e aplicação de questionários. As etapas necessárias para o desenvolvimento desta proposta encontram-se divididas em etapas: Etapa 01- Fundamentação Teórica; Etapa 02 Mapeamento e cadastro dos projetos; Etapa 03 Caracterização preliminar do contexto do saneamento nos municípios; Etapa 04 - Levantamento, seleção e contato com os municípios interessados; Etapa 05 Elaboração e aplicação de questionário; Etapa 06 Avaliação técnica dos projetos e estruturas de saneamento.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (6).

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Vivien Luciane Viaro - Coordenador / Mozart de Nola Cardoso - Integrante / Evellin Ariadne Ribeiro Santos - Integrante / Esther Evangelho Santa Clara Soares - Integrante / Rafael Moreira Sousa - Integrante / Alice Silva Queiroz - Integrante.

2016 - 2018

Identificação do acervo documental de discentes e servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período da ditadura civil-militar brasileira (1964 a 1985)

Descrição: A identificação e o tratamento técnico do acervo documental de ex-discentes e ex-servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica da UFBA será a proposta deste projeto. Fundada em 12 de julho de 1896, como Instituto Politécnico da Bahia, a então Escola Politécnica da Bahia foi inaugurada em 14 de março de 1897. Em 1946, a Escola Politécnica da Bahia é incorporada à Universidade Federal da Bahia. Ao longo desta história, esta unidade de ensino acumulou um acervo documental que delinea uma trajetória de crescimento, transformações e consolidação da Escola e, portanto, de considerável relevância para a sociedade baiana em geral, bem como a comunidade acadêmica, científica e profissional. As reflexões deste projeto decorrem de outro projeto de pesquisa em andamento, inserido no Programa Pense, Pesquise e Inove a UFBA (PROUFBA/2013). O projeto, intitulado Acervo documental e museológico de docentes da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período da Ditadura Militar (1964 a 1985) tem como objetivo identificar os docentes da Escola Politécnica do período da ditadura civil-militar brasileira e as ações dos mesmos em relação à ordem vigente. No presente estudo, o foco é o resgate do acervo documental de discentes e servidores técnico-administrativos da Escola Politécnica, por intermédio da identificação e descrição arquivística, com o intuito de mapear e identificá-los, reconstituindo à atuação, bem como a contribuição administrativa, científica e social dos mesmos no referido período. Este estudo se caracterizará como exploratório, bibliográfico, documental e de levantamento, no qual os dados obtidos serão analisados numa abordagem sócio-histórica, a fim de possibilitar sua inter-relação com o contexto social do período da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985) no qual os discentes e servidores técnico-administrativos e a Escola Politécnica estavam inseridos..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
 Alunos envolvidos: Graduação: (5)

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Coordenador / Anne Alves da Silveira - Integrante / Darislene Bastos Santos - Integrante / Lívia Gomes Côrtes - Integrante / Maria Paula Borges Carvalho - Integrante / Mozart de Nola Cardoso - Integrante.

2015 - 2016

Identificação do acervo documental de discentes da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985)

Descrição: A identificação e o tratamento técnico do acervo documental de discentes da Escola Politécnica da UFBA será a proposta deste projeto. Fundada em 12 de julho de 1896, como Instituto Politécnico da Bahia, a então Escola Politécnica da Bahia foi inaugurada em 14 de março de 1897. Em 1946, a Escola Politécnica da Bahia é incorporada à Universidade Federal da Bahia. Ao longo desta história, esta unidade de ensino acumulou um acervo documental que delinea uma trajetória de crescimento, transformações e consolidação da Escola e, portanto, de considerável relevância para a sociedade baiana em geral, bem como a comunidade acadêmica, científica e profissional. No presente estudo, o foco é o resgate do acervo documental de discentes da Escola Politécnica, do período de 1964 a 1985, por intermédio da identificação e descrição arquivística, com o intuito de mapear e identificar os discentes, reconstituindo à sua atuação no referido período. Este estudo se caracterizará como exploratório, bibliográfico, documental e de levantamento, no qual os dados obtidos serão analisados numa abordagem sócio-histórica, a fim de possibilitar sua inter-relação com o contexto social do período da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985) no qual os discentes e

a Escola Politécnica estavam inseridos..
Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (1) .

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Coordenador / Deisiane Lima dos Santos - Integrante.

2014 - 2016

Acervo documental e museológico de docentes da Escola Politécnica da UFBA: Resgate histórico do período da ditadura militar (1964 a 1985)

Descrição: O mapeamento e tratamento técnico do acervo documental e museológico dos docentes da Escola Politécnica da UFBA do período da ditadura militar é a proposta deste projeto. O recorte histórico analisado contempla os anos de 1964 a 1985. O estudo se caracteriza como exploratório e descritivo, no qual os dados obtidos serão analisados numa abordagem sócio-histórica a fim de possibilitar sua inter-relação, bem como sua relação com o contexto social no qual estavam inseridos. Situação:

Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Graduação: (2) .

Integrantes: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral - Integrante / Cláudia Maria Guanais Aguiar Fausto - Coordenador / Jorge Lincoln Regis dos Santos - Integrante / Ceci Bastos de Souza Pardo Casas - Integrante / Anne Alves - Integrante.
Financiador(es): Universidade Federal da Bahia - Auxílio financeiro.

20. Como você vê os novos memórias que estão surgindo na UFBA?

Um cenário extremamente positivo e imprescindível para evidenciar a comunidade científica, acadêmica e profissional ao longo dos 70 anos da UFBA. Muitas das unidades de ensino são mais antigas do que a própria UFBA, a exemplo da Faculdade de Medicina, Direito e da Escola Politécnica. E os trabalhos de identificação e preservação dos acervos custodiados nas unidades de ensino fortalecerão a memorial institucional da UFBA.

Apêndice J - Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INSTITUTO DE CIÊNCIA EM INFORMAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada colaboradora,

Esta pesquisa intitulada, “O Memorial Arlindo Coelho Fragoso: como lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia” é parte do processo de dissertação do Programa de pós-graduação em ciência da informação da UFBA. Solicitamos a sua colaboração e autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos, bem como publicar em revista/livro científica na área da Arquivologia, Museologia e Ciência da Informação.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a Senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e publicação dos resultados.

Assinatura

Anexo A

